



Centro de Competência de Artes e Humanidades

Relatório de Estágio apresentado à Universidade da Madeira
para obtenção do grau de Mestre em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e
no Ensino Secundário

Orientação: Professor Doutor Vítor Magalhães

Helena de Fátima Lopes Rodrigues

2010

Índice	Pág.
Agradecimentos.....	5
Resumo.....	6
1. Objectivos	8
2. Justificativas	8
3. Objecto de estudo.....	9
Parte I - DESIGN ECOLÓGICO EM PORTUGAL.....	12
1.1 Introdução.....	12
1.2 Revisão de documentação especializada.....	12
1.3 Metodologia.....	14
Capítulo 1	16
1.1 Enquadramento	16
1.2 A questão da Sustentabilidade.....	20
Capítulo 2	22
2.1. Ecologia e Arquitectura	22
2.2. Ecologia e Arte	25
2.3. Ecologia e Design	28
Capítulo 3	33
3.1 Design Ecológico em Portugal	33
3.2 Iniciativas no âmbito do design ecológico.....	34
3.3 Principais representantes na actualidade.....	39
3.4 Estudo de caso	46
4. Conclusões.....	51
5. Aplicação do estudo ao Ensino.....	52
Parte II - PROJECTO DE INICIAÇÃO À PRÁTICA DOCENTE, ENSINO SUPERVISIONADO.....	53
Introdução.....	53
Capítulo 1 - Processo de Ensino / Aprendizagem - As Artes Visuais no Ensino Secundário	54
1. Caracterização da Escola e da Turma	54
1.1 A Escola.....	54
1.2 A Turma.....	54
2. Caracterização da disciplina de Desenho A.....	58
3. Formação e Acção Pedagógica	58
3.1 Observação de aulas.....	59

3.2 Acção Pedagógica	63
3.3 Relação entre a temática do trabalho de investigação científica e a prática pedagógica	65
3.4 Competências trabalhadas	66
3.5 Relação Pedagógica com os alunos	67
3.6 Relação Pedagógica com as colegas de estágio	67
3.7 Relação Pedagógica com a docente orientadora	68
4. Avaliação em Desenho A	68
4.1 Operacionalização da avaliação nas aulas leccionadas.....	68
5. Auto-avaliação	69
Capítulo 2 - Processo de Ensino / Aprendizagem - As Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico	70
1.1 A Escola.....	70
1.2 A Turma	71
2. Caracterização da disciplina de Educação Visual	73
3. Formação e Acção Pedagógica	74
3.1 Observação de aulas	74
3.2 Acção Pedagógica	78
3.3 Relação entre a temática do trabalho de investigação científica e a prática pedagógica	82
3.4 Competências trabalhadas	83
3.5 Relação Pedagógica com os alunos	84
3.6 Relação Pedagógica com as colegas de estágio	84
3.7 Relação Pedagógica com a docente orientadora	85
4. Avaliação em Educação Visual	86
4.1 Operacionalização da avaliação nas aulas leccionadas.....	86
5. Auto-avaliação	87
Conclusões	88
Análise Crítica do Relatório	90
Referências bibliográficas	91
Índice de Fontes:	94

Agradecimentos

Apesar da maior parte do trabalho de mestrado decorrer num processo solitário, não seria o mesmo sem o contributo de diversas pessoas importantes para a sua realização e aperfeiçoamento.

Ao Professor Doutor Vítor Magalhães, orientador da dissertação, agradeço o apoio, a partilha do saber e a disponibilidade sempre demonstrada. Acima de tudo, obrigada por estimular o meu interesse pelo conhecimento.

Às colegas de mestrado que colaboraram comigo na investigação científica e prática pedagógica, partilhando perspectivas e raciocínios. A todos, obrigada pela oportunidade de aprender e evoluir num clima de companheirismo.

Aos docentes da cadeira de seminário que tentaram transmitir conhecimentos e observações com o intuito da progressão do trabalho teórico e prático.

Às docentes cooperantes que me acompanharam na componente pedagógico-didáctica e às respectivas Escolas que nos receberam como estagiárias. Obrigada pelo seu contributo e acolhimento no seio escolar.

Às entrevistadas que colaboraram na componente prática do estudo científico, Engenheira Isabel Brarens do Centro Português de Design e à designer Alda Tomás. Obrigada a ambas pelo enorme interesse e disposição em colaborar logo que solicitada a sua ajuda.

Sou muito grata a todos os meus familiares pelo incentivo recebido ao longo destes dois anos.

Ao meu namorado Luís, agradeço a compreensão pelo tempo entregue aos trabalhos de mestrado. Aos meus pais, o incentivo e a força transmitida.

O meu profundo e sentido agradecimento a todas as pessoas que contribuíram para a concretização desta dissertação, estimulando-me intelectual e emocionalmente.

Resumo

Olhar a forma como o design em Portugal tem abordado as questões ecológicas, após um breve enquadramento é o primeiro objectivo deste estudo.

As questões ambientais têm sido debatidas sobretudo a partir da década de 1970 e para que tal acontecesse foi muito importante a denúncia de determinados sectores, nomeadamente a área artística. O design, pela sua génese, tem sido o espaço que mais se tem debruçado sobre esta questão, trazendo sugestões inovadoras tanto a nível de produtos como ao nível do processo de concepção do mesmo. Neste contexto, o conceito de ecodesign e de sustentabilidade são determinantes para compreender as mudanças sociais que estão a ocorrer e o caminho a seguir para serenar o convívio entre o Homem e a Natureza.

É interessante também olhar para a área do marketing, a sua forma de actuação em relação à promoção dos produtos ecológicos e ao próprio conceito em si, pois é uma das áreas que mais intervém com o público. Utilizando os órgãos de comunicação sociais, é talvez aquela que mais poderá influenciar atitudes.

A percepção deste fenómeno, de abrangência global, é determinante para a conduta que se impõe adoptar o quanto antes, daí a pertinência de levar esta questão ao ensino básico e secundário. A forma como o podemos abordar neste contexto é o objectivo primordial do presente trabalho.

Palavras-chave: Questões ambientais, Ecodesign em Portugal, ensino

Abstract

The first objective of this study is to look at the way Portuguese design has dealt with ecological issues, after a brief exposure.

Environmental issues have been a matter of discussion since the 1970s thanks to the participation of certain sectors, like the arts. Since the beginning, design has brought many new ideas involving the products, as well as the design process used in to fabricate them.

This is where the concepts of ecodesign and sustainability come in, because they are crucial in understanding the social changes that are occurring and what we should do in order to create harmony between man and nature.

It is also interesting to look at the area of marketing, because using social media is one of the best ways to influence audiences and attitudes, and it can be done by promoting eco-friendly products.

This is a global phenomenon, so in order to create a new attitude, it's essential to start by educating our children, specially in Middle and High School. This thesis will focus on what can be done to achieve this goal.

Keywords: Environmental issues, Ecodesign in Portugal, teaching

1. Objectivos

Embora todos tenhamos consciência da importância do tema Ecologia, sobretudo no mundo ocidental, assiste-se a um estado de coisas um tanto ao quanto duvidoso no que diz respeito à seriedade de algumas marcas (entenda-se produtos), no tratamento deste tema.

As desordens climáticas que já ouvimos falar desde há alguns anos a esta parte estão agora a manifestar-se de formas cada vez mais próximas de nós e mais evidentes. Importa então avaliar as medidas internacionais e nacionais para desacelerar estas manifestações da Natureza.

Uma outra questão que se coloca é: Ecologia, oportunismo ou preocupação real? O rótulo de produto ecológico será fruto de uma preocupação ecológica real, traduzida em produção respeitadora do ambiente, testada sem recurso a animais, com material reciclado; ou se, por outro lado, é apenas uma estratégia para alargar o mercado, facilitando as vendas a consumidores mais preocupados com o ambiente? Em relação à última hipótese, será também pertinente averiguar quais as consequências reais resultantes desta atitude.

Todas estas questões assumem actualmente uma grande pertinência, sendo extremamente importante que as camadas mais jovens da nossa sociedade tenham esta consciência pois interferirão certamente com o seu futuro, já que esta é uma problemática que se manifesta a nível mundial.

Levar este entendimento até ao ensino, com o objectivo de despertar consciências, olhando para as realidades que temos mais próximas de nós é o objectivo primeiro deste estudo. Para cumprir tal premissa, foi necessário primeiro, compreender a forma como os designers portugueses acompanham a questão ecológica, quais as suas práticas profissionais e as razões pelas quais o praticam.

2. Justificativas

O tema é extremamente actual, factor relevante para a sua escolha. Analisar questões que foram apenas levantadas há cerca de trinta anos e que evoluem constantemente, é um enorme desafio. Este, permite analisar a nossa própria actualidade, reflectir sobre ela e intervir no presente e no futuro.

As investigações existentes sobre esta matéria estão excessivamente compartimentadas. Assim, o estudo a efectuar pretende preencher esta lacuna existente, reunindo a informação e relacionando-a de uma forma transversal. O material existente sob Design Ecológico em Portugal resume-se a alguns artigos publicados na imprensa escrita, onde há a descrição de algumas peças produzidas mas aprofundam pouco as questões adjacentes a este. Mais incomum é ainda a referência deste tema em trabalhos relacionados com a prática de ensino das artes visuais.

Assim, pretende-se realizar um estudo sobre Ecologia como pequena introdução ao assunto principal: Design Ecológico em Portugal, retratar e analisar a forma como artistas, arquitectos, designers e profissionais do marketing lidam com as questões ambientais; como o conceito ecológico é transmitido nas suas obras/produtos, com um enfoque especial no design português.

A motivação para realizar este estudo relaciona-se também com a possibilidade do estudo poder ter uma aplicabilidade na área de ensino das artes, sendo este um factor bastante relevante. O tema enquadra-se no âmbito de diversas disciplinas, desde a Educação Visual e Educação Tecnológica do terceiro ciclo de ensino às disciplinas de secundário: História e Cultura da Arte, Oficinas das Artes, entre outras.

3. Objecto de estudo

O levantamento das questões da investigação é pertinente após a década de 1970, quando as questões ambientais passam mais para o domínio público. Esta tomada de consciência vem na sequência de uma série de catástrofes recentes: iniciadas no Japão em 1932, onde foram bombeados excedentes de mercúrio na Baía de Minamata; seguiram-se depois diversos episódios de intoxicação em grande escala, acidentes nucleares e fabris, sendo considerada a segunda maior tragédia ecológica provocada pelo homem no século XX o incêndio de mais de 500 poços de petróleo no Kuwait, no fim da Guerra do Golfo. Além destas, existem outras situações como a morte lenta das florestas, as chuvas ácidas, o efeito de estufa (a temperatura média global aumentou mais de 0,7°C no século XX), a diminuição da camada do ozono (em que os CFC são altamente responsáveis) que levaram a população a aperceber-se da forma como a sociedade de consumo marca a nossa “a aldeia global” (McLuhan).

Acerca destas questões, existem muitas publicações e artigos que enquadram as ocorrências ou catástrofes ambientais, bem como os encontros internacionais e medidas tomadas a nível nacional e internacional. Muitas das publicações são relatórios de organizações internacionais com estatísticas do estado actual do planeta e os esforços efectuados para o seu melhoramento.

Os artistas, designers e arquitectos têm sido um importante veículo que, através das suas obras, chamam à atenção para estas questões globais. No entanto as publicações inteiramente dedicadas a este tema são uma raridade e encontram-se em língua inglesa; em português temos sobretudo artigos científicos e análises de obras de artistas, designers ou arquitectos que desenvolvem o seu trabalho, tendo em conta as questões ecológicas. Interessa então debruçarmo-nos sobre a obra de artistas e designers de diversas áreas, nacionais e internacionais, nos quais recai o rótulo de artista com preocupações ambientais.

Após a II Guerra Mundial os consumidores passaram a ter maior oferta de produtos do que a procura, o que abriu caminho para o marketing. Nos anos 70 e 80 a consciencialização ambiental tomou proporções mais alargadas do que até então, tendo para tal contribuído os encontros internacionais para a discussão das questões ambientais. A crescente preocupação dos governos veio chamar a atenção do consumidor, agora com fundamentação mais segura. Apesar destas questões continuarem a ser actuais, é importante perceber se as estratégias utilizadas pelo marketing ajudam a inculcar conceitos ecológicos ou, se estão a tentar tirar partido do rótulo ecologia, sendo este apenas mais uma estratégia para atingir determinado consumidor.

Título: DESIGN ECOLÓGICO EM PORTUGAL – AS SUAS PRÁTICAS E O ENSINO

Parte I - DESIGN ECOLÓGICO EM PORTUGAL

1.1 Introdução

As desordens climáticas, perspectivadas por alguns ecologistas alarmistas e retratadas em filmes de ficção científica, capazes de causar danos irreversíveis no planeta vêem-se como possíveis, caso o nosso estilo de vida se mantenha inalterado. Enquanto isso, os países emergentes sustentam o seu desenvolvimento económico na produção em massa, desenfreada, sem olhar aos custos e consequências sociais, culturais, económicas e ambientais que todos podemos pagar.

As áreas artísticas e em especial o design têm olhado constantemente para o ambiente e para os problemas onde a nossa sociedade está inserida, antecipando o futuro, na tentativa de o melhorar. A forma como estes objectivos se materializam será também objecto de análise deste estudo.

Com o intuito de despertar consciências e fomentar uma visão crítica acerca destas questões, o tema é trabalhado no ensino básico e secundário.

1.2 Revisão de documentação especializada

Nesta revisão bibliográfica procura-se esclarecer alguns conceitos mais comuns na documentação encontrada sobre esta temática e fazer um levantamento sobre a forma como o design se relaciona com a questão da sustentabilidade, como poderá contribuir para a projecção do nosso futuro. Foi ainda importante tomar conhecimento sobre as últimas avaliações realizadas no que diz respeito ao estado das condições climáticas do nosso planeta.

No que diz respeito à publicação sobre as questões ecológicas e as alterações climáticas ocorridas no planeta, existem diversos documentos, dos quais se destaca o relatório anual “Sinais” publicado pela Agência Europeia do Ambiente (AEA), onde a Professora Jacqueline McGlade, directora executiva da AEA, Copenhaga, nos deixa as seguintes declarações:

“As emissões de gases com efeito de estufa são apenas um sintoma de uma questão mais profunda: a nossa incapacidade de viver de forma sustentável. Contudo, a amplitude destes problemas ambientais não nos deve paralisar na inactividade mas deve sim aumentar a nossa sensibilização e encorajar-nos a desenvolver novos padrões de vida, crescimento, produção e consumo mais sustentáveis.” (*EEA Signals 2009*, p.5)

“Acima de tudo, precisamos de ganhar mais humildade acerca do mundo natural porque, tal como os povos indígenas perceberam há muito, devemos de uma vez por todas respeitar a natureza. A natureza tem regras e limites próprios. O nosso mundo natural é o berço – não o cenário – da nossa sociedade.” (*Ibidem*)

Joe Smith, professor da Universidade Aberta do Reino Unido, orador na conferência *The Media and Environment between complexity and urgency*, refere “se nós pensarmos que as alterações climáticas são mais uma nova história, estamos a subestimar o seu significado”¹.

Segundo Ezio Manzini é imprescindível que a sociedade actual consiga viver de uma forma diferente, em que o bem-estar e riqueza não sejam medidos pela produção e consumo de bens. Precisamos aprender a viver melhor consumindo muito menos, melhorando a qualidade dos nossos contextos de vida. (Manzini, 2006, p.3)

Para compreendermos melhor as razões das preocupações ambientais, Almeida (citado por Fachinetto et al. 2006, p.3) faz um paralelismo entre a indústria e a cadeia alimentar: “todos os organismos pertencentes a um ecossistema, os seres humanos e suas empresas têm algo em comum: produzem detritos. Entretanto, nos ecossistemas o que é detrito para uma espécie, é a alimento para outra, assim a natureza está sempre reciclando.” Ora isto não acontece na maioria da indústria que temos hoje, sobretudo nos países emergentes.

Fachinetto et al. refere que “dada a natureza e a dimensão dessa mudança, temos que fazer a transição para a sustentabilidade (e, em particular, no sentido de formas sustentáveis de vida) (...) a descontinuidade do sistema é necessário.” (Fachinetto et al. 2006, p.3)

Importa, antes de mais, esclarecer dois conceitos importantes que doravante surgirão em diversos contextos neste trabalho: “design verde” e eco-design.

Segundo as actas do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design (2008), Victor Papanek é considerado um pioneiro no campo do “design verde”, em que o design se deveria manter fiel em responder às necessidades

¹ Conferência realizada entre 2 e 3 de Abril de 2009, organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian, a Agência Europeia do Ambiente e o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa.

humanas mas agora mais centrado no homem, na ecologia e na ética. Após a crise energética de 1970 intensificou-se a vertente ecológica, defendendo a utilização das energias alternativas, a vida comunitária e a autoconstrução.

Por outro lado, mas não em oposição, o Eco-design é tido como um conceito bastante mais alargado em que “não se trata mais apenas de eco-produtos, mas de eco-gerência de produtos, incluindo todo o acompanhamento do processo, procurando reduzir os impactos ecológicos por meio de desenvolvimentos de sistemas, de gerência do meio ambiente, orientada para o ciclo de vida completo do produto e não somente a fase de produção”. (Castro, M. de & Carraro, C., 2008, p.795)

Assim, a ideia da necessidade de existir uma estreita relação entre o design e a sustentabilidade começou a consolidar-se. Para tal contribuiu em grande medida o conhecido encontro de 1992, a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Rio-92) onde foi redigida e assinada a Agenda 21, em que se estabelecem critérios de desenvolvimento sustentável à escala mundial.

1.3 Metodologia

Dado o objecto do estudo ser a compreensão da forma como o design português tem tratado as questões ambientais, trata-se de uma investigação descritiva.

Assim, é importante apurar estas questões numa visão histórica, desde os anos sessenta e setenta do século XX, altura em que as preocupações ambientais começaram a sobressair. Para tal, é necessária uma investigação documental, nas diversas áreas de estudo.

Posto isto, foram seguidos dois campos de investigação, complementares entre si:

a) Análise documental: nesta primeira abordagem far-se-á uma investigação mais abrangente a nível teórico, como forma de integrar o tema estudado, conhecendo o contexto da arte e da arquitectura ecológica, documentada com citações e imagens. Esta, contempla a visão de cada artista acerca desta problemática, exemplificando-a. Um outro ponto importante da análise documental relaciona-se com o conhecimento de meios legais em vigor, resultantes das preocupações ecológicas a nível nacional e internacional.

b) Investigação qualitativa: num trabalho mais específico, a investigação qualitativa procura compreender os casos especiais, caracterizando as suas obras, pela opinião directa do designer. Esta componente pretende enquadrar e compreender a especificidade do caso português, a forma como os designers nacionais tratam as questões ecológicas e com esse objectivo foram realizadas duas entrevistas, efectuadas especificamente para este estudo. As questões foram colocadas directamente às duas entrevistadas, que responderam por via electrónica.

- Entrevista à Eng. Isabel Brarens do Centro Português de Design.
- Entrevista a Alda Tomás, designer de produto da SPAL.

Depois de uma primeira fase de pesquisa bibliográfica acerca do tema, foram estabelecidos contactos com o Centro Português de Design, a fim de aferir a opinião deste órgão acerca do tema em questão.

Foram também estabelecidos contactos com a designer Alda Tomás para averiguar a sua disponibilidade em conceder uma entrevista, onde o testemunho do seu trabalho seria um grande contributo.

Após esta fase, houve lugar à formulação das questões e posterior análise das entrevistas, além de proceder simultaneamente à recolha e estudo bibliográfico.

Capítulo 1

1.1 Enquadramento

A relação entre o Homem e a Natureza foi sempre relativamente pacífica, mas, à medida que ocorreu o desenvolvimento industrial e tecnológico, fomos diminuindo o nosso cuidado em relação àquilo que nos rodeia.

Manzini, em relação ao conceito actual de conforto, refere a sua origem: “a ideia corrente de bem-estar actual surgiu com a descoberta entusiasta artefatos que poderiam trabalhar para nós como escravos modernos mecanizada (...), veio a ideia de bem-estar como a redução do envolvimento pessoal.” (2006, p.4)

O aumento da produção de bens de consumo e a exploração exaustiva dos recursos do planeta encaminham-nos para episódios catastróficos em grande escala, que nos fazem perceber finalmente a dimensão e a gravidade destas questões. Acerca desta tomada de consciência, Boaventura Sousa Santos diz-nos: “Ao longo das últimas quatro décadas, os movimentos ecológicos foram ganhando credibilidade à medida que a investigação científica foi demonstrando que muitos dos argumentos por eles invocados se traduziam em factos indesmentíveis – a perda da biodiversidade, as chuvas ácidas, o aquecimento global, as mudanças climáticas, a escassez de água, etc. – que, a prazo, poriam em causa a sustentabilidade da vida na terra”. (Santos, 2007, s.p.)

Entre as atitudes sintomáticas da tomada de consciência ecológica, tanto por parte da sociedade em geral como dos governos e instituições, Caetano et al (2008, p. 17) destaca as seguintes acções:

- “Criação de Instituições para cuidar o meio ambiente, ao nível local, nacional e internacional, que mobilizam pessoas e recursos;
- Realização de encontros locais, nacionais e internacionais relacionados com o ambiente e com o conceito da sustentabilidade;
- Crescente mobilização mundial para a gravidade do declínio ambiental e suas consequências no mundo e nos seres humanos;
- Aperfeiçoamento de fontes renováveis de energia;
- Desenvolvimento de ferramentas em prol do ambiente, como: educação ambiental; licenciamento ambiental; legislação ambiental; criação de unidades de conservação (parques nacionais); engenharia ambiental, tecnologias limpas; reciclagem, entre outras.
- Envolvimento crescente de empresas na promoção e implementação de políticas ambientais e de educação ambiental.”

Os mesmos autores enumeram a cronologia dos encontros internacionais, onde se discutiu as questões ecológicas:

1972- Clube de Roma. Constituído em 1968, constituído essencialmente por economistas, publicaram “Os Limites do Crescimento” resultante de um estudo encomendado ao MIT sobre o impacto das actividades económicas no ambiente;

1972- Conferência de Estocolmo. Primeiro encontro para a discussão das questões ambientais, onde estiveram presentes representantes de 113 países, ONGs e organismos das Nações Unidas; Deste encontro resultou a criação do Dia Mundial do Ambiente (5 de Junho);

1974- 1º Congresso Internacional de Ecologia;

1975- Convenção Internacional cria a Carta de Belgrado;

1980- Comissão Brundtland – Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento;

1992- Conferência Rio-92, organizada pela ONU. A crescente preocupação global com o clima levou 179 países a adoptarem a Agenda 21;

1997- Protocolo de Quito;

1998- Conferência Internacional (ONU) na Grécia;

2000- Conferência em Haia, Holanda. Fixou as regras de aplicação do Protocolo de Quioto;

2002- Cimeira de Joanesburgo;

2003- Apresentação do Plano Nacional para as Alterações Climáticas em Portugal;

2005- Conferência Internacional de Montreal;

2006- Conferência das Nações Unidas, em Nairóbi, sob o tema Alterações Climáticas;

2009- Cimeira de Copenhaga.

Em relação ao Protocolo de Quioto, assinado e ratificado também pelo nosso país, e no seu seguimento, o Conselho de Ministros de 17 de Abril de 2008 aprovou uma Resolução para o Plano Nacional de Acção para a Eficiência Energética (2008-2015), estabelecendo como meta a alcançar até 2015 a implementação de medidas de melhoria de eficiência equivalentes a 10% de consumo final de energia.

As medidas tomadas enquadram-se nas seguintes áreas:

- Transportes (como exemplo a redução, até 2015, de 20% do parque automóvel com mais de 10 anos)
- Residência e Serviços (com medidas de incentivo à reabilitação urbana; o programa de substituição de electrodomésticos e lâmpadas energeticamente ineficientes)
- Indústria
- Estado



- * Verde : Países que ratificaram o protocolo.
- * Amarelo : Países que ratificaram, mas ainda não cumpriram o protocolo.
- * Vermelho: Países que não ratificaram o protocolo.
- * Cinzento : Países que não assumiram nenhuma posição no protocolo.

Figura 1- Mapa sobre as posições tomadas acerca do Protocolo de Quioto, Março de 1999

Acerca da perspectiva do encontro de Copenhaga, Jacqueline McGlade, directora executiva da AEA, referia, em entrevista à revista *Visão*:

“(tentaremos) compromissos sérios de todos os envolvidos, sobretudo com o apoio dos países americanos e das maiores nações em vias de desenvolvimento como a Índia e a China” (8 de Abril de 2009, p. 84).

O relatório publicado pela Agência Europeia do Ambiente (2009) faz referência ao cumprimento das metas estabelecidas internacionalmente, no caminho apontado por Quioto: “A nível nacional, a França, Grécia, Suécia e Reino Unido já alcançaram as suas metas em 2006. A Áustria, Bélgica, Finlândia, Alemanha, Irlanda, Luxemburgo, Holanda e Portugal projectaram que iriam atingir as suas metas, mas as projecções da Dinamarca, Itália e Espanha indicam que eles não conseguirão atingir os seus objectivos na redução das emissões.” (p.9)

Acerca da perspectiva deste encontro - a Cimeira de Copenhaga - McGlade (2009) refere que a União Europeia tentará compromissos sobre as metas a alcançar, sobretudo da parte dos países emergentes e Estados Unidos, países que não ratificaram o Protocolo de Quioto. A União Europeia propunha uma redução de 20% de emissões globais de CO₂ até 2020, com um aumento para 30%, caso as outras nações desenvolvidas se comprometessem em Copenhaga a reduzir as suas emissões de CO₂; todos os 27 Estados-membros da UE serão incluídos.

Ocorrido então o encontro em Copenhaga, a Conferência sobre Alterações Climáticas da ONU realizada na cidade com o mesmo nome, entre 7 e 19 de Dezembro de 2009, a desilusão é o principal advindo deste evento. Embora toda a comunidade internacional tivesse consciência da dificuldade em encontrar uma plataforma de entendimento em questões ambientais, as expectativas eram altas para a Cimeira de Copenhaga. No entanto aquilo que a Europa pretendia não foi alcançado. Durão Barroso, actual presidente da Comissão Europeia, demonstra a sua decepção sem reservas: "Sinceramente, este nível de ambição não corresponde às nossas expectativas".(Barroso, 2009, s.p.)

As intensas negociações entre os 193 países apenas resultaram num acordo de compromisso voluntário, em relação ao qual os países participantes poderiam declarar-se associados até ao final do mês de Janeiro.

O Parlamento Europeu sintetizou, do seguinte modo, a Conferência e o Acordo:

"O que não mudou

- Não foi celebrado um acordo vinculativo de redução das emissões de dióxido de carbono a curto prazo;
- Não foi celebrado um acordo vinculativo de redução de 50% das emissões a longo prazo;
- O Acordo não é vinculativo e apenas reconhece a necessidade de evitar que as temperaturas aumentem mais de 2°C.

O que mudou

- Os países desenvolvidos comprometeram-se a contribuir com 30 mil milhões de dólares norte-americanos entre 2010 e 2012, para apoio climático aos países em desenvolvimento;
- Os países em desenvolvimento concordaram, pela primeira vez, em participar nos esforços de mitigação das alterações climáticas e demonstraram disponibilidade para que os seus esforços sejam sujeitos a "supervisão internacional".²

Mário Soares reflecte sobre os resultados da Cimeira de Copenhaga, partilhando a decepção sentida e pela maioria dos países desenvolvidos: " os egoísmos nacionais, o medo de perder as soberanias, em alguns países, se sobrepuseram à necessidade global de defender o nosso planeta ameaçado." (Soares, 2009, p.1)

² http://www.euroid.pt/pls/wsd/wsdwcot0.detalhe?p_cot_id=5608

Esta situação é atribuída, em parte, às influências e interesses por parte daqueles que procedem à extracção dos recursos fósseis e por outro lado, pelos países que estão agora a desenvolver-se, em muitos casos a ritmo acelerado devido à agnosia de princípios e regras ecológicas.

1.2 A questão da Sustentabilidade

Enzio Manzini refere-se à transição para a sustentabilidade como um processo de aprendizagem por parte dos humanos, que passa obrigatoriamente pela diminuição do consumo, o que implica uma nova concepção de diversas dimensões do nosso quotidiano. “Um sistema sustentável é uma rede integrada de pessoas, produtos, serviços e infra-estruturas que, como um todo, é coerente com os princípios fundamentais e caracterizam-se por um material de baixa intensidade energética e por um elevado grau de qualidade de contexto.” (Manzini, s.d., p.4)

Refere-se também à necessária transição para uma sociedade sustentável como um “amplo, longo, e muitas vezes contraditórias processo de aprendizagem social” cujas consequências são de difícil previsão mas terá de passar obrigatoriamente pela diminuição dos consumos, ao nível dos recursos naturais e uma melhoria qualitativa nas nossas relações sociais, como forma de compensação (Manzini, 2006, p. 3).

Miriam Borchard et al.(2008, p.342), citando Enzio Manzini e Carlo Vezzoli, refere que numa situação de sustentabilidade ambiental as actividades humanas não interferem nem diminuem o capital natural existente. Para os mesmos autores, citando Kazaziam, o desenvolvimento sustentável concilia o crescimento económico com a preservação do meio ambiente e traz melhorias sociais.

Fachinetto, M. et al., citando Almeida refere que “A sustentabilidade pede uma nova ordem mundial, agregada a uma mudança de atitude das nações, instituições, dos indivíduos e das atitudes empresariais”. (2006, p.3)

Vezzoli (2006) identifica a evolução teórica que tem surgido no contexto académico. Acerca da sustentabilidade refere que, desde a segunda metade do século XX, momento em que a questão ambiental foi levantada, até aos anos 90 que este problema oscilou entre políticas de reparação de danos e acções que progressivamente se voltaram mais para a prevenção. Assim, num primeiro nível, é dada especial atenção à escolha de recursos com baixo impacto ambiental, em que os materiais e recursos deveriam ser inócuos, recicláveis, biodegradáveis e renováveis.

Na segunda metade dos anos noventa, a atenção centrava-se ao nível do produto: planeamento de produtos com baixo impacto ambiental, onde o conceito de ciclo de vida ganhou relevância.

Ao longo dos últimos anos, existe uma interpretação mais rigorosa sobre o termo sustentabilidade, propondo que se proceda a mudanças radicais nos modelos produtivos e de consumo, uma concepção de eco-inovação - sistema eficiente, alargando a dimensão do produto.

Ainda mais recentemente, a pesquisa em design, abriu discussão sobre um possível papel do design na dimensão sócio-ética da sustentabilidade; princípios como a equidade na disponibilidade e distribuição de recursos.

Manzini aponta três vertentes necessárias à transição para um futuro sustentável:

1. Menor consumo dos recursos ambientais. Este conceito é aceite por todos mas a dimensão dessa redução, apontada como essencial, é assim o factor surpresa; implicará a descontinuidade dos sistemas industriais e sociais que hoje conhecemos.
2. Aprender a viver melhor, alterando os seus contextos físicos e sociais, ou seja a melhoria da qualidade destes terá de compensar a redução dos bens materiais, a que estamos habituados.
3. A transição para a sustentabilidade é um processo onde, como em qualquer aprendizagem, ocorrerão erros e sucessos.

Segundo o mesmo autor, um dos principais intervenientes para que se dê esta transição para a sustentabilidade é o design/designer. Neste campo, Manzini refere a mudança do conceito de produto (como os objectos, por exemplo) para “resultados” para propiciar um bem-estar sustentável. Define então o conceito de design para a sustentabilidade: “Design para a sustentabilidade é uma actividade de design estratégico, que concebe e desenvolve soluções sustentáveis. Ou seja, que gera conjuntos de produtos, serviços e conhecimentos que permitem que os atores (pessoas, empresas, comunidades e / ou redes de pessoas, empresas e comunidades) para alcançar resultados sustentáveis de forma sustentável, ou seja, adoptar uma estratégia sustentável.” (Manzini, s.d., p.5)

Por outro lado aponta também para a necessidade de dar mais atenção ao papel do utilizador, pois ele é aquele que está mais envolvidos com os problemas e poderá ser um óptimo ponto de partida para os solucionar.

Capítulo 2

2.1. Ecologia e Arquitectura

A Arquitectura é um dos campos mais representativos do tema ecológico, que tem acompanhado com versatilidade e inovação as questões práticas e filosóficas relacionadas com este fenómeno. Assim, é importante conhecer os contornos gerais que dizem respeito a esta área como o objectivo de os relacionar com as restantes, dentro do mesmo âmbito.

Em relação à arquitectura, a documentação encontrada é maioritariamente produzida pelo arquitecto que, numa atitude de reflexão sobre o seu trabalho, aponta as razões das suas escolhas. Há também documentação que trata de análises de terceiros sobre o trabalho realizado pelos arquitectos.

Existem diversas formas de reacção ao tema ecologia, quando falamos de arquitectura. Margarita Diego (1998), considera existirem cinco formas de reacção às questões ecológicas:

- a) Reacção frontal às alterações ambientais defendendo o regresso à arquitectura vernácula. No entanto, este tipo de arquitectura é indissociável de um tipo de vida agrícola que já não praticamos;
- b) Reacção derivada da anterior mas com uma visão mais optimista, utilizando os ensinamentos da arquitectura tradicional para as habitações de hoje. Relaciona-se com a investigação de materiais e utilização de energias renováveis.
- c) Reacção pela alta tecnologia; esta tipologia contempla a economia dos consumos energéticos mas peca pela utilização de materiais raros e não renováveis, comprometendo o “rótulo” de completamente ecológico.
- d) Reacção com base eminentemente poética, onde a paisagem assume um papel relevante e onde se pretende uma ligação perfeita entre arquitectura-natureza.
- e) Uma outra reacção, partindo das características de cada local, foca-se em minimizar os problemas ambientais, aproveitando aquilo que o meio envolvente oferece. Neste caso, a metodologia pode ser diferente daquelas a que estamos habituados.

O gabinete holandês de arquitectura *Mecanoo* é um dos exemplos que podemos analisar como representante da tendência pela reacção às questões ecológicas, através da pesquisa de materiais e energias renováveis. Os arquitectos fundadores, Winy Maas, Jacob van Rijs e Nathalie de Vries, procuram intervir socialmente e ecologicamente no meio.



Figura 2.1



Figura 2.2



Figura 2.3

O arquitecto Norman Foster apresenta obras inseridas na chamada arquitectura *high tech*. Nesta designção integram-se também obras como as do arquitecto Vincent Callebaut, Eloy Celaya, María Rosa Cervera e Javier G. Pioz. Para Jan Cejka (1995), a tendência para a Alta Tecnologia sempre foi um objectivo para o homem, atribuindo-lhe agora o termo Novo modernismo, dadas as suas características.

“As raízes da *Alta Tecnologia*, *High-Tec* reportam-se à Revolução Industrial (...) Outra tendência da *Alta Tecnologia* tem por base a utilização de membranas extremamente finas, sendo estas já do nosso tempo. O seu pioneiro foi Frei Otto na construção do pavilhão alemão para a exposição Universal de Montroyale de 1967. (...) A utilização desta tendência nem sempre corresponde a decisões racionais evidentes. Frequentemente nos deparamos com um exibicionismo construtivo, apesar de muito caro, representa um efeito publicitário para o promotor. São nomes de referência: Norman Foster, Jan Kaplicky, Renzo Piano, Richard Rogers, Michael Hopkins, Nicolas Grimshaw e Santiago Calatrava.” Cejka (p.81)



Figura 2.4 - *Hearst Tower*, N. Foster,
Imagem: Michael Ficeto/Hearst



Figura 2.5 - *Erotic Gherkin*, N. Foster,
London landmark



Figura 2.6 - *LilyPad*, com capacidade para receber 50 mil moradores

Numa atitude completamente oposta temos, por exemplo, o trabalho de Kengo Kuma, arquitecto japonês, que teve uma maior visibilidade a partir da década de 90. Relacionando a arquitectura e a paisagem nas suas criações, o arquitecto considera que “a arquitectura é temporária e a paisagem é permanente” (2007: s/p). A sua obra caracteriza-se pela utilização de materiais locais nos edifícios, tentando criar uma unidade com o espaço envolvente. Considera que a arquitectura pode submeter-se à paisagem para que esta sofra o menor impacto possível e pretende retomar uma certa tradição da arquitectura japonesa. (fig. 2.7)

Na mesma linha trabalha o arquitecto Tadao Ando que, para Lourenço Gimenes (2007), tem uma componente espiritual muito acentuada, reflectindo-se esta espiritualidade nos espaços vazios, nos espelhos de água e nas frestas de luz criadas (fig. 2.8).



Figura 2.7 - *Casa de chá japonesa*



Figura 2.8 - *Modern Art Museum of Fort Worth Texas, 2002*

A arquitectura de Renzo Piano, por outro lado, caracteriza-se por ter uma atenção especial às questões construtivas, utilizando os materiais e tecnologias tradicionais com estruturas inovadoras (fig 2.9 e fig. 2.10).



Figura 2.9 - *Centro Pompidou, 1971*

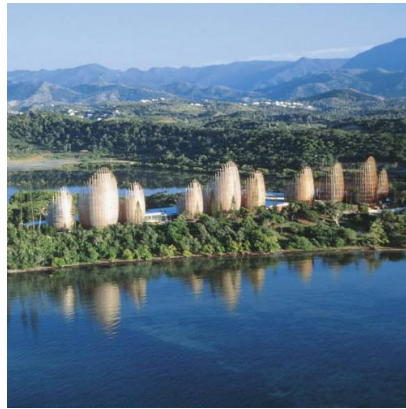


Figura 2.10 - *Tjibaou Centro Cultural de Nouméa, Ilhas do Pacífico, 1998*

2.2. Ecologia e Arte

Na Arte, um dos primeiros momentos em que artistas plásticos demonstraram preocupação com as questões ambientais deu-se na 14ª Bienal de São Paulo em 1977, onde os temas ecológicos estiveram em especial destaque. Os representantes brasileiros apresentaram trabalhos que abordavam as questões da destruição da Natureza. Entre eles estava o artista Frans Krajcberg, a Equipa Arte/Ação e Equipa Bóias-frias.

Actualmente o tema das questões ambientais é tratado de duas formas distintas pelas manifestações artísticas: a produção de obras que contribuam o menos

possível para o aceleramento da destruição do planeta, com a sua integração no meio ambiente de uma forma integrada e a produção de obras que criticam a atitude do homem para com o ambiente.

Frans Krajcberg, artista de origem polaca mas naturalizado brasileiro, é um dos exemplos ilustrativos da primeira tendência descrita. Desde os anos 50 que desenvolve o seu trabalho, pretendendo fazer uma ligação permanente entre arte e natureza; é uma espécie de mago da natureza, chamando à atenção das questões ecológicas através do seu trabalho.³ (fig. 3.1 e fig. 3.2)



Figura 3.2



Figura 3.2

O artista português Alberto Carneiro é também outro dos representantes desta temática: além de se dedicar à natureza como fonte inspiradora, objecto a reinventar, a sua obra é acompanhada por uma dimensão filosófica, assente na relação entre homem, natureza e arte. No catálogo da Exposição Bienal Internacional de arte em 1976, o artista escreveu “a arte ecológica virá repor na memória das sensações estéticas os valores que a terra no homem se definiram e estruturaram na sequência dos tempos (...) será o renascer de uma alegria natural no encontro com a natureza”(s. p.).

Acerca da exposição na Galeria Porta 33 no Funchal, intitulada *Os caminhos da água e do corpo sobre a terra*, com trabalhos realizados em 2002/2003, Alexandre Melo refere que o trabalho de Alberto Carneiro “resulta da sua capacidade de convocar e articular de um modo consistente diferentes registos de aproximação artística à natureza e à paisagem (...) enaltecendo os valores telúricos da ligação aos materiais e formas orgânicas da natureza; - o experimentalismo vanguardista da *land art*, dando a primazia à experiência directa da relação física entre o artista e a natureza” (Melo, 2003, "O viandante esclarecido", in *Alberto Carneiro*, p. 19.).

³ Este texto está inserido num blog com o endereço <http://raizverde.blogspot.com/search/label/Arte>, criado pela autora deste trabalho.

Figura 3.3 - *Floresta para teus sonhos*, 1970

Considerando agora artistas que se enquadram na segunda tendência, ou seja, aqueles que através da sua obra artística pretendem chamar à atenção das acções humanas perante a natureza, temos por exemplo o artista Joseph Beuys. Dada talvez à experiência pessoal que viveu em jovem, Beuys demonstra grande respeito pela Natureza e pela espiritualidade que pode potenciar, sendo esta mesma o ponto de partida para a sua obra.

Edward Burtynsky também se emoldura nestas premissas. Recorrentemente o seu trabalho fotográfico retrata o resultado da acção humana sobre a natureza, para isso retrata ambientes não comuns, locais por onde não passamos frequentemente, e que nos mostram a dimensão da intervenção do Homem no planeta. Os seus temas de trabalho recaem sobretudo na produção desenfreada de bens de consumo, nas consequências dessa produção na vida do planeta e na repercussão social da mesma. Assim, é frequente encontrar cenários de lixeiras a céu aberto, minas e paisagens industriais.

Figura 3.4 - *Jubilee Operations # 1*.
Kalgoorlie, Western Australia, 2007Figura 3.5 - *Silver Lake Operations #1*.
Lake Lefroy, Western Australia, 2007



Figura. 3.6 - *Oxford Tire Piles #8*.
Westley, California, 1999

O artista plástico Joe Sheeham dedica igualmente o seu trabalho a este tema, referindo que “a dominação comercial trouxe problemas com a globalização e a redução dos recursos” (Navarro, 2009, s.p.). Nasceu na Nova Zelândia em 1976, onde trabalhou durante dez anos em lojas de artesanato para turistas, produzindo peças em jade para este mercado. Depois de ter estudado joalheria na China, Japão e Rússia, entendeu aquilo que fazia durante a adolescência de maneira diferente: “compreendi que esse cenário comercial seria um enorme factor limitante”. (*ibidem*)



Figura 3.7 - *Song remains the same*,
2004

2.3. Ecologia e Design

No que se refere ao Design, Stephen Bayley, citado por Whiteley (1993), considera que o designer tem um papel importante entre o produtor e o consumidor, podendo influenciar ambas as partes. O criador tem o poder de influenciar a forma de fazer as coisas, os materiais que são utilizados, como são construídos e a sua eventual reciclagem ou reutilização. Segundo este autor, a primeira publicação conhecida acerca do tema “Design Verde” foi em 1962 nos Estados Unidos da

América e um ano mais tarde na Europa. Nos anos 80 testemunhámos uma rápida subida do “consumo verde”, acompanhando a crescente preocupação com as questões ecológicas. A primeira marca a surgir com este conceito foi a *Body Shop* em 1976.

Desde então, no Design, assim como noutras áreas da sociedade, ocorreram determinadas alterações. Manzini refere que “a noção de design sofreu mudanças. Hoje se busca unir a tecnologia com a cultura em busca de soluções para que o mundo funcione melhor. Se você quiser tornar a ocupação dos carros mais eficiente, isso é um assunto para o design estratégico. Consideramos o sistema e não apenas o produto” (2007, s.p.).

Fachinetto, M. et al. (2006, p.6), citando Manzini e Vezzoli aponta alguns requisitos na produção do produto:

- Projectar, tendo em conta todo o ciclo de vida;
- Seleccionar os recursos e os processos com o mais baixo nível de impacto ambiental;
- Projectar com vista a durabilidade;
- Projectar pensando na reutilização dos materiais (aqueles utilizados no produto e preparação para uma nova utilização depois desta);
- Pensar na fácil desmontagem do produto;
- Minimizar a utilização dos recursos, como por exemplo na espessura dos componentes;
- Seleccionar processos que reduzam ao mínimo os desperdícios;
- Diminuição dos recursos na distribuição, como no embalamento;
- Privilegiar a concepção de produtos concentrados, cuja montagem se faça no local de aplicação;

Para Borchard et al., citando Venzke, o “ecodesign é uma técnica de projeto de produto em que objetivos tradicionais, tais como desempenho, custo da manufatura e confiabilidade, surgem conjuntamente com objetivos ambientais, tais como redução de riscos ambientais, redução do uso de recursos naturais, aumento da eficiência energética e da reciclagem.” (2008, p.342).

Na opinião de Rui Frazão, Coordenador de Projecto do Centro para o Desenvolvimento Empresarial Sustentável (INETI), é necessário que na actualidade o design faça uma séria avaliação ao ciclo de vida dos produtos que projecta, tendo em conta:

Fase da Pré-fabricação: optimização da função, poupança de recursos naturais, uso de recursos renováveis e suficientes disponíveis, minimização da utilização de substâncias perigosas.

Fase da fabricação: Racionalização de consumos; Prevenção/minimização na origem de emissões e resíduos

Fase da distribuição: Optimização da embalagem; Implementação de um sistema adequado de logística

Fase da utilização: Aumento da durabilidade do produto; Prevenção/minimização do impacto da utilização do produto

Fase da deposição final: optimização da desmontagem, da reutilização dos materiais, da reutilização dos produtos e deposição adequada de materiais não recuperáveis.

Segundo Frazão, actualmente existem uma série de ferramentas regulamentadas para que os designers tenham uma base de trabalho no desenvolvimento dos seus projectos, entre eles temos:

- Avaliação do ciclo de vida, normas ISSO 14040 e 14044
- Listas de verificação de ecodesign
- Normas de rotulagem ambiental (ISSO 14020 a 14025)

Por outro lado, Bayley, citado por Nigel Whiteley (1993), considera que não faz qualquer sentido existir este termo na área de designer, pois a ideia em si já está contida na acção do designer. “Designer verde é uma ideia ridícula, algo criado por e para jornalistas” (Whiteley, 1993: p.48). Para este autor só as questões de função e estilo é que fazem parte das questões do designer, pois na natureza desta actividade já esta contemplada a capacidade de adequação ao meio. Contudo, as circunstâncias em que nos encontramos, nomeadamente as alterações climáticas registadas nas últimas décadas, fizeram sobressair a questão ecológica de tal forma que alguns autores defendem a legitimidade do termo, considerando a sustentabilidade/ecologia como um factor de importância equivalente àquele que ocupa a função, a segurança, a ergonomia, qualidade e custos.

Outro esclarecimento deve também ser feito: não poderemos considerar tudo aquilo que é ecologicamente correcto como um produto sustentável. Este termo pressupõe uma série de factores, além do aspecto ecológico.

Segundo Maria Luiza Castro & Carolina Lemos Carraro, o design para a sustentabilidade tem como objectivo a reeducação da sociedade, com vista à melhoria da qualidade de vida “por meio do uso e não necessariamente do consumo” (2008, p. 797).

2.3.1 Metodologia em eco-design

Vezzoli (2006) refere que a tendência para o desenvolvimento do eco-design trará obrigatoriamente alterações ao modo como se concebe todo o processo. Defende que a interpretação rigorosa do termo sustentabilidade obriga a uma descontinuidade do sistema de produção, distribuição e consumo daquele que hoje praticamos. Isto porque, tal como foi referido, a sustentabilidade requer uma alteração profunda do nosso estilo de vida.

A alteração do método de projecto prevê a integração de produtos e serviços, em parceria, alargando o conceito de produto “o ponto de partida é a reconfiguração do sistema (...) Então, vamos falar de eco-inovação - sistema eficiente como a que decorre a partir de uma nova convergência de interesses entre as diferentes partes interessadas: a inovação não apenas em um produto (ou semi-acabados), mas sobretudo a nível de configuração, ou seja, quando criação de novas formas de parceria / interacção entre as diferentes partes interessadas em um sistema de satisfação.” (Vezzoli, 2006, p. 9)

Nesta linha de pensamento, aquilo que precisamos aprender a projectar, passa por produtos e serviços em conjunto:

- Capacidade de projectar produtos e serviços em conjunto e conceber um sistema integrado de produtos e serviços;
- Capacidade de promover / facilitar novas configurações das partes interessadas (interacções / parcerias) com o objectivo de convergência do sistema de interesses
- Capacidade de operar e/ou facilitar um processo de planeamento participativo entre empresários, usuários, ONGs, instituições, etc.

Manzini (s.d.) refere que trazer uma nova solução para um produto só por si não pode ser considerado sustentável, é necessário avaliar o impacto que tal solução traz ao sistema existente. Uma solução deve ser considerada sustentável quando, por um lado, reduz o material empregue e a intensidade energética e, por outro lado, quando se relaciona com os contextos, aumentando a qualidade das relações (sociais, por exemplo) onde passará a ser inserido.

2.3.2 O caso do Marketing

Em relação ao Marketing, Caetano et al. definem-no desta forma: “marketing é a orientação para a satisfação das necessidades do consumidor/cliente, através do esforço integrado de métodos e meios de que dispõe uma organização, para uma consecução dos seus objectivos, ou seja, alcançar os objectivos pretendidos” (2008, p. 26).

Os mesmos autores justificam as origens do marketing ambiental pela maior oferta de produtos do que a procura existente a partir da II Guerra Mundial, além de uma maior consciencialização ambiental, comum nos anos 70 e 80.

Para Manzini o produto sustentável é indissociável de uma produção menos agressiva ao meio ambiente, economia de matéria-prima e energia:

“a fabricação de novos artefactos, mesmo que eficientes, traz consigo um efeito colateral: ela não desacelera a produção e o consumo. (...) devemos apostar em outra alternativa: no bem-estar baseado em contextos e não em produtos que nos conduzem à almejada qualidade de vida. (...)”

Claro que temos de reciclar, mas isso tem permitido equívocos. «Não se preocupe, consuma porque temos condições de recuperar e recriar tudo» Isso é impossível. Meu slogan é: «Para viver melhor, consuma menos». (Manzini, 2007, s.p.)

Na conferência sobre Design e Sustentabilidade, a 10 de Outubro de 2008, organizada pela APD e AIP/FIL no âmbito da *Intercasa*, Hélder Pombinho apresentou os pontos que o marketing deve evitar para tratar os produtos ecológicos:

- Esconder a razão de um determinado benefício competitivo;
- Esconder as provas – enunciar uma atitude que não podemos comprovar;
- Ser vago – “livre de químicos, produto amigo do ambiente”;
- Ser irrelevante – livre de CFC;
- Mentir – expressões como selo próprio, onde não é possível verificar a veracidade nem as exigências da atribuição;
- Menor dos males – produtos que procuram compensar os nossos sentimentos de culpa.

A utilização do termo “ecológico”, por vezes sem fundamento, leva à banalização do conceito, retirando-lhe credibilidade. Rui Camarinha diz-nos:

“O marketing ecológico fala ao coração de milhões de consumidores, mas afasta muitos outros que estão fartos de um discurso que tem tanto de ridículo como de vendilhão. Não admirará, por isso, que ser *anti-green* já comece a estar na moda. Esta sim, é uma verdade bem inconveniente” (Camarinha, 2008, p.51).

Capítulo 3

3.1 Design Ecológico em Portugal

Ao nível teórico há muito que se fala da importância da ecologia no design, no entanto, a materialização nas práticas da nossa indústria não será assim tão comum. Em matéria de Ecodesign, as palavras de Alda Tomás reflectem algum ânimo no que respeita ao tratamento do tema: “os primeiros passos foram dados” (ver anexo A), quando vemos as grandes marcas assumirem as preocupações ecológicas, acreditando que se trata de um processo evolutivo, para uma sociedade onde o consumo será mais consciente.

Em termos práticos verificamos que a criação de peças com uma verdadeira atenção ecológica se cinge a actividades experimentais, que acontecem, em grande parte, como resposta a eventos lançados por entidades ligadas ao design ou empresas que pretendem evidenciar a sua política de responsabilidade social.

No caso específico de Alda Tomás, a designer confessa que sempre teve uma especial sensibilização sobre a produção de lixo resultante do seu trabalho. As condicionantes e objectivos dos trabalhos que realiza (impostos pelas empresas para as quais trabalha) direccionam-na, por vezes, para outras preocupações. De qualquer forma, afirma que “quase tudo nesta empresa é reaproveitado. Existem também normas de qualidade que a SPAL tem que cumprir que dizem respeito a questões ambientais.”(anexo A).

Na opinião de Isabel Brarens “as empresas terão que se reposicionar e procurar mercados *grena*, mercados cujos clientes também estão preocupados com a qualidade do ambiente. Os primeiros que chegarem ao mercado com esta nova atitude têm muito a ganhar. Os países escandinavos e outros já estão muito sensíveis aos produtos ecológicos. Já existem empresas portuguesas na área da cerâmica atentas a esta questão.” (anexo A)

Por outro lado assistimos ao surgimento de projectos / marcas que assumem a sua vertente ecológica pela manufactura ou concepção de produtos em pequeníssima escala (ou encomenda). Esta é assumida e mantida pois só assim conseguem dar resposta a um nicho de mercado, a um consumidor forçosamente diferente.

Acerca desta questão, Alda Tomás lembra-nos que este tipo de produto, que dificilmente entra num circuito de produção equiparado aos objectos mais comuns, tem por enquanto um público-alvo distinto. Esta ideia parece perfeitamente aceitável, uma vez que o consumidor que procura este tipo de produto é um consumidor mais atento,

informado e preocupado com a questão ecológica. Sendo um consumidor com algum poder de compra, tem a disponibilidade financeira para comprar peças que garantidamente respeitem uma série de questões ambientais, sociais e éticas. Assim, a ideia pré-existente de que este tipo de produtos tem um custo de fabrico muito superior ao de uma peça sem tal preocupação, justifica-se pela sua escala de fabrico, onde os processos de produção, planificação do trabalho e materiais não são muitas das vezes os comuns. Marco Capellini, refere: “num produto normal começa-se a decidir qual o produto, o *target*, o mercado. Aqui vejo o desperdício primeiro e depois faço o caminho inverso”. (Lourenço, 2007, p.196).

Nos últimos tempos, em especial nos últimos três anos, Portugal tem sido palco de algumas iniciativas no âmbito do design ecológico: empresas que lançam eventos como concursos ou patrocínios a exposições, procurando evidenciar assim a sua política de sustentabilidade e responsabilidade social. Embora essa intenção seja um pouco discutível, carecendo de uma avaliação independente sobre o modo de actuação, estas iniciativas trazem a vantagem de possibilitar aos designers e jovens criadores a concepção e mostra de produtos ecológicos. Deste modo, permitem uma maior divulgação do Ecodesign e chamam à atenção do público em geral, podendo captar novos consumidores.

3.2 Iniciativas no âmbito do design ecológico

- *Remade in Portugal*

Marco Capellini fez chegar ao nosso país em 2007 a ideia concebida por si em Itália: o evento *Remade*. Segundo o designer “havia necessidade de ter no mercado objectos com menor impacto ambiental” (Lourenço, 2007, p.196) na tentativa de consciencializar o consumidor, intervindo assim também na sociedade.

Em Itália, assim como em Portugal, o evento tem o objectivo de suscitar o interesse do consumidor/ público por este tipo de produtos; Sensibilizar também as empresas para, cada vez mais, adoptarem uma política de sustentabilidade.

A estratégia passa por convidar designers que, em parceria com empresas nacionais, desenvolvam produtos feitos com materiais reciclados, mantendo a preocupação com a qualidade, função e estética.

Capellini acredita que o tipo de produto que configura na iniciativa *Remade* irá vingar numa sociedade responsável e sustentável para onde caminhamos, pois na sua

opinião “não chega só a questão ambiental. É necessário ir além disso e trabalhar um produto com responsabilidade social (...) que seja feito com trabalho legal e que tenha um preço justo” (Lourenço, 2007, p.196).

Esta iniciativa realizou-se pelo terceiro ano consecutivo em Portugal, tendo-se registado uma participação crescente dos designers portugueses. O director artístico do projecto refere que desde o início desta iniciativa conseguiu que fossem desenvolvidas 105 peças de design ecológico e colocar metade deste número em produção e comercialização.

- Concurso de Design, Projecto *Remade in Portugal*

O concurso lançado por este evento teve com objectivo sensibilizar os jovens licenciados em design que, trabalhando em parceria com empresas portuguesas, teriam de apresentar peças que transmitissem uma mensagem ecologicamente responsável. As criações teriam de ter pelo menos 50% de materiais reciclados.

Vencedores do Concurso 2009:

Jarras de cerâmica

Autor: Pedro Nuno Bandeira Maia;

Colaboração: Designer Raúl Pereira Pinto

Materiais reciclados pré-consumo: 100% cerâmica



Figura 4.1

Papassacos

Autor: Ricardo Desirat da Cunha

Saco para guardar sacos plásticos.

Materiais reciclados pós-consumo: Tecido, sacos plásticos, fecho de correr e fio.



Figura 4.2

Bottle Boy

Autor: Lorena Pimenta

Peça de ilustração.

Kit de sobrevivência

Autor: Rute Marta Candeias

Tabuleiro, prato, tigela e copo.

Materiais virgens: 10% vidro transparente;
Materiais reciclados pré-consumo: 40% resíduos de lastras de pasta de faiança; Materiais reciclados pós-consumo: 50% cacos moídos de faiança.



Figura 4.3

- Concurso CGD de Design de mobiliário com materiais reciclados 2007/2008

Ecofavo

Autor: Soraia Abreu

A peça é muito versátil, podendo assumir diversas funções como banco, mesa ou contentor. O material principal é o cartão com estrutura de favo de abelha, material que se recicla facilmente e por diversas vezes.



Figura 5.1

Conectors

Autor: Tiago Sousa

O criador recorreu a um material que facilmente é reciclado, o polipropileno. A sua ideia base foi a possibilidade do utilizador poder construir o seu próprio Conectors, uma vez que seria disponibilizado em kit. Trata-se de uma série de peças iguais que se encaixam de forma simples e funcional.



Figura 5.2

Re-Puff

Autor: Marta Abreu

O puff de Marta Abreu traduz na perfeição a atitude pretendida pelo concurso: através de um objecto vulgar que frequentemente vai para o lixo ao fim da primeira utilização, é produzido um objecto utilitário que nos suscita desde logo a curiosidade. Apela-nos ao tacto, seduz-nos para a sua utilização por ser leve, flexível e agradável esteticamente. A sua produção é feita por manufactura (através da técnica de croché) e o seu interior é preenchido pelos restos dos sacos – fundos e asas - utilizados para fazer o corpo do puff.



Figura 5.3

New scholl lamp

Autor: José Roque

Para o criador, o objecto “assenta na sustentabilidade, no principio de satisfazer as nossas necessidades no presente sem comprometer o futuro”⁴. O objecto é composto por uma caixa de PET (politereftalato) que depois é coberta com cartão canelado, sendo facilmente modificada a sua configuração



Figura 5.4

⁴ Catálogo do Concurso de Design de mobiliário com materiais reciclados 2007/2008, CGD. s.p.

World Wire Web

Autor: Carina Gaio

O candeeiro de pé alto pode ser associado conceptualmente à Natureza e à poluição artificial. Os materiais utilizados são o aço reciclado pintado e o polipropileno.



Figura 5.5

- **Concurso de Design de mobiliário com materiais reciclados 2009**

Rapunzel

Autor: Ana Feijão

A utilização de materiais reciclados pós-consumo traz ainda um acrescido valor da consciência ambiental. É o caso deste objecto, pois o seu principal componente são cintos de automóveis recolhidos num centro de abate. “Procurou-se minimizar ao máximo os custos em material, sem trazer qualquer prejuízo à dignidade da peça”⁵.



Figura 6.1

Peg Chair

Autor: João Magalhães

O objecto criado preconiza ao máximo os conceitos pretendidos: simplicidade, funcionalidade e facilidade de produção. A aplicação de materiais ecologicamente sustentáveis também não foi esquecida – o aço e o Ribek (tecido feito a partir de garrafas de plástico recicladas).



Figura 6.2

⁵ Catálogo do Concurso de Design de mobiliário com materiais reciclados 2009, CGD, s.p.

Ecoduo

Autor: Cátia Caeiro

A criadora optou pela concepção de uma peça útil, de formas simples, utilizando materiais de pós-consumo. O cartão canelado, a cortiça adicionada à borracha reciclada constroem a peça que é travada por seis tubos de cartão, material aproveitado do embalamento de material.

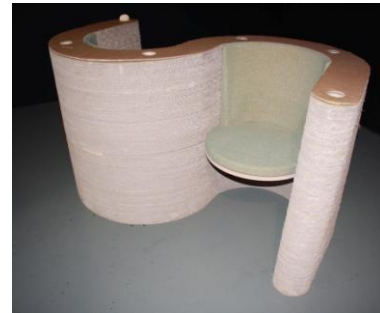


Figura 6.3

3.3 Principais representantes na actualidade

João Sabino

Nascido em 1976, licenciou-se em Design Industrial na E.S.A.D, Caldas da Rainha, em 2003.

Desde o início da sua carreira tem apresentado diversas peças relacionadas com o eco-design, sendo uma das figuras promissoras do design português convidado a expor na *experimentadesign*, edição de 2005.



Figura 7.1 - *Bottled Spice*, 2003

Figura 7.2 - *Fruit-Basket*, 2004

A sua peça mais conhecida, a “Keybags” já está disponível em diversos países, mas são diversificados os exemplos de objectos com uma forte componente ecológica.



Figura. 7.3 *Keybags*, 2003

Carlos Aguiar

O designer conjuga a sua actividade profissional com a docência, exercendo actualmente, e desde 1992, funções de Consultor Sénior do Centro Português de Design e, desde 2007, assume o cargo de funções de Director Geral de Design e Desenvolvimento de Produto das empresas do Grupo Cifial.

Natural do Porto e licenciado em Engenharia Mecânica pela FEUP, estudou posteriormente Arquitectura, Design de Equipamento e Produtos, Desenho Industrial e Design.

O seu currículo é reconhecido internacionalmente, com prémios e atribuições nacionais e internacionais. Os seus trabalhos estiveram representados em várias exposições de design em Portugal e em diversos países estrangeiros, sendo autor de várias centenas de projectos de design industrial, sobretudo na área metalomecânica (torneiras, louça metálica, válvulas, ferragens e máquinas ferramentas), plásticos, cerâmica decorativa e sanitária.

A CIFIAL, empresa para a qual trabalha Carlos Aguiar, esforça-se para fomentar iniciativas relacionadas com a promoção do design, numa perspectiva de assumir a responsabilidade social e ecológica da sua actividade. São exemplo disso, actividades como o Workshop Design no Século XXI, que reuniu em Lisboa mais de 500 pessoas para assistirem a uma conferência do Professor Bernard E. Burdek; o Prémio Design CIFIAL “Feel the Planet Earth '08” que visa identificar, a nível mundial, contributos do Design para algumas das questões prementes da nossa civilização. Nesta perspectiva enquadra-se também a participação na iniciativa Remade in Portugal.

Em 2008 apresentou dois modelos de puxadores produzidos com Materiais reciclados pré-consumo, desde Aço inox e latão recuperado de gijos e cortiça obtida de restos do processo de aglomerado (100% reciclado)

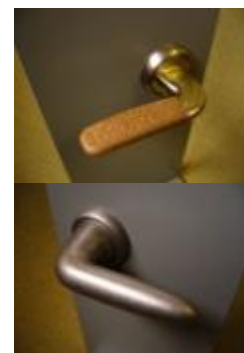


Figura 7.4, 2008

Em 2009 apresenta Techno B1, um lavatório concebido por inertes de caco cerâmico de louça sanitária, unidos com uma resina



Figura 7.5 - Techno B1

Dasein

A Dasein surge da vontade de um grupo de alunos que frequentavam no ano 2001 o Curso de Design de Equipamento da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, dedicando-se essencialmente a actividades experimentais na área do design. Em 2004 o grupo reparte as suas energias entre o design de comunicação e o design de equipamento.

No entanto, após uma remodelação em 2007, em que Catarina Pestana passou a coordenar o ateliê, a responsabilidade e peso de um estúdio de design exigiram uma postura adequada, de forma a responder eficazmente aos exigentes clientes que os contactavam. Trabalharam desde então para empresas como Vista Alegre, Atlantis/By Atlantis, Taguspark, Sagres, Formas LUSO, Fundação Calouste Gulbenkian, Caixa Geral de Depósitos, Danone Portugal, Teresa Salgueiro, Sonae Sierra, Emi Music Portugal, entre outros.

A resposta dada ao desafio *Remade* 2009 foi a cadeira *Carpet*, produzida a partir de materiais reciclados pós-consumo, produzida em parceria com WBOX.



Figura 7.6 - *Carpet*, 2009

Luís Buchinho

Estilista português, nascido em Setúbal em 1969, iniciou a sua carreira na Jotex, depois da formação em design de moda no CITEX.

Tem participado nos mais importantes eventos nacionais de moda e representado Portugal, a nível internacional, em diversas ocasiões.

As peças a destacar pela sua vertente ecológica são duas, uma mala em forma de borboleta com aglomerado de cortiça reciclado (fig. 7.7) e um casaco capa com tecelagem em "esmirna", reutilizando meadas de lã. (fig.7.8)



Fig.7.7 - 2007



Figura 7.8 - 2009

Naulila Luis

Nasceu em Angola (Cabinda) em 1978, licenciou-se em design industrial, pela E.S.A.D, Caldas da Rainha.

Na fase inicial da sua carreira passou pelo sector da cristalaria da Marinha Grande, colaborando em algumas empresa da região, nomeadamente com a marca MGLASS.

Desde 2002, tem vindo a desenvolver design de produto/moda, onde sobressai alguma preocupação ecológica. São exemplo disso a peça *Just Beg* e alguns artigos de bijuteria criados.

Após ter colaborado com algumas marcas nacionais e participado em diversos eventos nacionais e internacionais de design, em 2005 cria a sua própria marca de acessórios de moda, a SUSHIDESIGN.

Ao longo da sua carreira tem produzido diversos peças onde sobressai a preocupação ecológica. Este ano foi uma das

designers convidadas para a exposição *Remade in Portugal*, apresentando as *waxi*. São jarras totalmente feitas em parafina

reciclada. Este material permite que o objecto cumpra a função para que foi concebido, com a possibilidade de ser reutilizados ou alterada a sua forma inúmeras vezes.



Figura 7.9 *Just Beg*



Figura 7.10, *Waxi*

Nautilus s.a. – Paula Santos

A Nautilus é uma empresa ligada à produção de mobiliário. Os seus produtos são essencialmente o mobiliário escolar e destinados ao espaço público. Enunciam como objectivo minimizar o recursos a matérias-primas, diminuir os desperdícios provenientes da sua actividade e reciclar sempre que possível.

É neste sentido que a empresa dispõe de alguns produtos que espelham estas preocupações.

Este ano apresentou um Banco para exterior ou interior, desenhado por Paula Santos para a *Remade in Portugal*. Construído a partir de materiais reciclados que, finda a sua função inicial, passaram a estar disponíveis para uma nova configuração, reduzindo os custos de produção e de mão-de-obra.



Figura 7.11

Pedro Sottomayor

Pedro Sottomayor nasceu em 1973 e estudou em Itália, onde terminou os seus estudos em 1999.

Actualmente trabalha no seu próprio gabinete em Lisboa, depois da experiência de quatro anos na Nautilus, da consultoria e das participações e convites internacionais.

Apresentou-se ao concurso “Rioguetto” em Itália (1998) com uma cadeira construída em alumínio e latas de refrigerantes (fig. 7.12) e para a Tela Bags desenhou vários modelos de malas e carteiras, construídas a partir de telas publicitárias, que iriam para o lixo (fig. 7.13).



Figura 7.12



Figura 7.13

Simpleformsdesign

A *Simpleformsdesign* foi criada em 2004, por dois designers portugueses: Alzira Peixoto e Carlos Mendonça. Procura conceber produtos utilizando materiais de origem portuguesa e daí a especial atenção dada à cortiça, característica da colecção Cork. Aqui optaram por dois tipos de cortiça: um aglomerado de cortiça pura e uma mistura de cortiça com borracha, ambos com um acabamento que lhes confere toda a protecção e resistência necessárias para uma normal utilização.



Figura 7.14

Para a *Remade in Portugal* 2008 apresentaram a colecção Cork (fig. 7.14) e em 2009 continuam com a sua imagem de marca, a cortiça, agora aplicada numa nova colecção de acessórios de cozinha; apresentaram também as gaiolas em cortiça escura (fig. 7.15).



Figura 7.15

Henrique Ralheta

Licenciado em 99 em Arquitectura de Design pela Faculdade de Arquitectura de Lisboa. O seu currículo é muito versátil, desde a Cenografia, passando pelo Design de Equipamento, pelo Design de Exposições e de Comunicação. Mantém uma colaboração regular com a Associação Experimenta e com a produtora JumpCut.

Actualmente o departamento de Brand Design da BrandiaCentral na área de design de produto. Respondeu ao desafio *Remade* em 2008, com a apresentação de um candeeiro construído 100% em madeira (fig. 7.16).



Figura 7.16

Em colaboração com Miguel Flor desenvolveu Re-Pocket, uma Lounge Chair que é feita a partir de resíduos de algodão. Esta contém um bolso lateral, que numa noite de inverno pode ser puxado para fora e transformada em cobertor. (fig. 7.17) A produção limitada, disponível exclusivamente a pedido.



Figura 7.17

Água de Prata

João Bruno Videira (1973), licenciado em Ciências da Comunicação, foi jornalista da RTP e produtor de vídeo independente mas, desde 2006 dedica-se ao design, actividade em que é autodidacta.

O objectivo e conceito da marca “água de prata” passa por apresentar produtos renovados com as técnicas e materiais tradicionalmente utilizados na região onde se encontra a laborar - o Alentejo. O criador apresenta desta forma o seu trabalho:

“explora uma nova utilização da lã de Arraiolos, nomeadamente a sua aplicação a mobiliário. Cadeiras novas ou restauradas, transformadas, bancos, mesas, tapetes, as possibilidades andam perto do infinito... o fio condutor é sempre a lã de Arraiolos, uma matéria-prima de reconhecida qualidade e resistência.” (Videira, 2007, s.p.) (fig.7.18)

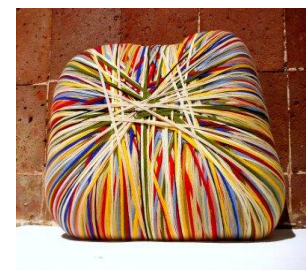


Figura 7.18

Adalberto Dias

Arquitecto, nasceu em 1953 no Porto. Colaborou com o arquitecto Siza Vieira entre 1971 e 1977, altura em que iniciou a sua actividade de forma independente.

A par das actividades de arquitectura lecciona na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e desenvolve alguns trabalhos de design.

Na *Remade 2007* apresentou a Cadeira de repouso e espreguiçadeira de exterior, concebida com 50% de materiais reciclados pós-consumo em polipropileno.

Para a *Remade 2008* foi a vez de apresentar um recipiente de recolha de lixo, de uso doméstico /escritórios, com separação de resíduos, feito no mesmo material.

Álvaro Siza Vieira

O conhecido arquitecto Siza Vieira nasceu em Matosinhos em 1933. Estudou na Escola Superior de Belas Artes do Porto e viu ser construída a sua primeira obra em 1954. O seu gosto pelo design tem levado à projecção de alguma peças encomendadas ou específicas para serem aplicadas em obras suas.

Para Remade 2007 optou pela utilização de um material nobre reciclado, a prata, aplicado num centro de mesa. Um ano mais tarde sugere um objecto utilitário (fig.7.19).



Figura 7.19

Francisco Providência

Francisco Providência nasceu em Coimbra em 1961. Designer de formação, tem conciliado a actividade do seu ateliê próprio com a actividade docente no ensino superior. São também da sua autoria diversas publicações sobre design, é consultor do Centro Português de Design e sócio fundador da editora e distribuidora Sátira design.

Na iniciativa Remade 2007 apresentou uma salamandra em ferro fundido decomponível por elementos. No seguinte ano, para o mesmo evento concebeu um castiçal que à primeira vista parece uma vulgar lata de alumínio, no entanto trata-se de um material nobre: 100 % prata. A conotação social entra em contradição com o seu real valor económico (fig.7.20).



Fig. 7.20

Eduardo Souto Moura

O arquitecto Eduardo Souto Moura nasceu em 1952 no Porto, licenciou-se em Arquitectura na Escola de Belas Artes do Porto em 1980. Lecciona na Faculdade de Arquitectura do Porto além de colaborar com a “DDI” e “Osvaldo Matos”.

Participou no primeiro ano da iniciativa *Remade* com um conjunto de candeeiros em mármore chamado *Luce 3* (figura 7.21).



Figura 7.21

João Luís Carrilho da Graça

O arquitecto João Luís Carrilho da Graça nasceu 1952. Licenciou-se pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1977 e foi assistente na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica De Lisboa entre 1977 e 1992. Desde 2001 é professor convidado no departamento de Arquitectura da Universidade Autónoma de Lisboa.

Tem desenvolvido actividade pedagógica em inúmeras escolas em seminários, conferências.

A sua participação na exposição *Remade in Portugal 2007* ficou marcada pela apresentação do banco *Chemadli*, feito a partir de fibras de papel (percentagem superior a 80%), recuperadas de arquivos de escritório, indústria gráfica e outros sortidos de papel velho.

3.4 Estudo de caso

Para a realização do estudo de caso, foram considerados dois sectores importantes para o processo de dinamização do design.

O primeiro trata-se de uma organização, o Centro Português de Design (CPD), que tem por missão intervir para a promoção do design, considerando-o um “factor decisivo na estratégia empresarial e como disciplina agregadora dos interesses de produtores e consumidores (...) entidade promotora e de interface entre as práticas, os praticantes e os destinatários”. (2004, Plano Estratégico do CPD, s.p.)

Por outro lado, o designer tem também uma função muito relevante no que diz respeito à inovação e implementação de modos produtivos e utilização de materiais com maiores preocupações ecológicas.

Deste modo foi realizada em primeiro lugar uma entrevista à Engenheira Isabel Maria Brarens, do Centro Português de Design cujo objectivo era aferir como uma das principais instituições representantes do design em Portugal trabalhava para fomentar a adopção de práticas sustentáveis na indústria portuguesa.

Em toda a entrevista é referido que as indústrias portuguesas estão atentas a esta tendência e necessidade, de procurar soluções que produzam menos efeitos negativos no ambiente. A prova disso mesmo é a promoção de iniciativas de âmbito privado “umas mais conceptuais outras mais pragmáticas, mas que mostram que os designers estão na busca de melhores soluções para a nova sociedade” ⁶(anexo A). Quanto ao CPD tem apresentado algumas iniciativas acerca deste tema, assim como nos restantes que constituem uma preocupação para a nossa indústria portuguesa.

Na opinião de Isabel Brarens a indústria portuguesa só tem a ganhar na adopção de práticas menos agressivas ao ambiente pois, equacionando os diversos aspectos chegarão à conclusão que terão uma redução de custos.

Relativamente ao mercado português, Brarens é de opinião que o consumidor, de uma maneira geral, está já sensibilizado para este tema e que as empresas terão que se reposicionar e procurar mercados green, referindo “ Os primeiros que chegarem ao mercado com esta nova atitude têm muito a ganhar. Os países escandinavos e outros já estão muito sensíveis aos produtos ecológicos. Já existem empresas portuguesas na área da cerâmica atentas a esta questão”. (anexo A)

Num último ponto, Isabel Brarens reconhece que alguns grupos económicos utilizam o conceito ecológico para obterem maiores ganhos mas estes são uma minoria, considerando que os designers pretendem chegar verdadeiramente a soluções com maiores preocupações ambientais.

A entrevista à designer Alda Tomás constitui um dos componentes mais importantes para este estudo, devido ao facto de existir muito pouca documentação acerca do design ecológico em Portugal. A designer é, aliás, uma das figuras que mais se tem dedicado à projecção de peças com estas características.

Após terminar a licenciatura em 1997 em Design de Equipamento na Faculdade de Belas-Artes, frequentou diversos cursos e formações relacionados com

⁶ Entrevista com a Eng.^a Isabel Brarens do Centro Português de Design, disponível no Anexo A.

a indústria do vidro e da cerâmica. Em 1999 rumo então para a Marinha Grande, importante centro da indústria vidreira portuguesa, onde trabalha para a Jasmim, empresa pequena onde o trabalho em equipa entre o designer e mestre vidreiro a fez crescer e evoluir.

Até 2003 continua a trabalhar na Jasmim colaborando paralelamente com outras empresas da região. É neste ano que inicia o seu trabalho na SPAL, experiência diferente no seu percurso, tanto pela dimensão da empresa como pela tipologia do trabalho, mais industrializado. No Gabinete de Design da SPAL tem desenvolvido peças “gifts” e utilitárias, além de ter a seu cargo projectos de decoração de interiores, nas lojas da empresa.

Alda Tomás tem sido uma das designers mais requisitadas para representar Portugal com o melhor daquilo que fazemos no ramo de design conjugando-o com a indústria:

- Convidada a representar o nosso país na Trienal de Milão, na exposição de 1990/2004 – Arquitectura e Design de Portugal;
- O seu trabalho *Vértigo* foi seleccionado para constar no catálogo de produtos *made in Portugal*, por ocasião da visita do Presidente da República e comitiva à Noruega.
- A sua peça *Hibris* foi uma das peças escolhidas para entrarem na edição lançada pelo CPD – *Best of*, 180 Produtos de Design Português.
- Fez parte do júri português do Concurso do copo *Bombay Sapphire* 2008.
- Foi escolhida uma peça sua para ser o troféu do evento das 7 Maravilhas de Origem Portuguesa no Mundo.

Há três anos consecutivos que tem sido uma das designers escolhidas para participar na colecção *Remade in Portugal*.

Na visita dos reis da Suécia a Portugal, escolheram uma das suas peças de eco-design, a taça *Restart*, em conjunto com um centro do arquitecto Siza Vieira, como ofertas do Estado português. Estas mesmas peças também foram escolhidas, na Expo Saragoça, para serem dadas como oferta pelos representantes do governo português aos representantes do governo espanhol, no dia de Portugal.

O seu trabalho como designer tem sido desenvolvido de forma a conjugar da melhor maneira possível e rentável a comercialização dos produtos e a reutilização de materiais, procurando o reaproveitamento dos desperdícios industriais resultantes da actividade das fábricas onde trabalha.

As peças produzidas ecologicamente foram três e sempre a pedido do evento *Remade in Portugal*.



Estas peças foram produzidas a partir do reaproveitamento de lamas da ETAR da SPAL, aproveitando aquilo a que chamamos “refugo” da indústria cerâmica.

Fig. 8.1 - Taças *Attitude*, 2007



Fig. 8.2 - Taça *Restart*, 2008



Fig. 8.3 - *Particles*, 2009

A *Particles* resulta do aproveitamento de cacos de peças já cozidas, ou seja do lixo produzido pela actividade industrial da fábrica de cerâmica.

Na entrevista concedida especificamente para o presente trabalho, Alda Tomás refere que as questões ecológicas sempre foram uma preocupação sua no trabalho como designer mas concorda que nos últimos três anos esta questão tem tido maior visibilidade na sociedade portuguesa e que o interesse será crescente, uma vez que este é ainda mais evidente nos trabalhos realizados pela nova geração de designers nacionais.

Em relação ao trabalho que desenvolve e à presença dos requisitos relacionados com a ecologia refere que é necessário ter em conta as condicionantes e

os objectivos subjacentes a cada projecto. Desta forma deixa transparecer que a questão ecológica não estará ainda na linha da frente das preocupações da indústria portuguesa. Considera aliás que o caminho a percorrer será diferente: “Este tipo de produto tem que ter a sua própria indústria. Digo isto porque normalmente não é viável entrarem no mesmo circuito industrial que os produtos comuns, implicando a construção de um circuito próprio”.⁷

Apesar do referido, as iniciativas no âmbito do eco-design representam um importante impulso para a sensibilização dos consumidores pois podem abrir atalhos para um maior número de produtos com maiores preocupações ecológicas. Alda Tomás aponta o caso dos seus trabalhos: as taças *Attitude* estão disponíveis em vários pontos de venda e a taça *Restart* serviu como referência a outras encomendas com o mesmo material.

Um dos entraves à criação de mais produtos com estas preocupações é, de acordo com a designer, o facto de estes objectos saírem do circuito normal de produção, exigindo uma linha produtiva diferente dos restantes fabricados até então, salientando que “cada unidade fabril está vocacionada para a produção de determinados produtos, com determinados meios de fabrico próprios. A implementação de novos produtos que não seguem o mesmo circuito fabril e que utilizam outras matérias e outros meios de produção complicam o sistema existente, tendo muitas vezes que ser criado um novo sector, que inicialmente é difícil que seja tão industrializado como os produtos convencionais, porque implica investimentos sem se saber ao certo qual será o retorno” (anexo A).

Numa última questão, Alda Tomás concorda com a existência de algum aproveitamento no que diz respeito à utilização da ideia do “ecológico” por determinadas marcas. No entanto, salienta que este pode ser um veículo para que as empresas passem a ter mais cuidados no que diz respeito às questões ecológicas, sendo preferível ter um mal menor (o aproveitamento deste rótulo) do que não desenvolverem a sua actividade sob esta preocupação.

⁷ Entrevista com a designer Alda Tomás, disponível no Anexo A.

4. Conclusões

É necessário ter presente, antes de mais, que a questão ecológica é do conhecimento científico e governamental há mais de trinta anos. Apesar disso, as medidas concretas para contrariar esta tendência da humanidade para maltratar o planeta que a abriga só chegaram quando as evidências não conseguiam esconder as consequências destas acções.

Desde o momento em que é evidente que o nosso estilo de vida não é compatível com a segurança de todos, deveriam ter sido promovidas acções mais radicais para a prevenção dos riscos ambientais que actualmente corremos.

Ao nível teórico, há muito que se fala da importância da ecologia no design, no entanto a materialização desse conceito, na prática da nossa indústria, não será assim tão comum. O designer tem obrigatoriamente de estar a par dos interesses e preocupações da sociedade. Assim, ao concluir que as alterações climáticas são evidentes e irreversíveis, começa a responder a novas expectativas do consumidor.

No caso do design português, têm sido promovidas iniciativas e experiências, válidas para a sensibilização da sociedade portuguesa. A forma como o sistema produtivo opera e a questão das prioridades no que diz respeito ao consumo não permitem que seja ainda algo além disto. É de salientar que o nível de vida que a população apresenta, tanto no plano cultural como a nível financeiro é preponderante para as escolhas no consumo. Aquele consumidor, que apesar de já estar sensibilizado para as questões ecológicas e que está a par das consequências que os exageros de produção e transformação de matéria mas que tem poucos recursos económicos, não encontra ainda uma resposta acessível na indústria nacional.

O consumidor que procura este tipo de produto pertence forçosamente a uma classe com algum poder económico, um consumidor atento e informado. Procura, nas peças de design ecológico, um valor estético, social e ético. No fundo o conceito de ecologia e sustentabilidade.

Este perfil será o desejado para a maioria dos consumidores de amanhã, no entanto, a sociedade chegará possivelmente a este ponto no seu ritmo próprio.

Resta a visão optimista que agora, tal como tem sucedido em diversos episódios da história, a Humanidade encontre soluções, caminhos que sempre vislumbrou à luz das dificuldades surgidas.

5. Aplicação do estudo ao Ensino

“O sentimento de independência intelectual é essencial ao adequado preenchimento das funções de professor. A este cabe, fundamentalmente, participar no processo da formação da opinião pública transmitindo todo o conhecimento e toda a racionalidade de que for capaz.”

Russell (*in* Pombo, 2000, p. 72)

Considerando que um dos principais intuitos da educação passa por despertar consciências e, concordando com a perspectiva de Bertrand Russell, acima descrita, seria de todo o interesse promover a discussão e reflexão sobre determinados conceitos pré-feitos ou adquiridos.

Russel refere também que “uma das funções do professor deveria ser de abrir novas perspectivas aos seus alunos, dando-lhes a conhecer as possibilidades de realização de actividades simultaneamente agradáveis e úteis” (Pombo, 2000, p. 80). Neste contexto e dada a importância e pertinência das questões levantadas neste estudo sobre design e ecologia, cuja análise se caracteriza pela actualidade, pretende-se que contribua para a consciencialização dos jovens acerca deste tema.

A maior parte dos alunos já ouviu falar inúmeras vezes sobre ecologia e questões ambientais. No entanto, a informação que chega até eles, quer através da comunicação social quer pela voz dos professores de diversas disciplinas (como ciências naturais ou geografia) é por vezes muito limitativa. São essencialmente afloradas as catástrofes ambientais, a selecção e reciclagem, deixando aspectos tão ou mais importantes por abordar. Tais circunstâncias permitem que os alunos, em geral, criem a sua opinião acerca deste tema assente em conceitos trabalhados de uma forma muito ligeira e que tenham a ideia que bastará cumprir aquilo que lhes é pedido – separar o lixo em casa, por exemplo – e que estas questões serão a seu tempo solucionadas.

O objectivo de enquadrar esta temática na prática pedagógica é sobretudo contribuir para que os jovens interpretem estas questões de uma forma consciente. Pretende-se chamar a atenção, especialmente para o processo de fabrico, para as vantagens da reutilização e para a necessidade do alargamento do ciclo de vida dos objectos. Desta forma, estando a par das implicações ambientais de actos mais descuidados e da forma como o design intervém neste campo, os alunos poderão interceder no futuro, serem consumidores e cidadãos mais conscienciosos e transmitir aos demais esta mensagem.

Parte II - PROJECTO DE INICIAÇÃO À PRÁTICA DOCENTE, ENSINO SUPERVISIONADO

Introdução

“A instrução continua a ser uma das tarefas essenciais do nosso tempo. (...) Para além da instrução e acima dela, há lugar para a educação”

Eric Weil (*in* Pombo, 2000, pp. 59-65)

Depois do trajecto percorrido na formação científica e com a motivação de quem pretende pôr em prática aquilo que aprendeu em teoria, importa agora entender a forma como conseguir ultrapassar outro desafio: como desenvolver a nossa actividade pedagógica para além da transmissão de conhecimentos.

O tempo empregue na prática pedagógica é talvez aquele que mais frutos nos trará para o futuro pois aqui começamos a esboçar as respostas a tantas questões suscitadas, como por exemplo, como transmitir esta ou aquela ideia a alunos de uma faixa etária que, por ventura, já não recordamos bem? Como trabalhar com grupos heterogéneos, respeitando as suas características e diferenças?

A componente prática, realizada em contexto real de sala de aula, permite-nos experienciar de uma forma muito aproximada à realidade, os métodos de ensino, as técnicas e teorias estudadas e, além disso, criar algum à-vontade perante uma turma – situação que fará parte de um quotidiano muito próximo.

Outro ponto importante da prática pedagógica é que permite, ao aluno que esteve naturalmente longe do ambiente escolar do ensino básico e secundário, a contextualização com os órgãos de funcionamento da escola, as hierarquias, entre outros, para mais tarde conseguir integrar-se e interagir de uma forma mais eficaz com os seus pares.

Como é evidente, aquilo que procuramos e precisamos não são as respostas fixas, até porque elas não existem, no entanto a prática pedagógica em contexto escolar permite-nos pensar acerca das nossas atitudes, reflectir acerca do nosso papel como docente, nas suas diversas dimensões, procurando sempre acompanhar as novas exigências do ensino.

Capítulo 1 - Processo de Ensino / Aprendizagem - As Artes Visuais no Ensino Secundário

1. Caracterização da Escola e da Turma

A primeira fase componente prática do estágio em ensino foi realizada na Escola Secundária Francisco Franco no Funchal, no primeiro período do ano lectivo 2009/2010.

1.1 A Escola

Trata-se duma Escola Secundária, situada no centro do Funchal, local de trabalho de aproximadamente 291 professores e 2203 alunos no regime de dia, além de 250 alunos no regime nocturno, no presente ano lectivo.

Os cursos leccionados na Escola pertencem a diversas áreas. Está disponível a seguinte oferta formativa:

- Todos os Cursos Científico-humanísticos;
- 4 Cursos Tecnológicos: Administração; Multimédia; Informática; Electrónica.
- Cursos de Educação e Formação (CEF):
 - Tipo 5 (11º e 12ºanos): 7 turmas no 1º ano, que se dividem nos seguintes cursos:
Técnico de Apoio à Gestão; Técnico de Informática; Técnico de Instalações Eléctricas
 - No 2º ano, que se dividem nos seguintes cursos:
Técnico de Apoio à Gestão; Técnico de Informática; Técnico de Electrónica;
Técnico Industrial
 - Tipo 6 (12ºanos):
Técnico de Controlo da Qualidade Alimentar

1.2 A Turma

Esta primeira fase de iniciação à prática docente decorreu com a décima terceira turma de décimo segundo ano, do Curso Científico – Humanístico de Artes

Visuais, na disciplina de Desenho A. Trata-se de uma disciplina da Componente de Formação Específica (leccionada nos 10º, 11º e 12º anos), de conteúdo teórico-prático, com carga horária semanal de 90 + 90 + 135 minutos.

Em relação à turma, foi feita um pequeno estudo estatístico que nos permite interpretar melhor a realidade social e cultural dos alunos que a compõem, ajudando-nos a adequar, tanto quanto possível, a nossa comunicação com os discentes e, conseqüentemente, a nossa prática pedagógica.

A Turma é constituída por 24 discentes, no entanto dois alunos não estão inscritos em todas as disciplinas, não frequentaram então a disciplina onde foi realizada a prática pedagógica, Desenho A.

Dos 22 alunos, 13 são do sexo feminino e 9 do sexo masculino (gráfico 1 do anexo B). A sua média de idades situa-se nos 17,25 anos.

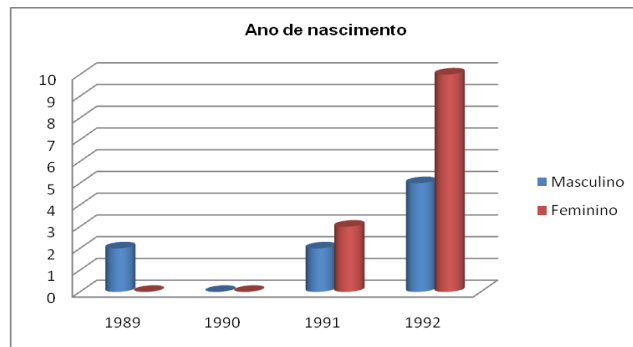


Gráfico 2

Em relação às suas origens, verifica-se que a grande maioria tem nacionalidade portuguesa, registando-se apenas que três elementos do sexo feminino nasceram na Venezuela, país de acolhimento de muitas famílias madeirenses (gráfico 4 do anexo B).

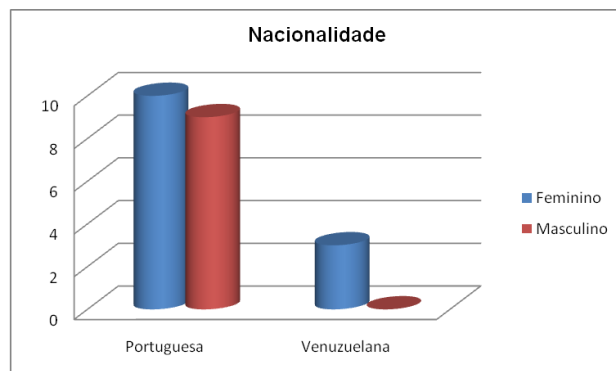


Gráfico 3

A grande maioria dos alunos reside no Funchal e desloca-se entre a casa e a escola utilizando os transportes públicos ou a pé (gráfico 6 do anexo B).

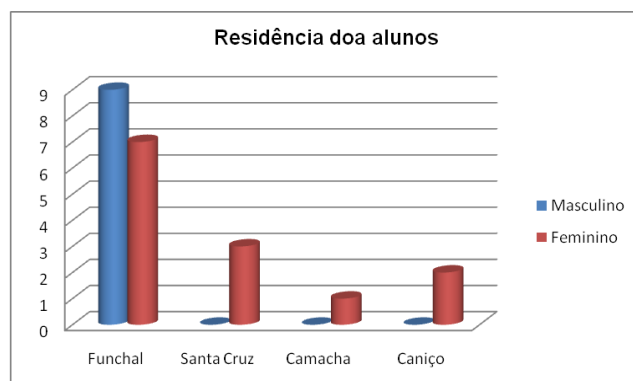


Gráfico 5

Em relação à profissão desejada, verifica-se que a maioria pretende seguir uma carreira dentro da área do curso que estão a frequentar, com especial destaque para a Arquitectura

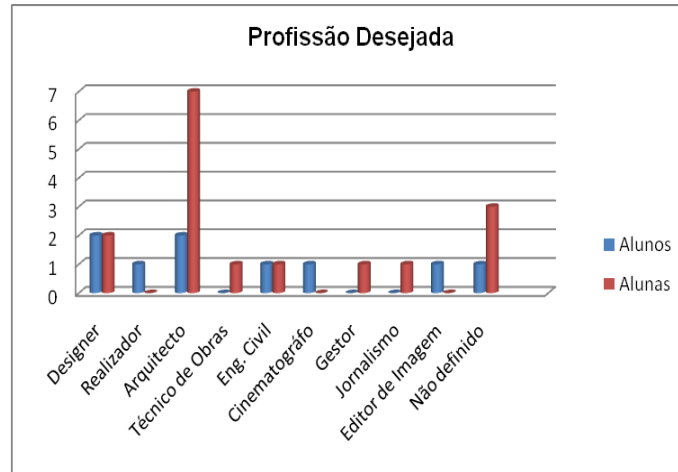


Gráfico 7



Gráfico 8

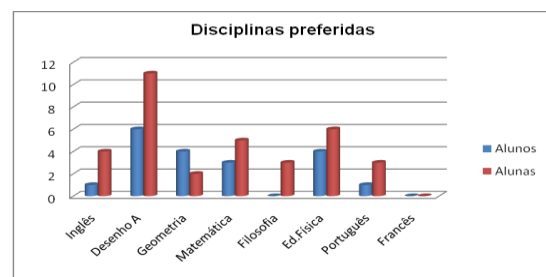


Gráfico 9

Nas disciplinas com maiores dificuldades, as alunas apontam sobretudo a Geometria os alunos o Português. Curiosamente a Geometria ocupa as preferências de ambos os géneros.

À grande maioria dos alunos não foi atribuído qualquer tipo de escalão social, complemento dado segundo o orçamento mensal familiar (gráfico 10 do anexo B), o que poderá ser um importante indicador da faixa económica e social aqui presente. No que se relaciona aos problemas de saúde, os alunos apontaram alguns mas não existem casos que mereçam grande destaque, pois não interferem com o normal funcionamento de aula de Desenho A (gráfico 11 do anexo B).

Em relação aos agregados familiares, verifica-se que a maior parte dos alunos vive em famílias que se enquadram na tipologia tradicional, onde o agregado familiar é composto por pais e irmãos.

A maioria dos pais estão na vida activa no que respeita à actividade profissional. No que se refere à profissão do Pai, comprova-se uma grande variedade de actividades mas têm mais incidência as profissões pertencentes ao sector terciário - serviços e comércio; quanto à profissão da Mãe, existe o mesmo contexto, no entanto, cinco Mães (14%) são domésticas.

Em relação à faixa etária dos pais, situa-se maioritariamente entre 46 e os 50 anos de idade.

Nas habilitações académicas dos Pais, verificamos que a maioria tem habilitações acima do nono ano de escolaridade. A percentagem de alunos que não respondeu a esta questão é significativa pois trata-se de famílias monoparentais. No caso das Mães, a escolaridade é mais elevada e apenas 31 % das Mães, nas respostas femininas e 22% nas respostas masculinas, têm habilitações abaixo do nono ano de escolaridade.

Depois de termos tido algum contacto com a turma, apercebemo-nos que se trata de um grupo pouco homogéneo no que diz respeito às atitudes e na participação em aula. Apesar disso, têm em comum a receptividade a novas experiências e a resposta a assuntos debatidos em aula, de forma voluntária. São alunos com expectativas e curiosidade em relação aos temas artísticos, no entanto, apresentam algumas lacunas, nomeadamente a ausência de pré-requisitos relacionados com a História da Arte e com o contexto artístico actual.

É de salientar que esta turma não tem, nem teve no seu currículo, qualquer disciplina relacionada com a história de arte, embora nas diversas disciplinas se possa fazer um enquadramento da actividade a desenvolver mas não de uma forma sistemática e diacrónica. Esta situação ocorre devido às disciplinas opcionais no ensino secundário e dessa escolha restringir o acesso a determinados cursos superiores. No entanto, esta situação não poderá ser justificação integral para a ausência de conhecimentos e participação, até como espectadores, em eventos culturais disponíveis na região.

2. Caracterização da disciplina de Desenho A

O Desenho é uma das disciplinas que configura na área das Artes Visuais, disciplina central de diversas áreas, estruturadora de muitas outras, que é trabalhada com maior ou menor profundidade, consoante o curso onde está inserida.

O Desenho A, leccionada no Curso Geral de Artes Visuais é uma disciplina que procura trabalhar o desenho na sua plenitude, uma vez que está no centro de diversas áreas sequenciais, a que o curso dá acesso: artes plásticas, arquitectura, design e as diversas engenharias.

“Dominar, Perceber e Comunicar, de modo eficiente, através de meios expressivos do desenho” são o mote para o desenvolvimento do programa de Desenho A, cujo objectivo não se cinge apenas ao trabalho de desenho como uma habilidade manual mas antes à exploração do desenho como algo mais complexo, expressão de uma atitude, de uma personalidade, da observação e interpretação do mundo que nos rodeia.

Da mesma forma que o desenho não é tido como uma área fechada, também os conteúdos leccionados não são estanques, cada um interliga-se naturalmente a duas ou três áreas a tratar: a percepção visual, a expressão gráfica e a comunicação visual. Assim, é fácil compreender que o Desenho é uma área dinâmica, aberta à introdução e actualização de novas formas de trabalhar os conteúdos previstos, sendo o objectivo primordial a criação de condições para que os alunos apreendam da melhor forma, chegando às competências previstas no final do ensino secundário. O programa de Desenho A defende a metodologia assente na “Unidade de Trabalho” (página 5), privilegiando a actividade oficial, onde se explora as três áreas acima mencionadas, considerando os princípios de flexibilidade, de continuidade e de adequação à realidade, aos quais o programa faz referência.

3. Formação e Acção Pedagógica

Este grupo de estágio iniciou a sua prática pedagógica a um de Outubro deste ano lectivo, com a professora Filipa Venâncio, docente afecta aos quadros da Escola Secundária Francisco Franco.

Esta experiência pedagógica é constituída por duas vertentes diferentes: a observação de aulas e a leccionação de aulas, além da necessária orientação para as mesmas.

3.1 Observação de aulas

A maior parte das aulas observadas ocorreram à quinta-feira pois a disponibilidade profissional não permitiu que assistisse noutra hora. Nestas aulas a turma estava dividida em dois turnos, entre o número um onze estão no primeiro turno e os restantes alunos encontram-se no segundo turno.

- 1ª /2ª aulas observadas, 1 de Outubro de 2009

Sumário: Trabalho Diagnóstico

Exploração dos elementos da linguagem plástica. Linha, mancha e textura.

1º turno: Exercício de diagnóstico:

Os alunos deveriam desenhar o seu nome, como se fosse um objecto, utilizando diferentes meios riscadores: esferográfica, marcadores e lápis de grafite.

O exercício teve como objectivo a exploração dos elementos da linguagem visual: linha, mancha, textura e forma.

Foi definido um tempo para a conclusão do trabalho mas não foi possível o seu cumprimento. Após ter decorrido mais dez minutos do estipulado, o trabalho foi dado como concluído.

Recursos: livro “Escrito a mano - Diseño de letras manuscritas en la era digital” de Steven Heller e Mirko Ilija, Edição GG, 2004.

Seguidamente a docente determinou uma nova tarefa: cada aluno escolheu uma cor de cartolina que mais gostava e, sem a utilização de meios mecânicos, deveriam conseguir recortar o seu nome; a actividade intitulou-se “desenhar rasgando”. Este objecto criado deveria ser colado numa folha A3, dobrada ao meio.

2º turno: Exercício de diagnóstico:

No segundo turno era intenção da docente proceder da mesma forma, no entanto, ao verificar que os alunos estavam com algumas dificuldades em tratar o seu nome como um todo, como um objecto visual, sem dar importância à sua legibilidade, foi realizado um exercício de recurso. Este consistia em desenhar o nome que, de uma maneira gradual iria introduzindo alguma dificuldade:

- a) Desenhar o nome com marcador sem levantar a ponta do papel, de início ao fim;
- b) Desenhar o nome sem olhar para a folha;
- c) Desenhar o nome com duas pontas do mesmo material e ao mesmo tempo.

- 3ª /4ª aulas observadas, 8 de Outubro de 2009

Sumário: Trabalho Diagnóstico

Exercícios gráficos

1º turno e 2º turno: Exercício de diagnóstico:

Os alunos deveriam desenhar o seu nome, como se fosse um objecto, através de valores lineares, texturados e de mancha.

O exercício teria de ser realizado com técnica húmida, utilizando tinta-da-china. O pincel não deveria ser levantado do suporte a menos que não tivesse tinta.

O suporte foi a folha de papel cavalinho A3, utilizada na aula anterior, onde os alunos colaram o seu nome, rasgado na cartolina. Para preparação os alunos deveriam utilizar outras folhas de papel cavalinho como rascunho.

Seguidamente os alunos teriam de fazer o mesmo exercício, cumprindo as seguintes condições:

- a) segurar o pincel apenas na sua extremidade;
- b) sem olhar para a folha;
- c) com a mão contrária a que utiliza habitualmente;
- d) com dois pincéis, um em cada mão e de fora para dentro.

Terminado o exercício, teriam de legendar tudo.

No fim houve um diálogo com os alunos para retirar algumas conclusões acerca dos resultados gráficos obtidos e o motivo pelo qual foi pedido o exercício.

Por último os alunos fizeram algumas experiências, desenhando o nome de forma legível, onde a textura sobressaía o suficiente para ser visível e nítida. Desta forma trabalharam também o claro-escuro.

- 5ª /6ª aulas observadas, 15 de Outubro de 2009

Sumário: Diferentes modos de registo.

1º turno e 2º turno: Diferentes modos de registo.

Foi pedido aos alunos que desenhassem tudo aquilo que tinham dentro do seu estojo, organizado da forma que achassem harmoniosa.

O suporte utilizado foi o papel cavalinho, formato A3 na posição horizontal.

As técnicas teriam de ser variadas e seleccionadas pelos discentes.

- 7ª /8ª aulas observadas, 22 de Outubro de 2009

Sumário: Visita de estudo à exposição: A experiência da forma: *Um Olhar sobre o Museu da Arte Contemporânea*, actividade proposta.

A actividade foi promovida por quatro elementos do grupo de estágio e desenvolveu-se no Centro das Artes “Casa das Mudas”. No decorrer da visita, cada elemento ia contribuindo para o esclarecimento daquilo que estava a ser observado e por fim foi atribuído uma tarefa aos alunos: o registo gráfico de três obras que os tivesse chamado à atenção ou a recriação a partir de alguma obra aqui presente.

- 9ª /10ª aulas observadas, 29 de Outubro de 2009

Sumário: Análise de um texto de Lourdes de Castro.

Abordagem teórica, o corpo na performance, visualização de alguns vídeos.

Registos gráficos de expressões corporais.

Aulas leccionadas pela docente estagiária Andreia Tomás

1º turno:

Inicialmente a docente pediu que os alunos tivessem presente o texto já distribuído anteriormente, pela primeira interveniente do projecto, professora estagiária Neide Ferreira. O referido texto foi analisado em conjunto, onde foi criada uma interacção docente-alunos, tendo sido utilizado o quadro como meio de registo para o grupo.

Posteriormente a docente fez uma pequena abordagem teórica sobre a *Performance*, recorrendo à projecção de uma apresentação e de alguns excertos de vídeos

performativos. Frequentemente foi solicitada a participação dos alunos, à qual acediam de forma ordeira.

A docente passou então à componente prática da sua aula e deu a conhecer a proposta de trabalho a realizar. Esta consistia no registo gráfico de diversas expressões corporais, trabalho realizado em grupo, onde o objectivo era fazerem alguns estudos para posteriormente serem utilizados na *performance*.

2º turno:

No segundo turno a docente utilizou as mesmas estratégias e recursos, conforme o solicitado pela docente orientadora. No entanto, os alunos tiveram uma atitude mais participativa e activa no decorrer da aula, tanto na componente teórica como na componente prática.

- 11ª aula observada, em 4 de Novembro de 2009

Sumário: A Poesia Visual

Visualização do vídeo: “A mão inteligente” de Ana Hatherly.

Trabalho prático “Cadavre esquis”.

Aula leccionada pela docente estagiária Teresa Vasconcelos (com 90 minutos de duração)

A docente deu início à aula contextualizando a Poesia Visual, recorrendo para tal à projecção de uma apresentação audiovisual. Como forma de exemplificar um trabalho enquadrado na sua temática apresentou o vídeo “A mão inteligente” de Ana Hatherly. Após esta primeira fase introdutória, apresentou a sua proposta de trabalho prático que consistia na realização de um trabalho de grupo com a técnica “Cadavre esquis”. Todos os grupos realizaram o trabalho prático e houve oportunidade para conhecer rapidamente o trabalho dos colegas da turma.

3.2 Acção Pedagógica

Inicialmente foi apresentado o plano de intenções acerca do tema a leccionar e a relação entre o trabalho de investigação e a prática pedagógica. Uma vez aceite a proposta, passou-se à elaboração da planificação a médio prazo, enquadrando os vários elementos, com vista à leccionação de três aulas de cento e trinta e cinco minutos e uma de noventa minutos.

O referido projecto estava concebido em três fases distintas: a apresentação à turma e o enquadramento, a revisão de conceitos sobre as áreas de exploração a trabalhar e a realização do projecto. O projecto tinha a preocupação de promover o contacto com o contexto artístico local, com a presença de um artista ilustrador na sala de aula e, simultaneamente, potenciava a interacção com a comunidade escolar, participando numa exposição a realizar na escola, no Dia Mundial do Ambiente.

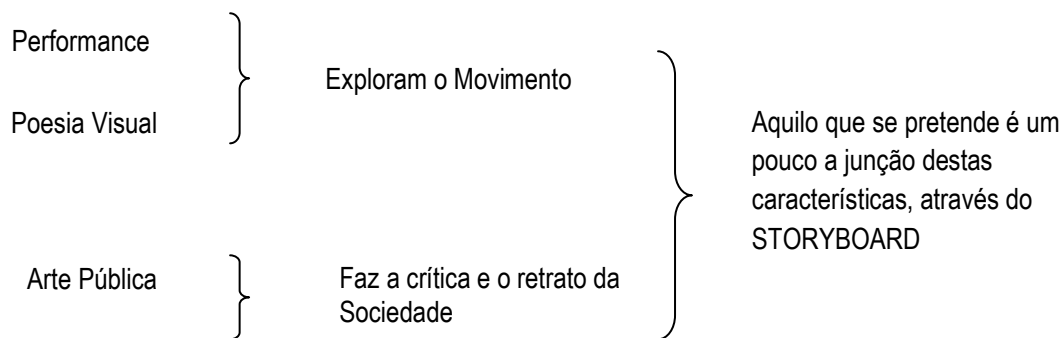
Este projecto foi pensado e planificado (ver anexo B), no entanto, devido a uma situação alheia à vontade de todos os envolvidos, não foi possível a sua realização. Foi então necessário reequacionar toda a acção pedagógica, dado que tinha apenas a possibilidade de leccionar uma aula de cento e trinta e cinco minutos. Estas actividades foram planificadas e posteriormente verificadas pela docente cooperante e poderão ser consultadas no ver anexo B.

Tendo como factor limitativo o tempo, foi imperativo que a nova proposta de trabalho ficasse reduzida a uma actividade de estudo para a realização de uma das linguagens plásticas inicialmente pensadas. Neste caso foi seleccionado o Storyboard, por ser versátil e por permitir aos alunos expressar as suas ideias, projectando a utilização de meios multimédia, imprimindo nesse trabalho a sua personalidade, a sua perspectiva do mundo, a sua crítica.

Nesta nova proposta continuei a conceber o projecto em três etapas, em que a primeira se destinava à sensibilização e reflexão sobre as questões ambientais, à apresentação da ideia do Projecto à turma, com o enquadramento tido como pertinente e, simultaneamente, transmitir aos alunos a ligação com as aulas leccionadas anteriormente.

Para atingir estes objectivos da primeira fase iniciou-se a aula com um diálogo com os alunos sobre aquilo em que tinham trabalhado nas últimas aulas, construindo no quadro o seguinte esquema, à medida que os alunos intervinham:

Manifestações Artísticas Contemporâneas:



Seguidamente, recorrendo à utilização do projector de vídeo, foi projectada uma apresentação onde se mencionou a um dos primeiros momentos em que artistas plásticos demonstraram preocupação com as questões ambientais, a 14ª Bienal de São Paulo em 1977. Referi o artista Frans Krajcberg, mostrando uma imagem do seu trabalho, como um dos representantes aqui presentes. Seguiram-se exemplos do artista português Alberto Carneiro ("Uma floresta para os teus sonhos", 1970), fotografias de Andreas Gursky, ("99 Cent", 1999 e "Hongkong and Shanghai Bank", 1994) e dois exemplos artísticos mais recentes: "Arco do Triunfo" de Xana (2009) e "O jardim do Éden #3" de Joana Vasconcelos (2009). Os alunos apenas conheciam a última artista de que foi referida mas demonstraram interesse no tema, participando e reflectindo em conjunto sobre as obras apresentadas.

Passou-se então para o enquadramento, questionando os alunos acerca do Protocolo de Quioto, aferindo assim se sabiam do que se tratava. Apenas um aluno respondeu correctamente e de forma completa (no segundo turno), todos os restantes já tinham ouvido falar mas não sabiam propriamente explicar o seu significado. Depois de fazer um breve apanhado sobre o referido protocolo, apresentei um vídeo da organização *Greenpeace* como forma de recordar algumas das catástrofes naturais mais significativas da nossa actualidade (Greenpeace - Inspiring Action, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=zVu9eawb1QY>).

Posto isto, passei à apresentação da proposta de actividade: a criação de estudos para um guião ou sequência para um filme de animação (*storyboard*) cuja duração seria entre os 20 e os 30 segundos. Esta animação poderia fazer parte de uma campanha institucional, a ser transmitida em forma de anúncio televisivo.

Na segunda fase do projecto questionei os alunos se tinham ideia do que era um *storyboard*, ao qual me responderam correctamente, embora nunca tivessem trabalhado anteriormente esta linguagem. Passei então a sistematizar algumas ideias sobre esta linguagem artística, referindo as suas principais características e funções. A fim de consolidar alguns conceitos, nomeadamente a forma de tratamento do *tempo* e *movimento* nesta linguagem plástica mostrei quatro exemplos de *storyboard*: *A Receita do Sossego* de Fernando Lino

(www.receitadosossego.com/dnloads/ReceitadoSossego.pdf), e por último em formato de vídeo (storyboard Live Action Film_TV Demo Reel, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=3Ze4EmSaktA>). Este último exemplo suscitou muita curiosidade por parte dos alunos, pedindo para visualiza-lo novamente.

Terminei a apresentação com as referências bibliográficas.

Os diapositivos da apresentação poderão ser visualizados no anexo B.

Decorrida a segunda fase do projecto, passamos à parte prática do projecto. Esta foi realizada em grupo, estando a turma já assim organizada nas últimas aulas leccionadas.

Referi aos alunos que poderiam escolher a sua forma de organização do trabalho mas deixei também uma proposta no quadro, a qual poderiam seguir.

Os alunos trabalharam bem, de uma forma organizada e entusiástica. Procederam à selecção das mensagens a tratar, definição do público-alvo e realização de estudos para o argumento: criação das personagens, esquematização e desenho das cenas sequenciais e introdução de vários elementos (som e movimento).

3.3 Relação entre a temática do trabalho de investigação científica e a prática pedagógica

O trabalho de investigação que desenvolvido debruçou-se sobre o tema “Design Ecológico em Portugal”. Esta temática foi seleccionada antes de ter conhecimento das disciplinas em que os decentes estagiários iriam desenvolver a componente prática. Assim, tornou-se um pouco difícil adequar os conteúdos trabalhados à disciplina de Desenho A, leccionado num Curso Geral de Artes Visuais; o facto de se tratar de uma turma de 12º ano, com a realização da prova de Desenho A (exame nacional) disciplina específica para a entrada na universidade, é também

uma condicionante importante para o desenvolvimento das acções das docentes estagiárias.

Assim, apontei esforços para o desenvolvimento de um trabalho expressivo de desenho, tendo como temática as preocupações ambientais. Para esta escolha contribuiu também o percurso que estava a ser desenvolvido com a turma por parte das restantes estagiárias, uma vez que, por uma questão de seguimento, fui a última a intervir.

Tratei especificamente o *Storyboard*, por considerar que se trata de uma linguagem visual versátil que permitia aos alunos desenvolver um tema escolhido por si, desde que se relacionasse com as problemáticas ambientais, permitindo uma expressão da sua personalidade e individualidade crítica.

3.4 Competências trabalhadas

No quadro seguinte são apresentadas as competências trabalhadas e a forma como foram colocadas em prática:

Competências	Operacionalização
Desenvolver e explorar competências transversais no âmbito da cidadania;	Sensibilização para uma problemática actual que se relaciona com a sociedade em geral, um tema abrangente.
Ler criticamente mensagens visuais de origens diversificadas;	Analisar mensagens a partir de obras artísticas, contribuindo com a sua interpretação para o debate em grupo.
Trabalhar a capacidade de síntese, por aplicação de princípios, ideias, métodos ou conceitos no domínio das operações abstractas;	Através do desenho, expressar mensagens de fácil apreensão, directas e inequívocas.
Desenvolver a capacidade de visualização mental e representação gráfica das formas imaginadas, sendo autor de novas mensagens, utilizando a criatividade e a invenção em metodologias de trabalho faseadas;	Através do desenho, expressar originalidade e criatividade. Utilizar o seu próprio método de trabalho para a realização da tarefa pedida.
Intervir criticamente, no âmbito da realização plástica, na comunidade onde está inserido.	Participar com os seus trabalhos numa exposição colectiva relacionada com a temática.

3.5 Relação Pedagógica com os alunos

No decorrer da prática pedagógica, tanto nas aulas observadas (dirigidas pela professora cooperante ou pelas colegas de estágio) tentei sempre acompanhar os alunos naquilo que me solicitavam. Procurei adaptar as minhas acções ao grupo, à sua faixa etária e ao seu quotidiano, dentro dos meus conhecimentos. Estive permanentemente disponível para os ajudar, esclarecer dúvidas e dar a minha opinião sobre determinado assunto, no sentido de contribuir para a sua formação da forma mais profissional que estava ao meu alcance.

Penso que contribuí para o estabelecimento de um ambiente franco e descontraído, investindo no diálogo com os discentes, recorrendo a exemplos práticos do nosso dia-a-dia para esclarecer as suas dúvidas.

Tentei sempre demonstrar pontualidade e assiduidade, procurando transmitir o sentido de responsabilidade, necessária a qualquer actividade. A compreensão do outro e a justiça, que implica o respeito mútuo, fizeram também parte da minha conduta.

3.6 Relação Pedagógica com as colegas de estágio

Sendo o grupo de estágio constituído por cinco elementos, cada qual com a sua experiência de vida e, em alguns casos, de ensino, era de todo o interesse manter uma relação saudável entre todos. Assim aconteceu, em minha opinião. Todas se esforçaram por dar o seu melhor, independentemente de quem estava a ser alvo de observação, ajudando na medida do possível a docente orientadora e as colegas. Penso que o bom relacionamento entre as colegas estagiárias contribuiu largamente para o bom resultado final e para a criação de um bom ambiente de sala de aula.

Considero que é extremamente positivo e gratificante trabalhar em grupo, numa relação de cumplicidade profissional, pois assim contribuímos para a troca e consequente evolução da nossa prática pedagógica, com vista ao seu aperfeiçoamento.

3.7 Relação Pedagógica com a docente orientadora

Considero que o grupo de estágio foi bem acolhido aquando o início da experiência pedagógica no ensino secundário, a docente orientadora apresentou-se com uma postura cordial e acolhedora.

No decorrer da experiência pedagógica a docente analisou criticamente o trabalho das estagiárias mas a prática pedagógica teve de ser interrompida, devido a uma situação imprevista, alheia à vontade de todos os envolvidos, que impediu o normal funcionamento desta fase da prática pedagógica-didáctica.

4. Avaliação em Desenho A

A avaliação nesta disciplina, obedece aos princípios gerais da avaliação determinada pela lei em vigor, compreendendo a Avaliação Sumativa e a Avaliação Formativa. Estas duas modalidades foram equacionadas na avaliação específica da disciplina, adoptada na Escola (ver anexo B).

Quanto aos trabalhos realizados, não foi possível, devido a questões de agendamento, proceder à sua avaliação. Esta tarefa seria concretizada em conjunto com a docente orientadora.

4.1 Operacionalização da avaliação nas aulas leccionadas

Em relação a este ponto, penso que é bastante importante ficar com a noção da forma como se deve avaliar diariamente um conjunto de alunos, ou seja como colocar em prática a avaliação, concebida em teoria. Embora este documento não tivesse sido exigido pela docente orientadora, achei pertinente ter um apoio para poder registar e avaliar as actividades e atitudes dos alunos no decorrer da aula que estava a leccionar. Este documento encontra-se no anexo B.

5. Auto-avaliação

Olhar para nós e para o trabalho produzido é talvez uma dos exercícios mais importantes da prática docente. Desenganam-se aqueles que pensam ter a verdade já adquirida e a certeza das coisas pois certamente, a qualquer momento, estas podem cair por terra. Já a história nos mostrou que o aperfeiçoamento é contínuo em qualquer área, sobretudo naquelas em que trabalhamos com as ciências sociais. Assim, e para facilitar a análise realizada ao trabalho desenvolvido na primeira fase da prática pedagógica, dividi-a em dois pontos: os aspectos positivos e os aspectos negativos.

Aspectos positivos:

- Penso que consegui fazer uma boa ligação entre o meu tema de trabalho e o projecto desenvolvido pelas colegas, enquadrando a minha temática numa sequência lógica;
- Estabeleci um espaço de diálogo, respeitando o espaço/tempo de participação dos alunos em aula que, a meu ver, contribui em diversos aspectos para a evolução dos conhecimentos dos discentes;
- Utilizei uma linguagem acessível ao nível cultural e etário dos alunos, sem esquecer o rigor técnico;
- Os alunos entenderam bem a proposta de trabalho, esclarecendo algumas dúvidas antes de iniciarem a parte prática;
- Proporcionei o trabalho em equipa, procurando estabelecer o espírito de grupo e a cooperação, com todas as vantagens que daí advêm.
- Dei uma sugestão sobre a metodologia a adoptar, referindo e deixando em aberto a possibilidade de utilização do seu próprio método de trabalho.

Aspectos negativos:

- A actividade estava inicialmente prevista para ser desenvolvida em dois blocos de 135 minutos mas quando foi necessário reduzir este tempo para metade, os resultados ficaram um pouco aquém do esperado;
- Alguns alunos preocuparam-se demasiado com o tema e o argumento, restando-lhe pouco tempo para explorar as componentes do desenho.

Capítulo 2 - Processo de Ensino / Aprendizagem - As Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico

1. Caracterização da Escola e da Turma

A segunda fase da componente prática do em ensino foi realizada na Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco no Funchal, no segundo período do ano lectivo 2009/2010.

1.1 A Escola

Trata-se duma Escola Básica e Secundária, situada na zona dos Barreiros no Funchal, local de trabalho de aproximadamente 2000 alunos. Na Escola lecciona-se o Segundo e Terceiro ciclos do Ensino Básico e Ensino Secundário, incluindo o Ensino Recorrente Nocturno, os Currículos Alternativos e o 10º e 13º ano, via profissionalizante.

Os cursos leccionados na Escola, para além do 2º e 3º ciclos regulares e Percursos Curriculares Alternativos, são os a seguintes:

- Ensino Básico Diurno, ao nível do 3º ciclo:

Cursos de Educação e Formação

Curso de Cozinha

Curso de Assistente de Administração

Técnico de Electricidade de Instalações

Curso de Bar/Mesa

Curso de Pastelaria e Panificação

- Ensino Básico Nocturno, ao nível do 3º ciclo:

Ensino Básico Recorrente Unidades Capitalizáveis

- Curso de Educação e Formação de Adultos

Ensino Secundário Diurno
Cursos Científicos-Humanísticos
Línguas e Humanidades

- Ciências e Tecnologias

Cursos Tecnológicos
Acção Social

- Cursos de Educação e Formação
Curso de Energias renováveis
Técnico de Turismo

- Ensino Secundário Nocturno
Curso Ciências Sociais e Humanas

1.2 A Turma

Os alunos com que trabalhamos nesta segunda fase de iniciação à prática docente pertenciam à quinta turma de nono ano do ensino regular, na disciplina de Educação Visual.

Em relação à turma, foi feita um breve apanhado sobre os dados sociais relevantes (reunidos num pequeno estudo estatístico) que nos permite interpretar melhor a realidade social e cultural dos alunos que a compõem, ajudando-nos a adequar, tanto quanto possível, a nossa comunicação com os discentes e, conseqüentemente, a nossa prática pedagógica.

A Turma é constituída por dezoito discentes, no entanto sete alunos não frequentam a disciplina pois escolheram Educação Tecnológica como oferta artística, área de opção no nono ano.

Dos 18 alunos, 9 são do sexo feminino e 9 do sexo masculino.

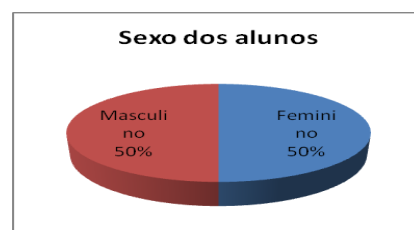


Gráfico 29

Em relação a situações especiais de saúde, está integrado um aluno com Síndrome de Asperger e uma aluna com Síndrome de Déficit de Atenção com Hiperactividade e Dificuldades de Aprendizagem.

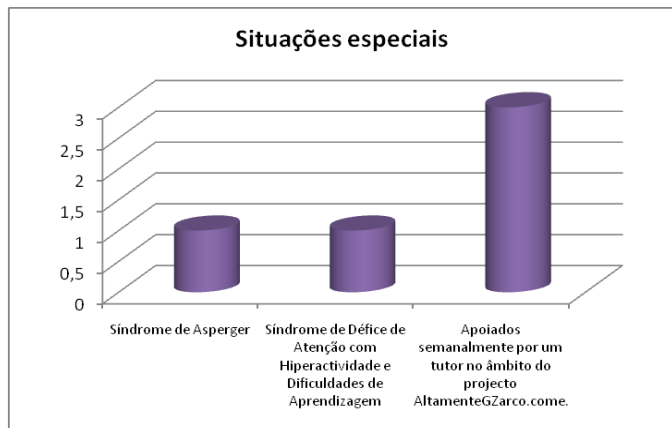


Gráfico 30

A maioria dos alunos pretende prosseguir estudos pelo menos até ao décimo segundo ano, embora a grande maioria aponte também para a frequência do ensino superior.

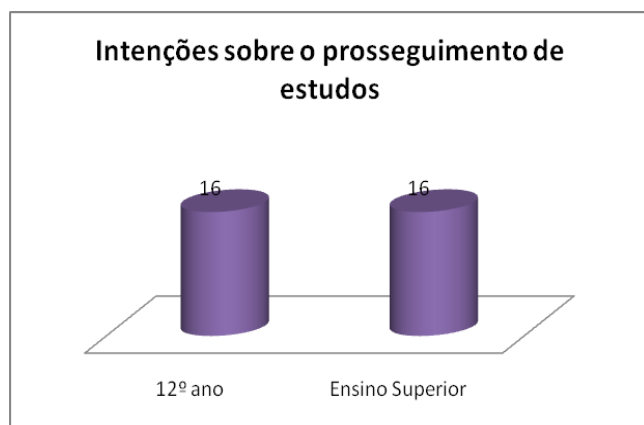


Gráfico 31

Em relação à metodologia de trabalho, a maioria prefere desenvolver trabalhos em grupo e a qualidade que mais apreciam num professor é a compreensão.

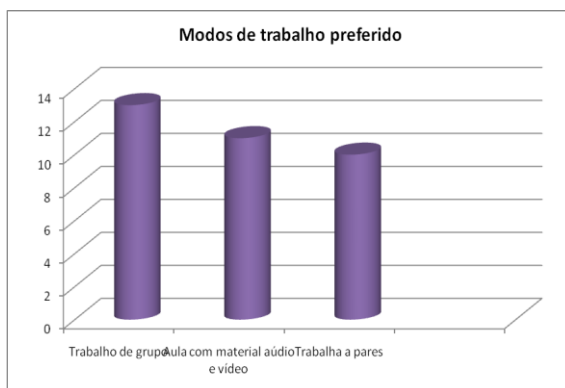


Gráfico 32



Gráfico 33

Em relação aos agregados familiares, verifica-se que a maior parte dos alunos vive em famílias que se enquadram na tipologia tradicional, onde o agregado familiar é composto por pais e irmãos.

A maioria dos pais estão na vida activa no que respeita à actividade profissional, com uma situação estável. Em relação à faixa etária dos pais, situa-se maioritariamente entre 41 e os 50 anos de idade.

Nas habilitações académicas dos pais, verificamos que a maioria tem habilitações acima do nono ano de escolaridade.

Esta informação poderá ser consultada com mais pormenor no Anexo C.

Ao observar a turma no contexto de sala de aula, verifica-se que se trata de um grupo de alunos homogéneo, com as suas naturais diferenças. Apresentam receptividade a novas experiências e participam nas actividades propostas, após um pequeno período de algum acanhamento.

2. Caracterização da disciplina de Educação Visual

A disciplina de Educação Visual faz parte da oferta formativa de opção na Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco. Assim, os alunos que frequentam esta disciplina fazem-no por opção própria.

Após terem frequentado a disciplina de Educação Visual, obrigatória no 7º e 8º anos, terão aqui adquirido conceitos e conhecimentos base dentro da área. Têm agora possibilidade de desenvolver determinados conceitos de uma forma mais alargada.

Neste sentido, considereei pertinente o trabalho de projecto, de forma a permitir um ritmo de trabalho próprio em cada aluno, respeitando uma determinada sequência de trabalho. Por seu turno, também a selecção da temática a desenvolver, relacionado com as questões ecológicas e o design, são abordados por diversas disciplinas do terceiro ciclo, factor determinante para a forma como foi introduzida a temática.

3. Formação e Acção Pedagógica

O grupo de estágio iniciou a segunda fase da prática pedagógica a 7 de Janeiro de 2010, com a professora Ana Cristina Duarte, docente afectada aos quadros da Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco.

Esta experiência pedagógica teve duas componentes distintas: a observação e a leccionação de aulas, além da necessária orientação para as mesmas.

O horário em que ocorria este estágio, estabelecido entre a docente orientadora e as docentes estagiárias compreendia uma reunião semanal para a preparação e balanço das actividades e as aulas propriamente ditas, a decorrer à segunda-feira, entre as oito e cinquenta e cinco e as nove e quarenta e à quinta-feira, entre as oito e dez e as nove e quarenta.

Dada a calendarização determinada e o número de docentes estagiárias integradas no mesmo grupo, apenas foi possível a observação de duas aulas leccionadas pela docente orientadora. Assim, as aulas observadas foram maioritariamente leccionadas pelas colegas de estágio.

3.1 Observação de aulas

Aulas leccionadas pela docente cooperante

- 1ª aula observada – 90 minutos; 7 de Janeiro de 2009

Sumário: Criação de uma personagem para o filme de animação.

Caracterização e contextualização num novo episódio.

Técnica livre: grafite, pastel seco, lápis de cor.

- 2ª aula observada – 45 minutos; 11 de Janeiro de 2010

Sumário: Criação de uma personagem – conclusão.

- 3ª aula observada – 90 minutos; 14 de Janeiro de 2010

Aulas leccionadas pela docente estagiária Neide Ferreira:

Sumário: Manifestações Artísticas Contemporâneas: *Performance*, Poesia Visual e Arte Pública.

Seleção de grupos de trabalho através do jogo “O dia dos meus anos”.
Jogo educativo “O meu envelope de cor”.

- 4ª aula observada – 45 minutos; 18 de Janeiro de 2010

Sumário: Manifestações Artísticas Contemporâneas: *Performance*, Poesia Visual e Arte Pública.

Apresentação da proposta de trabalho a desenvolver pelos alunos.

Análise das actividades observadas:

A docente estagiária introduziu correctamente o tema a trabalhar, procurando enquadrar o assunto, através de projecção de um *Power Point*.

A selecção dos grupos foi feita com um jogo, o que veio quebrar o ambiente um pouco formal vivido na aula.

Seguidamente os alunos agruparam-se com os seus parceiros de trabalho e realizaram uma tarefa de grupo.

Todas as actividades decorreram de forma satisfatória, com interesse por parte dos alunos.

Aulas leccionadas pela docente estagiária Andreia Tomás:

- 5ª aula observada – 90 minutos; 21 de Janeiro de 2010

Sumário: Manifestações Artísticas Contemporâneas: *Performance*.

Introdução à performance através de exercícios acerca das expressões corporais.

Breve abordagem teórica sobre a performance – expressões corporais.

Proposta de trabalho: Registos fotográficos de expressões corporais.

- 6ª aula observada – 90 minutos; 25 de Janeiro de 2010

Sumário: Manifestações Artísticas Contemporâneas: *Performance*.

Continuação da aula anterior, trabalhos de grupo: exploração de expressões corporais.

- 7ª aula observada – 45 minutos; 28 de Janeiro de 2010

Sumário: Manifestações Artísticas Contemporâneas: *Performance*.

Continuação do trabalho de grupo: exploração de expressões corporais.

Análise dos registos fotográficos.

Elaboração de um guião de acção.

- 8ª aula observada – 45 minutos; 1 de Fevereiro de 2010

Sumário: Manifestações Artísticas Contemporâneas: *Performance*.

Continuação do trabalho de grupo: exploração de expressões corporais.

Elaboração de um guião de acção.

Finalização da proposta de trabalho.

Análise das actividades observadas:

Inicialmente a docente fez um elo de ligação à aula anterior, solicitando o texto já abordado e aprofundando o tema *Performance*, sobre o qual tinham feito já uma breve abordagem. Para tal recorreu à projecção de uma apresentação e de alguns excertos de vídeos performativos.

A docente passou então à componente prática da sua aula e deu a conhecer a proposta de trabalho a realizar: organizados em grupo, mantendo as equipas de trabalho formadas na aula anterior, procediam ao registo fotográfico de diversas expressões corporais, onde o objectivo era fazerem alguns estudos para posteriormente serem utilizados na *Performance*. Como última proposta foi solicitado aos alunos que fizessem um guião de acção para a planificar a actividade final.

As tarefas foram recebidas com interesse pois a actividade em grupo e com cariz prático são aquelas que mais agradam, em norma.

A docente recorreu a várias metodologias e diversos meios para a leccionação das suas aulas, o que é sempre positivo.

Aulas leccionadas pela docente estagiária Teresa Vasconcelos:

- 9ª aula observada – 90 minutos; 4 de Fevereiro de 2010

Sumário: Manifestações Artísticas Contemporâneas: introdução à Poesia Visual.

Visualização de obras de poetas e artistas.

Trabalho prático: recorte-colagem, pintura e desenho de elementos linguísticos.

- 10ª aula observada – 45 minutos; 8 de Fevereiro de 2010

Sumário: Manifestações Artísticas Contemporâneas: introdução à Poesia Digital.

Apresentação do pêndulo animado de Melo e Castro.

Elaboração de uma infopoesia.

- 11ª aula observada – 90 minutos; 11 de Fevereiro de 2010

Sumário: Manifestações Artísticas Contemporâneas: Poesia Visual.

Continuação e conclusão da elaboração da composição poético-visual.

Continuação da elaboração da Poesia Digital no *software PowerPoint*.

Análise das actividades observadas:

A docente deu início à aula questionando os alunos se já tinham anteriormente trabalhado esta temática; a turma referiu que no ano passado tinham abordado o tema em Língua Portuguesa. Com a finalidade de contextualizar a Poesia Visual, a docente recorreu à projecção de uma apresentação audiovisual.

Após esta primeira fase introdutória, apresentou a sua proposta de trabalho prático que consistia na realização de um trabalho gráfico onde teriam de trabalhar a letra no contexto do tema, com utilização das técnicas de colagem, pintura e desenho.

Posteriormente foi realizado um trabalho semelhante mas com a exploração de som e movimento, em suporte informático, com recurso ao *software PowerPoint*.

O trabalho, realizado em grupo, foi bem aceite por todos os alunos e as aulas decorreram muito bem, de uma forma geral.

Aulas leccionadas pela docente estagiária Carolina Martins:

- 12ª aula observada – 90 minutos; 18 de Fevereiro de 2010

Sumário: Manifestações Artísticas Contemporâneas.

Breve abordagem do conceito de instalação.

Criação de um cenário/ instalação (composições de objectos).

- 13ª aula observada – 45 minutos; 1 de Março de 2010

Sumário: Manifestações Artísticas Contemporâneas: continuação e conclusão da composição da Poesia Digital.

- 14ª aula observada – 90 minutos; 4 de Março de 2010

Sumário: Manifestações Artísticas Contemporâneas.

Criação de uma foto-montagem digital dos cenários/ instalações realizados registados na aula anterior.

Análise das actividades observadas:

A primeira aula iniciou-se de forma diferente daquilo que a docente tinha planificado. Dada uma falha geral na electricidade, não foi possível recorrer ao projector de vídeo para introduzir a sua temática e viu-se obrigada a improvisar uma solução funcional para a sua aula. Começou por reunir os alunos em semicírculo, visualizaram algumas imagens no computador enquanto trocava algumas ideias sobre os conceitos de instalação e arte pública.

Em termos práticos, os alunos desenvolveram estudos para o cenário a ser utilizado na actividade final, reunindo assim os trabalhos desenvolvidos com as quatro docentes estagiárias até ao momento.

De uma forma geral, as aulas correram bem, com interesse e empenho por parte dos alunos.

3.2 Acção Pedagógica

Inicialmente foi apresentado o plano de intenções acerca do tema a leccionar e a relação entre o trabalho de investigação e a prática pedagógica. Uma vez aceite a proposta, houve lugar à elaboração da planificação a médio prazo, enquadrando os vários elementos indispensáveis à mesma como as Competências Gerais, as Competências Específicas, os Conteúdos, as Actividades/Estratégias e a Avaliação (ver anexo C).

O trabalho de projecto foi considerado pertinente pois permite uma interligação com diversas disciplinas do terceiro ciclo, além do tema, relacionado com a ecologia e as questões ambientais, ser já familiar aos alunos, promovendo no entanto o alargamento de conhecimentos e conceitos. Trabalhou-se então sobre Design Ecológico.

A organização foi feita em três fases distintas:

Fase I:

- Apresentação da ideia do Projecto à turma e devido enquadramento;
- Revisão de conceitos sobre a Metodologia do Processo de Design;
- Pesquisa orientada sobre Design Ecológico.

Fase II:

- Criação e desenvolvimento das ideias – desenho de esboço;
- Selecção de ideias e Desenvolvimento da solução.

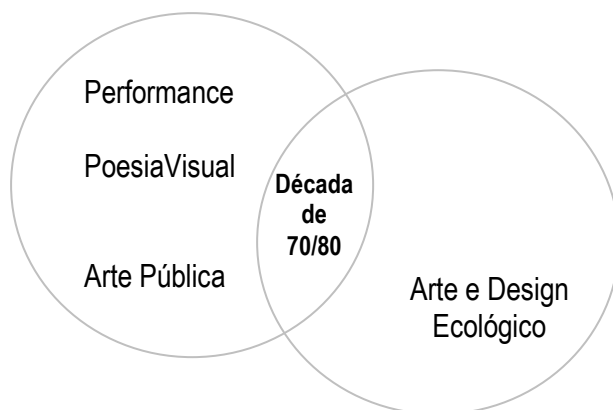
Fase III:

- Representação rigorosa do objecto através do sistema de vistas (cubo envolvente), Método Europeu;
- Representação rigorosa do objecto através da Perspectiva Cavaleira.

- 1ª aula leccionada – 45 minutos; 8 de Março de 2010

Na primeira aula leccionada foi realizada uma primeira abordagem ao tema a desenvolver, através de um diálogo com os alunos sobre aquilo em que tinham trabalhado nas últimas aulas, construindo no quadro o seguinte esquema, à medida que os alunos intervinham:

Manifestações Artísticas Contemporâneas:



Seguidamente foi distribuída uma ficha de apoio, preparada para a aula, referindo que se tratava de uma ficha de consulta para o esclarecimento de dúvidas. (ver anexo C)

Passou-se depois à explicação das actividades a desenvolver e, recendo as ideias dos alunos sobre o objecto a trabalhar, a intenção inicial era seleccionar uma delas. No entanto, durante a aula, e perante a resposta dos alunos, reformulei a minha estratégia de actuação, remetendo para o final da aula a decisão do objecto a desenvolver, por considerar que o grupo não tinha ainda entendido aquilo que era solicitado.

Recorrendo ainda à ficha de apoio, foi recordada a Metodologia de Projecto, questionando os alunos sobre a fase que inicia o projecto e as etapas subsequentes; quase todos os alunos demonstraram ter domínio sobre aquilo que estava a ser apresentado.

Por fim foi dada indicação à turma para proceder à pesquisa através da consulta de alguns catálogos levados pela docente e também utilizando a internet, tendo sido sugerido a consulta do *blog* com o endereço <http://raizverde.blogspot.com>. Com o objectivo de organizar uma pesquisa onde a reflexão e a organização de ideias eram o ponto mais importante, foi pedido aos alunos que organizassem um documento *Word*, onde deveriam referir o autor da peça, a fonte e um comentário que considerassem pertinente. Desta forma estariam a trabalhar as competências gerais para o terceiro ciclo, mais especificamente a competência número três (Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio) e número seis (Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável).

Na parte final da aula houve ainda tempo para determinar qual a peça a desenvolver: um *puff*, tendo em conta as preocupações ecológicas. Foi também explicada a calendarização do projecto, presente na ficha de apoio.

Os alunos levaram como trabalho para casa a reflexão acerca do projecto e criação de algumas ideias a serem registadas no diário gráfico.

- 2ª aula leccionada – 90 minutos; 11 de Março de 2010

Decorrida a primeira fase do projecto, foi necessário acompanhar os alunos na criação ou melhoramento das ideias para o projecto e a necessária selecção, ouvindo os argumentos e as explicações das escolhas.

Foi distribuído aos alunos uma ficha de apoio sobre as Projecções Ortogonais, mais especificamente o Método Europeu. Esta foi realizada para conter uma série de informações que poderão ser consultadas, caso o aluno tivesse essa necessidade.

Dedicando então alguma atenção sobre esta matéria, foi feita uma breve revisão sobre o desenho técnico, os seus objectivos e as suas características; para que se tornasse mais elucidativa a organização do sistema de vista, foi utilizado um objecto simples como modelo que a docente desenhou no quadro, completando a informação de forma oral. Depois disto, os alunos iniciaram o desenho rigoroso do objecto criado.

- 3ª aula leccionada – 45 minutos; 15 de Março de 2010

Nesta aula, com a duração de quarenta e cinco minutos, os alunos concluíram a pesquisa iniciada na aula anterior com a mesma duração e organizaram o documento, completando análises e comentários.

- 4ª aula leccionada – 90 minutos; 18 de Março de 2010

A aula deste dia foi destinada à conclusão dos trabalhos de desenho no Método Europeu. À medida que os alunos terminaram os seus trabalhos prepararam uma nova folha de papel cavalinho para o desenho do objecto em Perspectiva Cavaleira.

Após a maioria dos alunos terem terminado, foi-lhe pedido que prestassem atenção e foi feita uma revisão da referida perspectiva, recorrendo ao manual adoptado no grupo disciplinar.

Todos os alunos iniciaram este desenho nesta aula, em que apenas uma aluna terminou.

- 5ª aula leccionada – 45 minutos; 22 de Março de 2010

Esta aula foi iniciada com uma revisão das datas previstas para a conclusão dos trabalhos, referindo aos alunos que seria o último dia para o termo do projecto.

Todos os alunos terminaram o projecto neste dia, à excepção de dois alunos, com situações excepcionais que serão descritas na avaliação da proposta.

- 6ª aula leccionada – 90 minutos; 25 de Março de 2010

Esta aula, sendo a última em que o grupo de estágio estaria presente, foi reservada à auto-avaliação das actividades desenvolvidas no segundo período lectivo.

Para o trabalho sobre o Design Ecológico ficou reservada a primeira metade da aula, onde se gerou uma troca de ideias sobre o projecto, procurando aferir a avaliação geral que os alunos faziam do trabalho.

Depois disto, os alunos acederam ao *blog* com o endereço <http://raizverde.blogspot.com>, onde já estava publicado um dos seus estudos e foi possível introduzirem aí o seu comentário crítico sobre o processo, a proposta de trabalho e o resultado final.

As actividades desenvolvidas na acção pedagógica foram planificadas e verificadas pela docente cooperante e poderão ser consultadas no ver anexo C.

3.3 Relação entre a temática do trabalho de investigação científica e a prática pedagógica

O trabalho de investigação que desenvolvido debruçou-se sobre o tema “Design Ecológico em Portugal – das práticas ao ensino”.

Esta é uma temática que se enquadra perfeitamente no programa estabelecido na disciplina de Educação Visual para o nono ano e que facilmente se relaciona com os conteúdos de muitas outras, como é o caso da Geografia, Ciências Naturais e Educação Tecnológica, onde são abordados assuntos relacionados com as questões ambientais.

Por outro lado, o tema pretende proporcionar aos alunos um alargamento de conhecimentos, chamando à atenção para os processos de fabrico e a utilização de materiais em peças de design com preocupações ecológicas.

Tendo como base o anteriormente considerado, o trabalho de projecto foi a metodologia a seguir pois, assim, os alunos poderiam sentir de uma forma mais próxima o modo de trabalho de um designer e as questões que se colocam no decorrer do processo criativo. Este tipo de trabalho poderia também proporcionar uma expressão da sua personalidade e individualidade crítica e um trabalho expressivo de desenho, na sua versão mais livre e rigorosa.

3.4 Competências trabalhadas

No âmbito das competências gerais a trabalhar no terceiro ciclo o tema abordado frisa a competência número um (Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano) através da sensibilização para uma problemática actual que se relaciona com a sociedade em geral, um tema abrangente; é também trabalhada a competência número seis (Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável) com a análise mensagens a partir de peças de design, contribuindo com a sua interpretação para o debate em grupo e para o trabalho prático individual.

Em relação às competências específicas trabalhadas e à forma como foram colocadas em prática, são apresentadas as no seguinte quadro:

Competências	Operacionalização
<ul style="list-style-type: none"> • Conceber projectos e organizar com funcionalidade e equilíbrio os espaços bidimensionais e tridimensionais. • Compreender as relações do Homem com o espaço: proporção, escala, movimento, ergonomia e antropometria. • Compreender através da representação de formas, os processos subjacentes à percepção do volume. 	<p>Apresentar através do desenho, expressando originalidade, criatividade e funcionamento;</p> <p>Ter noção das necessidades e requisitos estabelecidos e equaciona-los na apresentação e selecção da solução;</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Entender o desenho como meio de representação expressiva e rigorosa de formas. • Conceber formas obedecendo a alguns princípios de representação normalizada. 	<p>Apresentar através do desenho, expressando originalidade e criatividade.</p> <p>Representar objectos pelas suas vistas no sistema europeu: desenhando as vistas necessárias para compreensão de um objecto utilizando linguagem gráfica convencional</p> <p>Representar um objecto simples em perspectiva cavaleira.</p>

3.5 Relação Pedagógica com os alunos

Nesta componente prática, tanto nas aulas observadas (dirigidas pela professora cooperante ou pelas colegas de estágio) estive sempre atenta às solicitações dos alunos, procurando que eles próprios encontrassem as soluções, para que progredissem na sua aprendizagem e autonomia. Nas minhas acções pedagógicas, a primeira preocupação foi o enquadramento à faixa etária da turma, as características dos alunos que a compunham e aquilo que já tinha sido trabalhado anteriormente na disciplina de Educação Visual.

Procurei que a actividade proposta estivesse interligada com o seu quotidiano, esforçando-me para cativar o seu interesse, motivando-os a conceber um objecto novo, instigando o sentimento de pertença.

Face ao atrás exposto, penso ter contribuído para o estabelecimento de um ambiente positivo, de trabalho e de aprendizagem, de uma forma profissional. Investi num meio isento e descontraído, investindo no diálogo com os discentes, recorrendo aos comentários da turma e exemplos práticos do nosso dia-a-dia para esclarecer as suas dúvidas.

Tentei sempre demonstrar pontualidade, estive presente em todas as aulas previstas, procurando transmitir o sentido de responsabilidade, necessária a qualquer actividade e imprescindível no ensino. Trabalhei também para que a compreensão do outro e a justiça, que implica o respeito mútuo, fizessem também parte do meu comportamento.

3.6 Relação Pedagógica com as colegas de estágio

O grupo de estágio, constituído por cinco elementos, conseguiu, a meu ver, dar verdadeiro sentido à palavra “grupo”. Em seguimento ao trabalho desenvolvido na primeira parte da prática pedagógica, penso que conseguimos uma maior cooperação entre as colegas de estágio, tanto nos momentos em que desenvolvíamos trabalho de grupo, como nas tarefas tratadas ao nível individual.

Todas se esforçaram para contribuir de forma positiva para o trabalho em conjunto e por ajudar as colegas no decorrer da leccionação das aulas. Durante a preparação das actividades, partilhamos observações e pontos de vista com o objectivo de ajudar e melhorar a prestação das colegas na sua componente pedagógico-didáctica.

Desta forma, considero que foi extremamente benéfico estar integrada numa equipa em que todos se empenharam para um bem comum: o sucesso e progressão dos alunos e, conseqüentemente, o nosso próprio êxito.

3.7 Relação Pedagógica com a docente orientadora

No início da Prática Pedagógica a docente cooperante, professora Ana Cristina Duarte, apresentou-se disponível, afável e disposta a cooperar e a ajudar o grupo de estágio. Apresentou a equipa aos membros do Conselho Pedagógico da Escola, assim como aos funcionários dos diversos serviços que poderíamos recorrer. No primeiro encontro de trabalho fez saber qual a sua metodologia de trabalho e os documentos que deveríamos produzir para ficarem arquivados na Escola. Estas atitudes são elucidativas sobre a organização e estruturação realizada e, conseqüentemente, o apoio prestado ao grupo de estágio que tingiu toda a componente prática do segundo semestre.

A docente cooperante sempre se esforçou para que a relação intragrupal se desenvolvesse de forma saudável, pedindo sugestões e críticas construtivas acerca das aulas leccionadas e do desempenho da colega que teve a aula a seu cargo, num exercício contínuo de auto e hetero-avaliação. Da mesma forma, esforçou-se para a integração do grupo de estágio no meio escolar.

Em relação ao acompanhamento e orientação das actividades de preparação das aulas, como a verificação das planificações ou materiais a utilizar na aula, a docente orientadora demonstrou um grande profissionalismo, abertura às propostas apresentadas e uma disponibilidade excepcional.

Assim, considero que a orientação prestada beneficiou daquele meio-termo entre a autonomia das docentes estagiárias e a responsabilização das mesmas em relação à sua prática pedagógica, essencial à boa formação de um docente. Tivemos pois oportunidade de apresentar propostas, corrigi-las depois de uma análise conjunta e colocá-las em prática para avaliar o seu resultado.

A docente cooperante solicitou ao grupo de estágio alguns documentos essenciais à prática pedagógica, como a Planificação a Médio Prazo e a Planificação a Curto Prazo a cada uma das docentes estagiárias e ao nível do grupo, solicitou a Grelha de Avaliação Geral para a disciplina e uma possível Planificação a Médio Prazo para ser operacionalizada no terceiro período lectivo. Estes documentos poderão ser consultados no anexo C e foram entregues na Escola de estágio para arquivo.

4. Avaliação em Educação Visual

A avaliação nesta disciplina, obedece aos princípios gerais da avaliação determinada pela lei em vigor, contendo parâmetros de avaliação prática e teórica. É também importante referir que a componente relacional e as competências cognitivas foram equacionados pois o objectivo do ensino básico compreende a formação pessoal, social e científica do indivíduo.

Partindo dos parâmetros de avaliação praticados na Escola, o grupo de estágio trabalhou em conjunto para a subdivisão do peso a atribuir em cada um, podendo este documento ser consultado no anexo C. Posteriormente, cada estagiária fez o seu documento para a observação dos alunos em aula para a operacionalização da avaliação e propôs a atribuição da sua avaliação à docente orientadora, após a unidade didáctica ter sido terminada. Esta proposta pode ser consultada no anexo E.

Em relação à avaliação da turma, foi considerada bastante satisfatória no que respeita à proposta de trabalho apresentada. Todos os alunos demonstraram interesse e motivação para a realização das tarefas propostas, alguns apresentaram soluções inovadoras na criação do seu objecto, justificando as suas escolhas de uma forma consistente. A maioria dos alunos demonstraram sensibilidade ao tema tratado, como demonstram os comentários produzidos na auto-avaliação.

Apenas uma aluna teve uma avaliação negativa, ponderando todos os critérios de avaliação pois, como demonstra a grelha de avaliação (poderá ser consultada no anexo C) não foi assídua, apresentou falta de pontualidade e de responsabilidade, uma vez que não procurou compensar as suas ausências e não realizou cerca de dois terços das tarefas. No caso de outro aluno, não cumpriu a totalidade dos trabalhos mas na sua avaliação têm de ser equacionadas determinadas questões de saúde que interferem com o seu desempenho.

4.1 Operacionalização da avaliação nas aulas leccionadas

Uma vez estabelecidos os pesos a atribuir a cada parâmetro de avaliação, é necessário ponderar quais os pontos a avaliar em cada aula, pois a actividade a desenvolver é determinante para tal. É necessário ter bem presente aquilo que pretendemos transmitir e aquilo que esperamos receber para avaliar o nível de compreensão ou não atingida. No entanto, facilmente se compreende a dificuldade

desta tarefa e por isso é fundamental registar o máximo de informação durante a aula ou assim que tenhamos oportunidade.

Para a operacionalização da avaliação foi realizada uma grelha de registo para cada aula, para que fosse possível tomar nota de elementos como o empenho, a apresentação de material, entre outros que se considerassem pertinentes. Este documento encontra-se no anexo C.

5. Auto-avaliação

A avaliação das nossas atitudes e do nosso trabalho é extremamente importante, só desta forma poderemos melhorar. Considerei então o balanço de toda a componente pedagógico-didáctica, decompondo a minha análise entre aspectos positivos e aspectos negativos.

Aspectos positivos:

- Penso que consegui fazer bem a transição entre o trabalho até então desenvolvido e a proposta de trabalho que se iniciava, recorrendo à contextualização temporal das temáticas;
- Estabeleci ligações entre a metodologia de trabalho apresentada e a área curricular de Área de Projecto;
- Promovi um espaço de diálogo em aula, com a partilha de opiniões, respeitando o espaço/tempo de participação dos alunos em aula que, a meu ver, contribuiu em diversos aspectos para a evolução dos conhecimentos dos discentes;
- Utilizei uma linguagem acessível ao nível cultural e etário dos alunos, sem esquecer o rigor técnico;
- Os alunos entenderam bem a proposta de trabalho, esclarecendo algumas dúvidas antes de iniciarem a parte prática;
- Procurei fazer sempre o ponto de situação do projecto no início e, por vezes, no final da aula;
- Acompanhei os alunos no esclarecimento de dúvidas, de uma forma individualizada.

Aspectos negativos:

- Dada a dimensão do projecto e após algum condicionamento de tempo não foi possível explorar convenientemente a expressão plástica no objecto criado;

- Existiu uma certa dificuldade em lidar com um dos alunos que, pela sua especificidade aceitou menos bem a proposta de trabalho, apresentando alguma resistência em acompanhar os colegas na realização das tarefas.

Conclusões

A componente pedagógico-didáctica é um período em que buscamos pontes entre os aspectos teóricos estudados com aspectos de índole prática. Para que este período seja o mais proveitoso possível é essencial tomar uma postura crítica em relação ao trabalho realizado, além de uma atitude meditativa acerca da nossa prática educativa. Só desta forma é possível evoluir e foi assim, através da reflexão, que as acções pedagógica preconizadas por mim foram tomando contornos e resultados positivos.

Hannah Arendt critica a formação docente, referindo que a formação inicial foi assente, durante muito tempo e na sua maioria, no domínio da pedagogia e pouco centrada nos assuntos a leccionar: “O professor – assim nos é explicado – é aquele que é capaz de ensinar qualquer coisa. A formação que recebe é em ensino e não no domínio de um assunto particular.” (Arendt *in* Pombo, 2000, p.33). A experiência pedagógica que agora analiso permitiu contrariar esta ideia, pois tornou possível estabelecer uma relação directa entre o estudo científico e a prática pedagógica.

O rigor científico e a segurança do conhecimento que o professor deve transmitir são condições essenciais para uma boa prática pedagógica, demonstrando uma postura profissional e ética, desejável a qualquer profissão, especialmente na docência, por trabalhar com jovens a quem poderemos transmitir valores e influenciar atitudes.

Com esta componente pedagógica, sendo esta a minha primeira experiência no ensino secundário, penso que foi bastante enriquecedora, sobretudo no que diz respeito à observação de aulas, permitindo que me familiarizasse mais com este nível de ensino e com o tipo de trabalho que se poderá propor. Conheci também, *in loco*, as especificidades do ensino do Desenho A, apercebendo-me da importância de uma boa preparação científica no que respeita ao desenho, dos materiais e das técnicas, pois os alunos são exigentes e algo conhecedores destes elementos.

Na componente pedagógico-didáctica realizada no terceiro ciclo do ensino básico, as actividades decorreram de uma forma mais fluida, talvez por ser um nível de ensino ao qual já estou mais habituada. A turma que trabalhou connosco nesta experiência era excepcionalmente aberta e receptiva, tendo sempre participado de uma forma muito positiva. Penso que esta ideia é recíproca, a olhar aos comentários realizados pelos alunos, a propósito do trabalho proposta, dos quais destaco os seguintes:

“Sobre o trabalho, achei muito interessante trabalhar com design ecológico, foi diferente e divertido.

Gostei do facto de ter-mos trabalhado individualmente, embora com algumas dificuldades visto que já não nos lembrávamos como o fazer.

Foi divertido imaginar criar um "puff" ecológico, houve ideias muito criativas e imaginativas.”

Débora Caíres, Março de 2010
<http://raizverde.blogspot.com>

“Gostei muito de fazer este trabalho, pois design ecológico é um assunto que me desperta alguma curiosidade.

O trabalho correu muito bem embora tinha sido mais interessante, como a professora disse, se tivéssemos tido tempo para fazer estudos de cor e também de ver quais os materiais que melhor se adequavam ao projecto.

Além disso era muito melhor se tivéssemos a oportunidade de realizar os nossos projectos e depois colocá-los pela escola, para que pudessem ser utilizados e apreciados por todos.

Mas mesmo assim acho que projectos como este devem ser cada vez mais desenvolvidos nas escolas, pois com objectos "velhos" podemos fazer coisas muito bonitas e interessantes, e além disso não temos de gastar muito, o que nestas alturas é muito bom.”

Fabiana Rodrigues, Março de 2010
<http://raizverde.blogspot.com>

Análise Crítica do Relatório

Chegado ao fim deste percurso de aprendizagem, aproxima-se também o momento de fazer um balanço do trabalho realizado. As expectativas criadas, tanto em termos de trabalho teórico como da componente pedagógico-didáctica foram superadas.

Nas tarefas teóricas foram imensas as aprendizagens, na medida em que o rigor científico exigido e a qualidade dos trabalhos solicitados assim o proporcionaram. Estas exigências foram sempre sentidas tanto na realização da componente científica como nas diversas apresentações orais, fazendo-nos evoluir e desenvolver a capacidade de comunicação/exposição oral, essencial na prática docente.

Por seu turno, nas actividades ligadas à componente pedagógico-didáctica, as tarefas que representaram um desafio maior foram a interligação entre o estudo realizado, neste caso sobre o Design Ecológico em Portugal, e a prática pedagógica. No entanto, para esta árdua tarefa contámos com a ajuda das professoras cooperantes que, com o conhecimento e experiência adquirida na actividade docente, nos auxiliaram, na medida do possível. Este obstáculo foi mais acentuado no ensino secundário do que no ensino básico, mas em ambos os casos os alunos acharam interessante aquilo que lhes estava a propor.

Embora tenha sido um período de muitos afazeres, muitas preocupações e um ritmo de trabalho acelerado, sinto que o tempo despendido foi recompensado pela aquisição de conhecimentos e experiências. Pelos pontos positivos e respectivas contrariedades, considero que evoluí a diversos níveis, sobretudo na actividade profissional em que pretendo continuar, com uma postura de rigor, profissionalismo e sensibilidade que Hannah Arendt descreve perfeitamente, da seguinte forma

“A educação é também o lugar em que se decide se se amam suficientemente as nossas crianças para não as expulsar do nosso mundo deixando-as entregues a si próprias, para lhes retirar a possibilidade de realizar qualquer coisa de novo, qualquer coisa que não tínhamos previsto, para, ao invés, antecipadamente as preparar para a tarefa de renovação de um mundo comum.”

Hannah Arendt, (in Olga Pombo, 2000, p.53)

Referências bibliográficas

Livros:

“Portugal- Bienal de Veneza 1976”, XXXVII Exposição Bienal Internacional de arte, Veneza 1976.

Almeida, Bernardo Pinto d' (2007). *Lição de coisas*, Lisboa: Campo das Letras

Bahamón, Alejandro & Pérez, Patricia (2008). *Analogias Arquitectura mineral*, Lisboa: Dinalivro.

Caetano, Jacinto; Soares, Marta; Dias, Rosa; Joaquim, Rui; Gouveia, Tiago Robalo (2008). *Marketing Ambiental*, Porto: Plátano Editora.

Cejka, Jan (1995). *Tendências de la Arquitectura Contemporânea*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S. A.

Manzini, E. & Vezzoli, C.(2005). *O desenvolvimento de Produtos Sustentáveis – Os requisitos ambientais dos produtos industriais*. São Paulo: Ed. UBS.

Papanek, Vitor (1995). *Arquitectura e Design – Ecologia e Ética*. Lisboa, Edições 70.

Whiteley, N. (1993). *Design for Society*. London: Reaktion Books.

Catálogos:

Catálogo do Concurso de Design de mobiliário com materiais reciclados 2007/2008, CGD. s.p.

Catálogo do Concurso de Design de mobiliário com materiais reciclados 2009, CGD, s.p.

Melo, Alexandre (2003). "O viandante esclarecido" in *Alberto Carneiro*. Lisboa: Assírio & Alvim, pp.11-19.

Artigos de revista:

Borchardt, Miriam et al. (2008) Considerações sobre ecodesign: um estudo de caso na indústria electrónica automotiva. *Ambiente & Sociedade*. 11 (2) Campinas, pp.341-353

Camarinha, Rui (2008, 25 de Abril). Ser anti-green ainda vai estar na moda. *Revista Briefing*, 37, p.51.

Castro, Maria Luiza A.C. de & Carraro, Carolina Lemos (2008). *O resgate da ética no design: a evolução da visão sustentável*. 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, São Paulo.

Diego, Margarita de Luxán García de (1998) *Arquitectura de vanguardia y ecología. Arquitectura de Vanguardia y Ecología*, Universidad Veracruzana, Xalapa, México.

EEA Signals 2009 – Questões ambientais chave para a Europa (2009) Copenhaga: Agência Europeia do Ambiente.

Fachinetto, Marina & al. (2006). *Sustentabilidade como Requisito de Design*, 7º Congresso de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, Curitiba.

Lourenço, G. (2007, 25 de Outubro). Entrevista com Marco Capellini. *Revista Visão*, pp.196-198.

Artigos on-line:

Gimenes, Lourenço (2007). A Arquitectura Silenciosa. *Revista electrónica Arquitectura e Urbanismo*. Consultada a 11 de Maio de 2009 através de <http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/154/artigo39513-1.asp>

Manzini, Ezio (2007). Entrevista à *Revista electrónica Veja RJ*. Consultada a 9 de Maio de 2009 através de http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/desenvolvimento/conteudo_250932.shtml

Manzini, (s.d.) Design for sustainability. How to design sustainable solutions. Consultada a 9 de Maio de 2009 através de <http://sustainable-everyday.net/manzini/?p=12%29>

Navarro, S (2009). Entrevista com Joe Sheehan, 28ª Bienal de São Paulo. Consultada a 10 de Maio através de:

<http://www.28bienalsaopaulo.org.br/participante/joe-sheehan>

Santos, David (2007). Pictórica Fotografia. Revista electrónica Artcapital. Consultado em 9 de Junho de 2009 através de:

<http://artecapital.net/scope.php?ref=3>

Soares, Mário (2009). Arquivo & Biblioteca Fundação Mário Soares. Textos Mário Soares. Consultado em 27 de Abril de 2010 através de:

http://www.fundacao-mario-soares.pt/mario_soares/textos_ms/002/340.pdf

Kuma, Kengo (2007). *Cidades instantâneas na Trienal*. Trienal de Arquitectura de Lisboa. Consultado em 20 de Maio de 2009 através de:

<http://www.oasrs.org/conteudo/agenda/noticias-detalle.asp?noticia=657>

Vezzoli, Carlo (2006). *Design for Sustainability: a new research frontiers*. Curitiba: 7th P&D - Brazilian Conference on Design Proceedings. Consultado em 13 de Fevereiro de 2009 através de:

<http://www.design.ufpr.br/ped2006/apresentacoes/vezzoli.pdf>

Recursos on-line:

<http://www.cpd.pt/>

<http://www.mecanoo.com/>

Videira, João Bruno (2007)

<http://aguadeprata.blogspot.com/2007/03/uma-marca-portuguesa-com-certeza.html>

Índice de Fontes:

Figura 1.....	18
<i>Fonte: http://paoeecologia.wordpress.com/2009/05/29/67/</i>	
Figura 2.1.....	23
<i>Fonte: http://rseefo.com.br/?tag=mecanoo</i>	
Figura 2.2.....	23
<i>Fonte: http://rseefo.com.br/?tag=mecanoo</i>	
Figura 2.3.....	23
<i>http://rseefo.com.br/?tag=mecanoo</i>	
Figura 2.4	24
<i>Fonte: www.images.businessweek.com</i>	
Figura 2.5	24
<i>Fonte: http://online.wsj.com/article/SB123437609287373871.html</i>	
Figura 2.6	24
<i>Fonte: http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL636653-6174,00-ARQUITETO+PROPOE+CIDADE+FLUTUANTE+HIGH+TECH+CONTRA+AQUECIMENTO+GLOBAL.html</i>	
Figura 2.7.....	25
<i>Fonte: http://theteaemporium.wordpress.com/2009/10/13/the-japanese-teahouse-cha-shitsu/</i>	
Figura 2.8.....	25
<i>Fonte: http://architect-amoedo.blogspot.com/</i>	
Figura 2.9.....	25
<i>Fonte: http://www.britannica.com/blogs/2008/03/architecture-the-year-in-review-2007/</i>	
Figura 2.10.....	25
<i>Fonte: http://neilatavaresgeleiageral.blogspot.com/2009/08/uma-obra-de-arquitetura-de-cairo.html</i>	
Figura 3.1.....	26
<i>Fonte: http://superpower.ning.com/profiles/blogs/frans-krajcberg-eco</i>	
Figura 3.2.....	26
<i>Fonte: http://www.ufmg.br/online/arquivos/003695.shtml</i>	
Figura 3.3.....	27
<i>Fonte: http://naturlink.sapo.pt/article.aspx?menuid=9&cid=13809&bl=1</i>	
Figura 3.4.....	28
<i>Fonte: http://www.edwardburtynsky.com/</i>	
Figura 3.5.....	28
<i>Fonte: http://www.edwardburtynsky.com/</i>	
Figura 3.6.....	28
<i>Fonte: http://www.edwardburtynsky.com/</i>	

Figura 3.7.....	29
<i>Fonte: http://www.28bienalsaopaulo.org.br/participante/joe-sheehan</i>	
Figura 4.1.....	36
<i>Fonte: 1</i>	
Figura 4.2.....	37
<i>Fonte: 1</i>	
Figura 4.3.....	37
<i>Fonte: 1</i>	
Figura 5.1.....	37
<i>Fonte: 1</i>	
Figura 5.2.....	38
<i>Fonte: Catálogo do Concurso de Design de mobiliário com materiais reciclados 2007/2008, CGD. s/p</i>	
Figura 5.3.....	38
<i>Fonte: 1</i>	
Figura 5.4.....	38
<i>Fonte: 1</i>	
Figura 5.5.....	39
<i>Fonte: 1</i>	
Figura 6.1.....	39
<i>Fonte: 1</i>	
Figura 6.2.....	39
<i>Fonte: Catálogo do Concurso de Design de mobiliário com materiais reciclados 2009, CGD. s.p.</i>	
Figura 6.3.....	40
<i>Fonte: 1</i>	
Figura 7.1.....	40
<i>Fonte: http://www.experimentadesign.pt/designwise/pt/concurso/resultados.htm</i>	
Figura 7.2.....	40
<i>Fonte: http://www.hi-id.com/?p=496</i>	
Figura 7.3.....	40
<i>Fonte: http://www.joaosabino.pt/</i>	
Figura 7.4.....	41
<i>Fonte: http://www.remadeinportugal.pt/default/produtos/ver/ano/2008/id/23</i>	
Figura 7.5.....	41
<i>Fonte: 1</i>	
Figura 7.6.....	42
<i>Fonte: 1</i>	
Figura 7.7.....	42
<i>Fonte: http://www.serralves.pt/catalogo/detalhes_produto.php?id=1213</i>	

Figura 7.8.....	42
<i>Fonte: 1 / http://www.remadeinportugal.pt/default/produtos/ver/ano/2009/id/52</i>	
Figura 7.9.....	43
<i>http://www.design21sdn.com/people/5903/posts/642</i>	
Figura 7.10.....	43
<i>Fonte: http://www.remadeinportugal.pt/default/produtos/ver/ano/2009/id/54</i>	
Figura 7.11.....	43
<i>Fonte: 1</i>	
Figura 7.12.....	44
<i>Fonte: http://www.pedrosottomayor.com/</i>	
Figura 7.13.....	44
<i>Fonte: http://www.pedrosottomayor.com/</i>	
Figura 7.14.....	44
<i>Fonte: http://www.simpleformsdesign.com/collections/cork/tapete-drop.html</i>	
Figura 7.15.....	44
<i>Fonte: 1</i>	
Figura 7.16.....	44
<i>Fonte: http://www.remadeinportugal.pt/default/produtos/ver/ano/2008/id/8</i>	
Figura 7.17.....	45
<i>Fonte: http://housewife.splinder.com/archive/2006-03</i>	
Figura 7.18.....	45
<i>Fonte: http://aguadeprata.blogspot.com/</i>	
Figura 7.19.....	46
<i>Fonte: http://www.remadeinportugal.pt/default/produtos/ver/ano/2008/id/9</i>	
Figura 7.20.....	46
<i>Fonte: http://www.remadeinportugal.pt/default/produtos/ver/ano/2008/id/11</i>	
Figura 7.21.....	47
<i>Fonte: http://www.remadeinportugal.pt/default/produtos/ver/ano/2007/id/33</i>	
Figura 8.1	50
<i>Fonte: http://www.05031979.net/publico/os-trabalhos-de-alda-tomas/</i>	
Figura 8.2.....	50
<i>Fonte: http://www.remadeinportugal.pt/default/produtos/ver/ano/2008/id/24</i>	
Figura 8.3	50
<i>Fonte: imagem captada na exposição Remade in Portugal 200</i>	

¹ Imagens captadas pela autora do trabalho na exposição Remade in Portugal 2009

Anexo A

Este anexo contém:

Entrevista concedida pela Eng. Isabel Maria Brarens

Entrevista realizada à designer Alda Tomás

Entrevista concedida pela Eng. Isabel Maria Brarens, Coordenação do sector de formação do Centro Português de Design, Pólo Tecnológico de Lisboa
Foi realizada por escrito, via electrónica, com resposta a 17 de Setembro de 2009

1ª Q: Actualmente a preocupação do design com a ecologia é evidente. Em sua opinião o design português acompanha esta tendência? Em que medida?

O Design e os Designers têm que pensar, criar e projectar a par com as mudanças que ocorrem na sociedade, na sociedade global, no mundo. As alterações climáticas são evidentes e irreversíveis.

Assim, os designers têm que estar atentos às novas regras sociais, ambientais e económicas. Ao nível do Design Português têm aparecido iniciativas e experiências, umas mais conceptuais outras mais pragmáticas, mas que mostram que os designers estão na busca de melhores soluções para a nova sociedade.

2ªQ: Quais as estratégias que o Centro Português de Design tem utilizado para fomentar a adopção de boas práticas ecológicas por parte dos designer e indústrias para as quais trabalham?

O CPD procura resolver os problemas empresariais, públicos e da sociedade criando estímulo ao desenvolvimento da disciplina do Design e dos Designers, com o apoio de políticas publicas.

Para este objectivo tem iniciativas e projectos na área do ecodesign assim como em outras áreas.

3ªQ: Ao nível do consumidor português, acha que está sensibilizado para a importância de optar por produtos ecológicos?

Os consumidores pelo seu nível cultural, pela informação alargada dos media, e pelas suas preocupações próprias encontram-se cada vez mais, melhor informados e mais exigentes. Os consumidores hoje estão cada vez mais sensibilizados para problema da qualidade ambiental. As associações ligadas ao Ambiente têm realizado um papel pedagógico com muita dureza. Até o local do novo aeroporto de Lisboa esteve condicionado pela "qualidade do ambiente", o que mostra que a qualidade do ambiente está a ser tratada ao mais alto nível.

4ªQ: Em sua opinião, a indústria portuguesa está preparada para produzir em série e comercializar este tipo de produto?

Se a indústria analisar as regras que permitem uma sociedade mais sustentável, verificará que também tem redução de custos:

Escolha de matérias-primas de baixo impacto ambiental: menos poluentes, não-tóxicos, materiais que requerem menos energia na fabricação, materiais de produção sustentável ou ainda materiais já reciclados.

Procurar a Eficiência energética utilizando processos de fabricação com menor consumo de energia;

Qualidade e durabilidade: produzir produtos que durem mais tempo e funcionem melhor a fim de gerar menos lixo;

Reutilização/Reaproveitamento: propor objectos feitos a partir da reutilização ou reaproveitamento de outros objectos; projectar o objecto para sobreviver ao seu ciclo de vida, criar ciclos fechados.

Relativamente ao mercado, as empresas terão que se reposicionar e procurar mercados *green*, mercados cujos clientes também estão preocupados com a qualidade do ambiente. Os primeiros que chegarem ao mercado com esta nova atitude têm muito a ganhar. Os países escandinavos e outros já estão muito sensíveis aos produtos ecológicos. Já existem empresas portuguesas na área da cerâmica atentas a esta questão.

5ªQ: Qual ou quais as maiores preocupações do design ecológico português na projecção das peças:

- ao nível dos materiais

- ao nível da concepção

- ao nível da tecnologia

- ao nível do tempo de vida do produto e pós-utilização.

As preocupações continuam a ser as mesmas. Encontrar soluções para o homem interagir melhor.

- ao nível dos materiais - utilizar matérias abundantes na natureza e não os materiais escassos e em extinção.

- ao nível da concepção - criar soluções harmoniosas dentro do contexto que vivemos.

- ao nível da tecnologia - tecnologia não poluente, com redução de produção de lixo..., mas será mais um problema das empresas.

- ao nível do tempo de vida do produto e pós-utilização. Aumentar o ciclo de vida para produzir lixo mais tarde e com instruções de fácil reciclagem ou reuso.

6ªQ: A questão ecológica é actualmente uma preocupação constante e legítima mas, em minha opinião, está a ser também utilizada como passaporte de venda para alguns produtos. Concorda com esta opinião e poderemos incluir o design nesta categoria?

Alguns grupos económicos fazem o aproveitamento para obterem maiores lucros, mas o objectivo principal da procura da "Qualidade Ambiental" ou da "produção e Comercialização de materiais ecológicos concebidos por designers está muito acima de interesses de minorias.

Entrevista concedida pela designer Alda Tomás, da SPAL, através de correio electrónico, depois de conversa telefónica para enquadramento do tema e objectivos do trabalho.

Foi realizada por escrito, via electrónica, com resposta a 17 de Setembro de 2009

1ª Q: Actualmente a preocupação do design com a ecologia é evidente. Em sua opinião o design português acompanha esta tendência? Em que medida?

Nos últimos anos o design tem vindo a preocupar-se com mais incidência sobre os problemas ambientais. Sempre, pelo menos falo por mim, houve uma sensibilização sobre a produção de lixo a que estamos directamente ligados como designer industriais. Mas, de facto, há cerca de 3 anos para cá têm surgido mais iniciativas para a concepção de objectos eco e uma crescente curiosidade neste tema. Sinto isto principalmente na nova geração de designers, pois são principalmente eles que me contactam sobre estes produtos.

2ª Q: As peças que criou com especial preocupação ecológica, designadamente Taças Attitude, Taça Restart e Particles, atenderam a um pedido específico do evento Remade in Portugal.

Porque motivo esta tendência ecológica não está tão vincada nos seus restantes trabalhos?

Esta tendência não se encontra nos meus outros trabalhos porque foram projectados para responderem a outras questões com condicionantes e objectivos diferentes. Quando se trabalha para empresas com mercados específicos, temos que ir de encontro a esses mercados, temos que conceber produtos para os satisfazer e fazer com que o nosso trabalho faça sentido para a empresa. Por isso, cada projecto tem a sua natureza e objectivos distintos.

3ª Q: Estas peças estão disponíveis no mercado ou são apenas protótipos?

As taças *Attitude* já estão à venda. Podem ser adquiridas na loja on-line do site do *Remade in Portugal*, na loja do museu Serralves e nas lojas SPAL. A taça *Restart* pode ser adquirida na loja on-line do *Remade in Portugal*. Paralelamente está a ser desenvolvida uma peça específica com o mesmo material para um cliente (que não posso ainda divulgar) da SPAL, S.A. As taças *Particles* foram lançadas agora e estamos a aguardar qual será a sua receptividade no mercado.

4ª Q: A empresa para a qual trabalha, a SPAL, segue uma política de sustentabilidade ecológica? De que forma?

Não sou a melhor pessoa para responder a essa pergunta. Esse é um assunto do Departamento de Qualidade. O que posso dizer é que ao procurar os conceitos para as minhas peças de eco design, apercebi-me que quase tudo nesta empresa é reaproveitado. Existem também normas de qualidade que a SPAL tem que cumprir que dizem respeito a questões ambientais.

5ª Q: Em sua opinião, a produção industrial de peças que atendam verdadeiramente a processos ecológicos já acontece ou é ainda uma utopia?

Em minha opinião os primeiros passos foram dados. As preocupações ambientais são cada vez mais um problema assumido por todos e hoje em dia vemos as grandes marcas a assumirem e a divulgarem essa postura, o que espelha que está a ser um processo evolutivo.

6ª Q: Em sua opinião, a indústria portuguesa está preparada para produzir em série e comercializar este tipo de produto?

Este tipo de produto tem que ter a sua própria indústria. Digo isto porque normalmente não é viável entrarem no mesmo circuito industrial que os produtos comuns,

implicando a construção de um circuito próprio. Isto faz com que esses processos de implementação sejam morosos e nada simples.

7ª Q: Ao nível do consumidor português, acha que está sensibilizado para a importância de optar por produtos ecológicos?

Por enquanto, este tipo de produtos ainda se direcciona para um nicho de mercado. Mas, iniciativas como o *Remade in Portugal*, por promoverem e divulgarem o eco design, vão informando, sensibilizando e captando assim novos consumidores.

8ª Q: Actualmente existe a ideia de o custo de fabrico de uma peça ecológica é muito superior ao de uma peça sem tal preocupação. Pela experiência que tem, concorda ou discorda com esta ideia?

Concordo. Cada unidade fabril está vocacionada para a produção de determinados produtos, com determinados meios de fabrico próprios. A implementação de novos produtos que não seguem o mesmo circuito fabril e que utilizam outras matérias e outros meios de produção complicam o sistema existente, tendo muitas vezes que ser criado um novo sector, que inicialmente é difícil que seja tão industrializado como os produtos convencionais, porque implica investimentos sem se saber ao certo qual será o retorno.

9ª Q: A questão ecológica é actualmente uma preocupação constante e legitima mas, em minha opinião, está a ser também utilizada como passaporte de venda para alguns produtos. Concorda com esta opinião e poderemos incluir o design nesta categoria?

Concordo no sentido em que é um argumento de venda e pode ser visto como um valor acrescentado para esses produtos quando dirigido para o mercado que seja sensível a isso. Mas, ainda bem que assim o seja, para que eles tenham validade nas empresas que o irão produzir. Porque se uma empresa ou indústria não facturar com determinado produto, não o produz! O mesmo se passa com a palavra design, que é bastante utilizada nas estratégias de marketing.

Anexo B

Este anexo contém os seguintes documentos referentes à Escola Secundária Francisco Franco:

- Lista de alunos da turma;
- Fotografias dos elementos da turma;
- Horário da turma;
- Estudo estatístico sobre o nível sociocultural da turma;
- Planificação a Médio Prazo para a disciplina de Desenho A, primeira versão;
- Planificação a Médio Prazo para a disciplina de Desenho A, versão final;
- Planificação a Curto Prazo - primeira aula, primeira versão;
- Planificação a Curto Prazo - primeira aula, versão final;
- Planificação a Curto Prazo - segunda aula;
- Diapositivos utilizados na aula;
- Critérios de Avaliação adoptados na Escola;
- Operacionalização da Avaliação;
- Trabalho dos alunos.



Escola Secundária Francisco Franco

Projecto de Iniciação à Prática docente, Ensino Supervisionado

Lista dos alunos da turma – documento cedido pela docente cooperante

Turma 13 do 12º ano - Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais - Ano lectivo: 2009/2010

S. R.
REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA
GOVERNO REGIONAL
SECRETARIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO
Escola Secundária Francisco Franco
Ano Lectivo 2009/2010

LISTA DE ALUNOS

Curso: Artes Visuais Turma: 12º 13

Nº Proc	Nº Nome	Idade	PT	EDF	DESA	OA	OMB	AProj
37808	1 Ana Andreia Abreu	18 *	X					
38291	2 Ana Catarina Ferraz Luis Carmo	16 *	X	X	X	X	X	X
38285	3 António Miguel V. S. Silva Santos	16 *	X	X	X	X	X	X
38275	4 CAROLINA JOSÉ MENDONÇA PINTO	17 *	X	X	X	X	X	X
38282	5 Carolina Lisandra Nunes Rodrigues	17 *	X	X	X	X	X	X
38278	6 Cláudia Marisa Dória Sousa Farinha	16 *	X	X	X	X	X	X
37822	7 Cristiano Maurício Gama Aveiro	20 *	X	X	X	X	X	X
38283	8 Dalila Valentina de Freitas Teixeira	17 *	X	X	X	X	X	X
38262	9 Diana Caroline Lestra Fernandes	17 *	X	X	X	X	X	X
38684	10 Diana Luísa Jesus Gouveia	17 *	X	X	X	X	X	X
38267	11 Joana Maria Nóbrega Andrade	17 *	X	X	X	X	X	X
38320	12 José Domingos Sá de Sousa	19 *	X	X	X	X	X	X
38289	13 Liliana Maria Figueira De Andrade	17 *	X	X	X	X	X	X
37635	14 Lisandra Carolina Silva Pereira	18 *	X					
38332	15 Luis Miguel Freitas Saraiva	17 *	X	X	X	X	X	X
38281	16 Marisa Tatiana Freitas Nóbrega	17 *	X	X	X	X	X	X
38288	17 NUNO GONÇALO GOUVEIA NUNES	17 *	X	X	X	X	X	X
38287	18 Nuno Rodrigo Jesus Freitas	17 *	X	X	X	X	X	X
38296	19 Pedro Marcelo Gonçalves de Barros	17 *	X	X	X	X	X	X
38292	20 Raquel Isabel Fernandes Gonçalves e Sousa de Jesus	17 *	X	X	X	X	X	X
38293	21 Rosa Alcía Franco Moniz	17 *	X	X	X	X	X	X
38316	22 Rui Rodrigo Cardoso Abreu	18 *	X	X	X	X	X	X
38294	23 Sofia Raquel Rodrigues Freitas	17 *	X	X	X	X	X	X
37540	24 João Miguel Spínola Jardim	18 *	X	X				
Total de alunos por disciplina			24	21	22	21	21	21

Total de Alunos na Turma: 24



















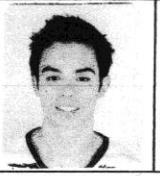






(*) Os alunos assinalados encontram-se fora da escolaridade obrigatória no presente ano lectivo (a idade indicada reporta a 15 de Setembro do mesmo)

NOTA: Nesta lista não constam os averbamentos, pelo que deverá verificar essas situações e consequentemente os somatórios dos alunos por turma e por disciplina.

Impresso: terça-feira, 15 de Setembro de 2009

Fotografias dos alunos da turma – documento cedido pela docente cooperante

Turma 13 do 12º ano - Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais - Ano lectivo: 2009/2010

Lista de Alunos					Ano Lectivo 2009/2010
Curso: Artes Visuais					Turma: 12º13
					
1- Ana Abreu	2- Ana Catarina Carmo	3- António Santos	4- Carolina Pinto	5- Carolina Rodrigues	
					
6- Cláudia Farinha	7- Cristiano Aveiro	8- Dália Teixeira	9- Diana Fernandes	10- Diana Gouveia	
					
11- Joana Andrade	12- José Sousa	13- Liliana Andrade	14- Lisandra Pereira	15- Luís Saraiva	
					
16- Marisa Nóbrega	17- Nuno Nunes	18- Nuno Freitas	19- Pedro Barros	20- Raquel Jesus	
					
21- Rosa Moniz	22- Rui Abreu	23- Sofia Freitas	24- João Jardim	25- Cláudia Franco	
Director de Turma		Delegado de Turma		Sub-Delegado de Turma	
Ana Conceição Faria F. Andrade		Sofia Raquel Rodrigues Freitas		Rui Rodrigo Cardoso Abreu	



Escola Secundária Francisco Franco

Projecto de Iniciação à Prática docente, Ensino Supervisionado

Horário dos alunos da turma – documento cedido pela docente cooperante

Turma 13 do 12º ano - Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais - Ano lectivo: 2009/2010

gp-Untis 2009 ESCOLA SECUNDÁRIA FRANCISCO FRANCO - ANO LECTIVO 2009/2010
0

12º13 C. ARTES VISUAIS

	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex		
8.15 - 9.00	OF.Mb 422	OF.A 416	DES a 418	DES a. 418 OF.A 416	EDF12 C07		
9.00 - 9.45							
10.00 - 10.45		OF.Mb 422	OF.A 416			PO12 421	
10.45 - 11.30							
11.45 - 12.30			PO12 407		AP 413		OF.Mb 422
12.30 - 13.15							
13.30 - 14.15							
14.15 - 15.00							
15.15 - 16.00	DES a 418						
16.00 - 16.45							
17.00 - 17.45	EDF12 C03			AP 421			
17.45 - 18.30							

----- 27-09-2009 -----

Constituição da Turma

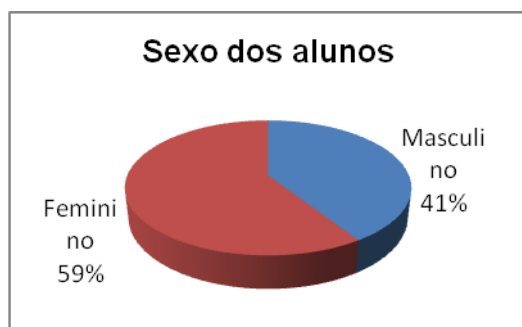


Gráfico 1

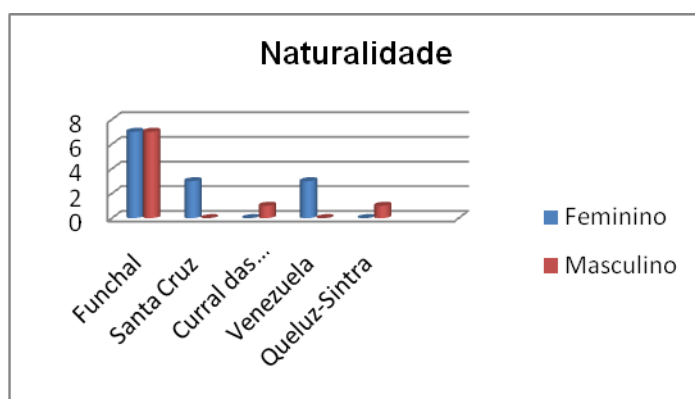


Gráfico 4

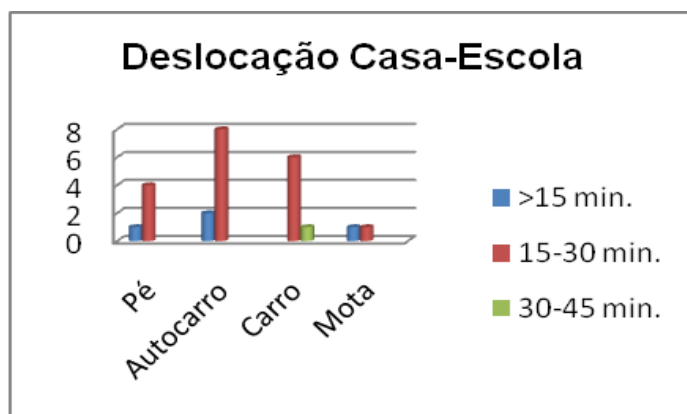


Gráfico 6

À grande maioria dos alunos não foi atribuído qualquer tipo de escalão social, complemento dado segundo o orçamento mensal familiar.

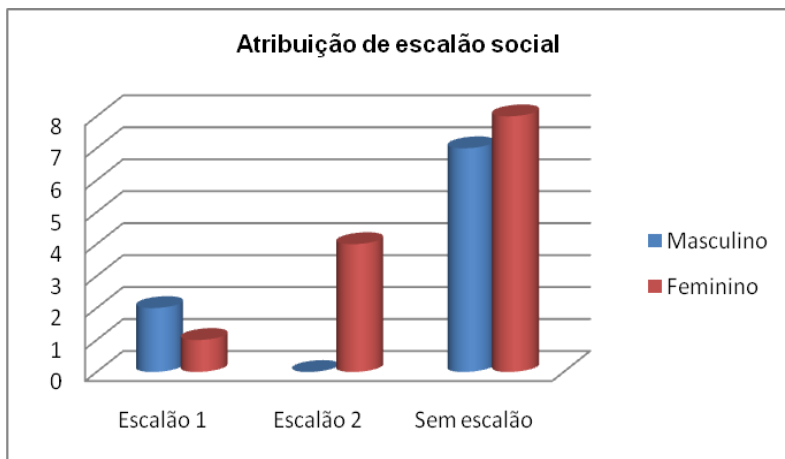


Gráfico 10

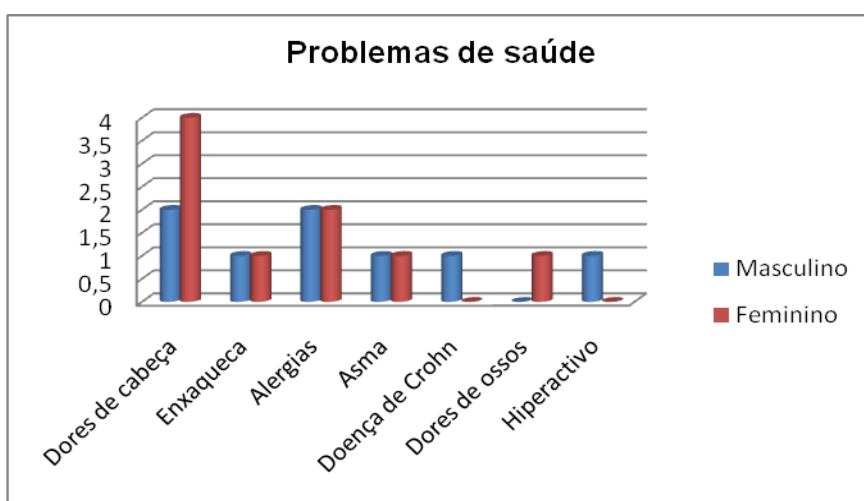


Gráfico 11

Os alunos apontaram alguns problemas de saúde mas não existem casos que mereçam grande destaque, pois não interferem com o normal funcionamento de aula de Desenho A.

A totalidade dos alunos tem fácil acesso a um computador, o que também acontece em relação ao acesso à internet (à excepção de uma aluna).

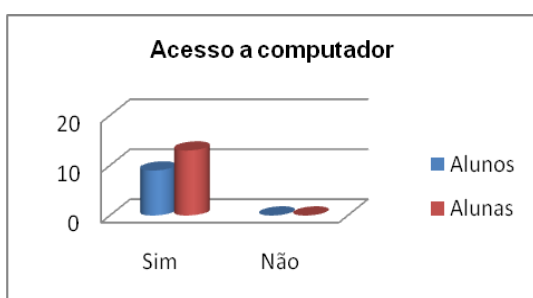


Gráfico 12

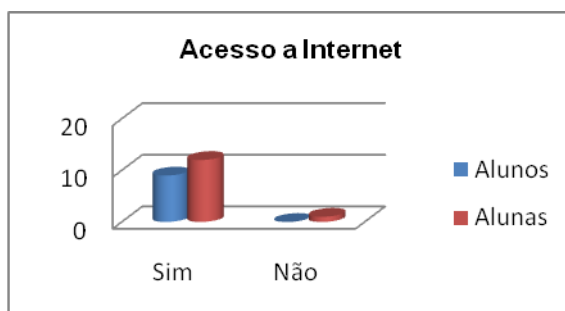


Gráfico 13



Gráfico 14

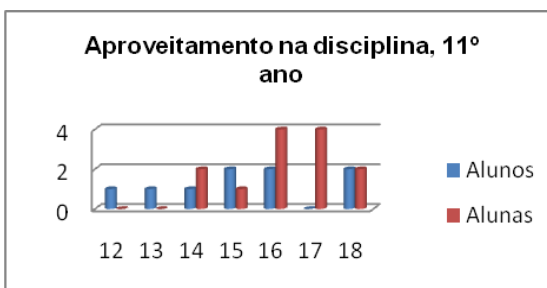


Gráfico 15

Dados relativos ao Agregado Familiar:

Em relação aos agregados familiares, verifica-se que a maior parte dos alunos vive em famílias que se enquadram na tipologia tradicional, onde o agregado familiar é composto por pais e irmãos.

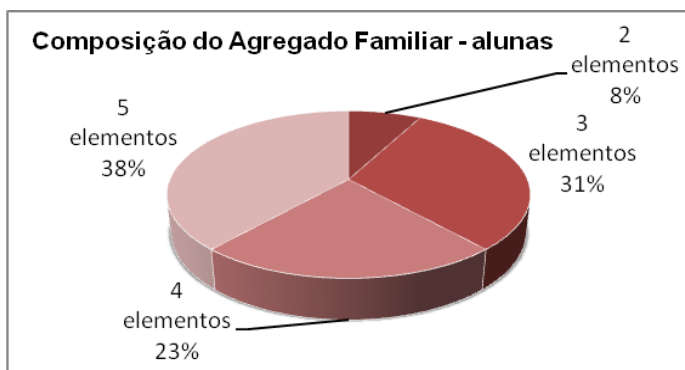


Gráfico 16

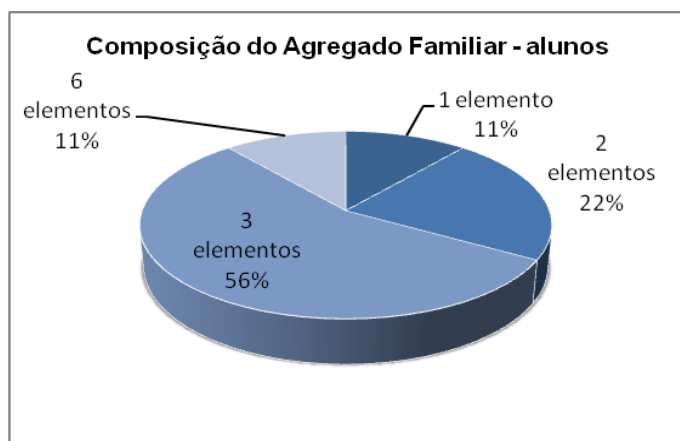


Gráfico 17

A maioria dos pais estão na vida activa no que respeita à actividade profissional.

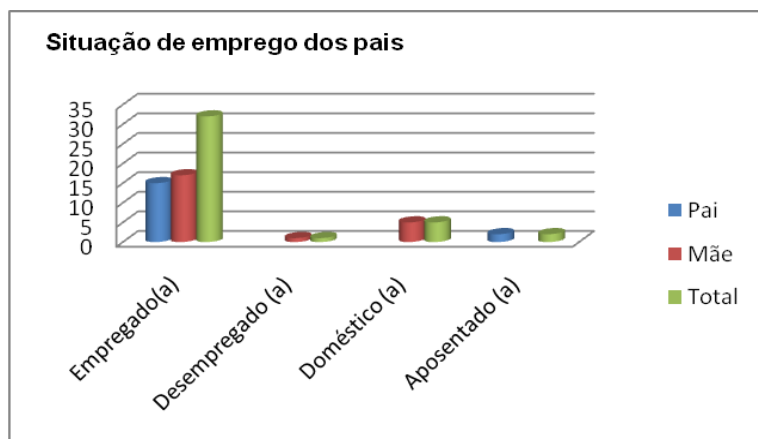


Gráfico 18

Nas habilitações académicas dos pais, verificamos que a maioria tem habilitações acima do nono ano de escolaridade. A percentagem de alunos que não respondeu a esta questão é significativa pois trata-se de famílias monoparentais.

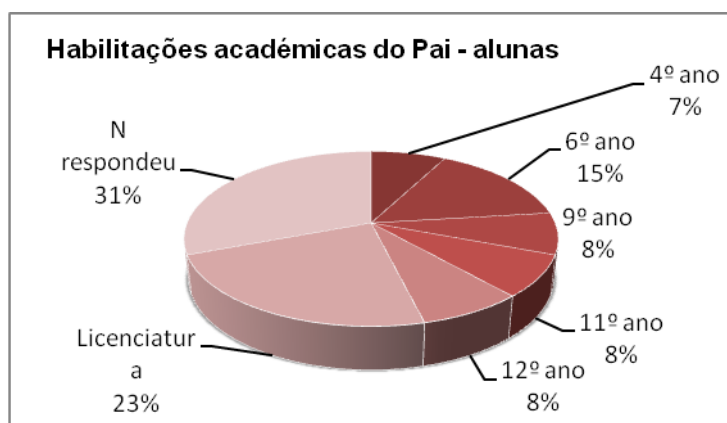


Gráfico 19

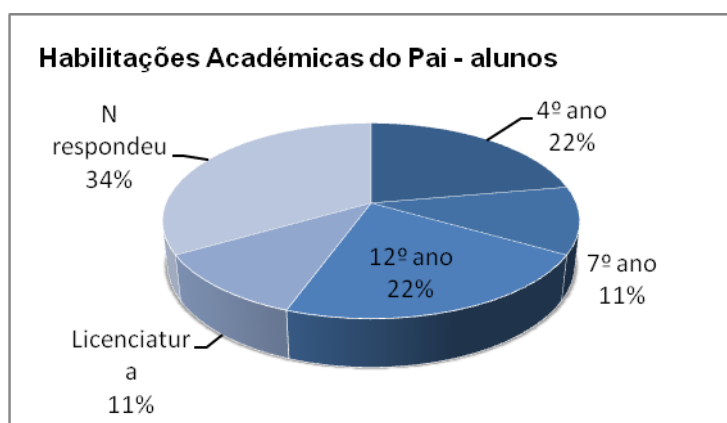


Gráfico 20

No caso das mães, a escolaridade é mais elevada e apenas 31 % das Mães nas respostas femininas e 22% nas respostas masculinas têm habilitações abaixo do nono ano de escolaridade.

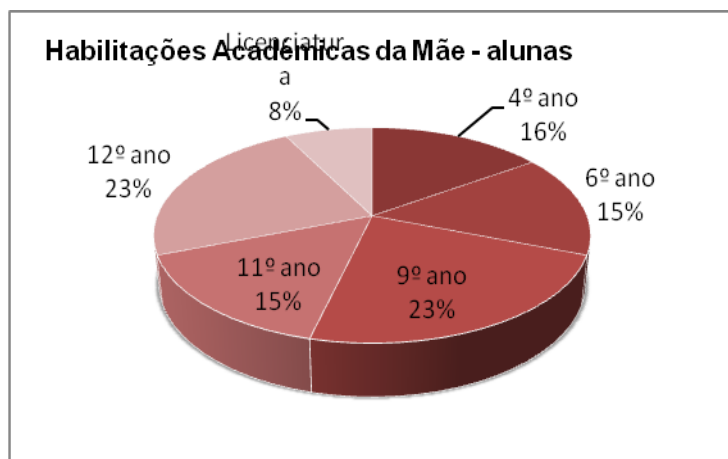


Gráfico 21

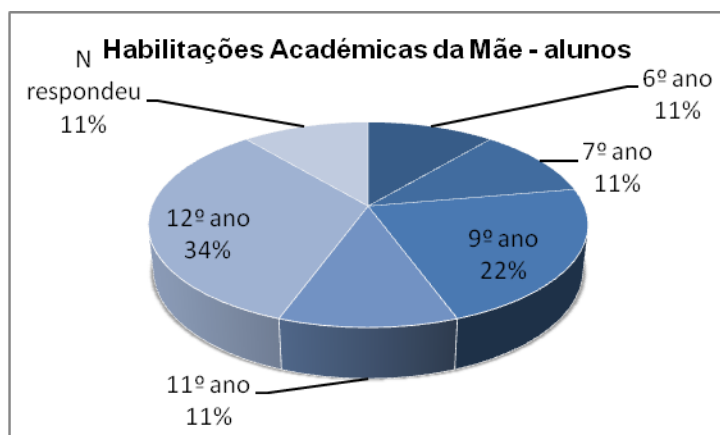


Gráfico 22

No que se refere à profissão do pai, comprova-se uma grande variedade de actividades mas têm mais incidência as profissões pertencentes ao sector terciário - serviços e comércio.

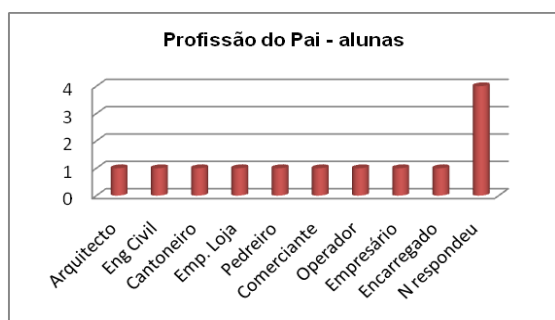


Gráfico 23



Gráfico 24

Quanto à profissão da mãe, existe o mesmo contexto, no entanto, cinco Mães (14%) são domésticas.

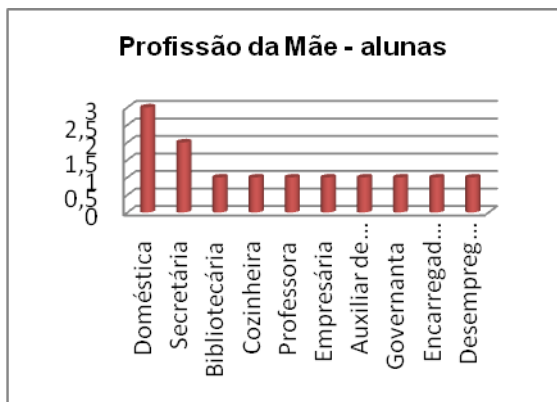


Gráfico 25

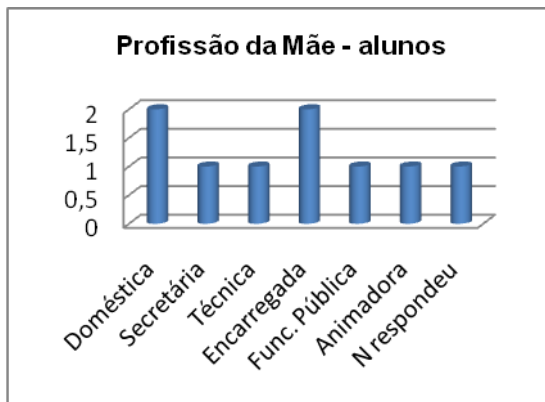


Gráfico 26

A faixa etária dos pais situa-se maioritariamente entre 46 e os 50 anos de idade.

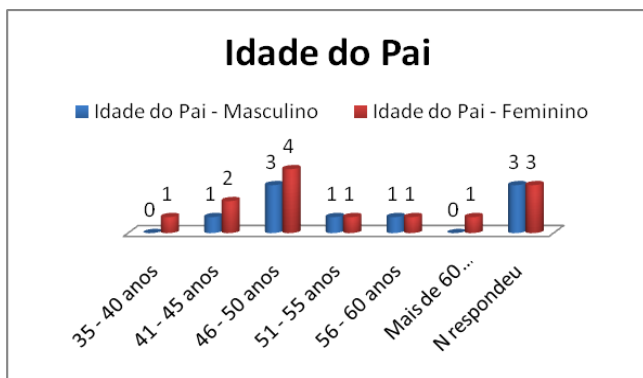


Gráfico 27

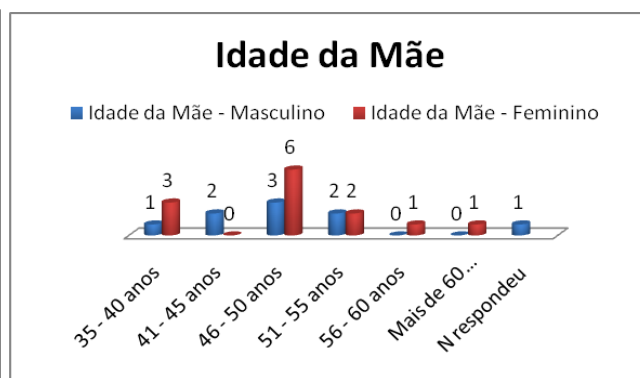


Gráfico 28



Planificação de actividades da disciplina de **Desenho A**, professora Filipa Venâncio

Turma 13 do 12º ano - Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais - Ano lectivo: 2009/2010

Introdução:

A disciplina de Desenho A desenvolve-se em três anos lectivos consecuentes, cujos objectivos gerais são o domínio e a comunicação, de modo eficiente, através dos meios expressivos do desenho.

Sendo o desenho essencial à criação, concepção, projectação e comunicação nas diversas áreas da criação artística, esta disciplina é integrada no currículo dos anos escolares dos 10º, 11º e 12º anos na variante A do Curso Geral de Artes Visuais, visando a criação e desenvolvimento das competências referidas.

Objectivos gerais do Projecto:

- . Sensibilização e reflexão sobre as questões ambientais;
- . Contacto com a realidade artística da região da Madeira;
- . Promoção da interactividade entre a Escola e o meio envolvente;
- . Divulgação da Arte na comunidade escolar, contribuindo para a sua dinamização.

Fase I

- Apresentação da ideia do Projecto à turma e devido enquadramento;
- Vídeo e selecção de artigos/ notícias relacionados com os problemas ambientais mais pertinentes da actualidade.

Fase II

- Breve explicação sobre as áreas de exploração que poderão trabalhar:

Guião ou sequência para um filme de animação (*storyboard*), Banda Desenhada e Ilustração

- Selecção da ideia a transmitir e do tipo de linguagem plástica a trabalhar:

- . *Reflecte sobre as tuas experiências, aquilo que te preocupa, a tua visão do futuro, etc.*
- . *Escolhe o conceito, a ideia-guia do teu projecto*

Fase III

- Concretização do projecto Planificação:

Objectivos	Conteúdo	Competências	Actividades / Estratégicas - Tempos	Avaliação	Recursos	
<p>Desenvolver modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho</p> <p>Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica</p> <p>Utilizar fluentemente metodologias planificadas, com iniciativa e autonomia</p> <p>Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros.</p>	<p>3. Procedimentos: 3.1. Técnicas: Modos de registo (ao nível da sensibilização); 3.2. Ensaios, com aprofundamento nos Processos de síntese, especificamente a Transformação Gráfica (ampliação, sobreposição, rotação, nivelamento, simplificação, acentuação, repetição, distorção e anamorfose).</p> <p>4. Sintaxe: 4.2. Domínios da linguagem plástica; 4.2.3. Movimento e tempo, com aprofundamento na Organização dinâmica (Localização: colocação, peso, equilíbrio, desequilíbrio, tensão; Orientação - Organização temporal, Ritmo e Tempo).</p> <p>5. Sentido 5.3. Imagem: plano de expressão ou significante 5.3.1. A imagem e a realidade visual: representação, realismo e ilusão; 5.3.2. A imagem como objecto plástico; 5.4. 2. A acção do observador - Interpretação, projecção, sugestão e expectativa; Memória e reconhecimento; Atenção, selecção, habituação; Imaginação.</p>	<p>Desenvolver e explorar competências transversais no âmbito da cidadania;</p> <p>Ler criticamente mensagens visuais de origens diversificadas e agir como autor de novas mensagens, utilizando a criatividade e a invenção em metodologias de trabalho faseadas;</p> <p>Trabalhar a capacidade de síntese, por aplicação de princípios, ideias, métodos ou conceitos no domínio das operações abstractas;</p> <p>Desenvolver a capacidade de visualização mental e representação gráficas das formas imaginadas, sendo autor de novas mensagens, utilizando a criatividade e a invenção em metodologias de trabalho faseadas.</p> <p>Intervir criticamente, no âmbito da realização plástica, na comunidade onde está inserido</p>	<p>Exposição da ideia à turma e devido enquadramento, relacionado com as problemáticas ambientais mais pertinentes na actualidade.</p> <p>Breve abordagem sobre as características das diferentes linguagens plásticas: o Storyboard, a Banda Desenhada e a Ilustração</p> <p>Seleccção da mensagem a transmitir e da linguagem plástica a trabalhar;</p> <p>Criação e comunicação de ideias através do desenho de esboço;</p> <p>- Visita do artista/ilustrador António Pascal à sala de aula, onde poderá falar um pouco do seu trabalho e fazer alguma demonstração do mesmo.</p> <p>Concretização do Projecto: (dependendo da opção tomada) -Esquematização e desenho das cenas sequenciais a fotografar ou desenhar digitalmente. -Escrita do argumento, criação das personagens, organização da prancha e dos restantes elementos. -Escolha das mensagens a tratar, organização e concretização das ilustrações.</p> <p>*1</p>	<p>135 minutos</p> <p>90 minutos</p> <p>270 minutos</p>	<p>*2 -Trabalho individual em aula: participação, intervenções orais e interesse demonstrado; -Escolha temática: actualidade do tema; -Organização e aplicação de conhecimentos.</p> <p>- Estudos/ esboços realizados; - Capacidade de resolução do projecto - Autonomia e espírito de grupo - Criatividade - Sentido Crítico</p> <p>. Resposta aos requisitos pedidos . Realização do projecto</p> <p>Como instrumentos de avaliação, serão utilizadas grelhas de observação e registo individual.</p>	<p>- Didácticos: . Fiicha de apoio; . Manual.</p> <p>- Materiais: . Projector de vídeo; . Computador; . Fiicha de apoio; . Bloco de desenho; . Grafite; . Caneta de feltro; . Régua.</p> <p>- Humanos: . ilustrador António Pascal</p>

*1- os trabalhos resultantes poderão ser expostos à comunidade escolar, no Dia Mundial do Ambiente (5 de Junho) ou oferecidos (original ou cópia) ao Clube Ecológico para posterior utilização.

*2- Em termos gerais a avaliação na Disciplina de Desenho, no que se refere a aprendizagens, princípios e processos de avaliação, pauta-se pela legislação em vigor, e pelos Critérios Gerais de Avaliação da Escola.

Em consonância com estes princípios a avaliação na Disciplina de Desenho deve ser contínua, global, integrando as modalidades formativa e sumativa; deve ser uma avaliação fiável e diversificada, com base na observação de actividades em processo e em produtos.



Planificação de actividades da disciplina de **Desenho A**, professora Filipa Venâncio

Turma 13 do 12º ano - Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais - Ano lectivo: 2009/2010

Introdução:

A disciplina de Desenho A desenvolve-se em três anos lectivos consecuentes, cujos objectivos gerais são o domínio e a comunicação, de modo eficiente, através dos meios expressivos do desenho.

Sendo o desenho essencial à criação, concepção, projectação e comunicação nas diversas áreas da criação artística, esta disciplina é integrada no currículo dos anos escolares dos 10º, 11º e 12º anos na variante A do Curso Geral de Artes Visuais, visando a criação e desenvolvimento das competências referidas.

Objectivos gerais do Projecto:

- . Sensibilização e reflexão sobre as questões ambientais;
- . Contacto com a realidade artística da região da Madeira;
- . Promoção da interactividade entre a Escola e o meio envolvente;
- . Divulgação da Arte na comunidade escolar, contribuindo para a sua dinamização.

Fase I

- Apresentação da ideia do Projecto à turma e devido enquadramento;
- Vídeo e selecção de artigos/ notícias relacionados com os problemas ambientais mais pertinentes da actualidade.

Fase II

- Breve explicação sobre a área de exploração a trabalhar:

- Criação de estudos para um guião ou sequência para um filme de animação (*storyboard*) cuja duração será entre os 20 e os 30 segundos. Esta animação poderia fazer parte de uma campanha institucional, a ser transmitida em forma de anúncio televisivo.

- Selecção da ideia a transmitir e do tipo de linguagem plástica a trabalhar:

- . *Reflecte sobre as tuas experiências, aquilo que te preocupa, a tua visão do futuro, etc;*
- . *Escolhe o conceito, a ideia-guia do teu projecto.*

Fase III

- Concretização do projecto - Planificação:

Objectivos	Conteúdo	Competências	Actividades / Estratégicas - Tempos	Avaliação	Recursos
<p>Desenvolver modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho</p> <p>Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica</p> <p>Utilizar fluentemente metodologias planificadas, com iniciativa e autonomia</p> <p>Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros.</p>	<p>3. Procedimentos: 3.1. Técnicas: Modos de registo (ao nível da sensibilização); 3.2. Ensaios, com aprofundamento nos Processos de síntese, especificamente a Transformação Gráfica (ampliação, sobreposição, rotação, nivelamento, simplificação, acentuação, repetição, distorção e anamorfose).</p> <p>4. Sintaxe: 4.2. Domínios da linguagem plástica; 4.2.3. Movimento e tempo, com aprofundamento na Organização dinâmica (Localização: colocação, peso, equilíbrio, desequilíbrio, tensão; Orientação - Organização temporal, Ritmo e Tempo).</p> <p>5. Sentido 5.3. Imagem: plano de expressão ou significante 5.3.1. A imagem e a realidade visual: representação, realismo e ilusão; 5.3.2. A imagem como objecto plástico; 5.4. 2. A acção do observador - Interpretação, projecção, sugestão e expectativa; Memória e reconhecimento; Atenção, selecção, habituação; Imaginação.</p>	<p>Desenvolver e explorar competências transversais no âmbito da cidadania;</p> <p>Ler criticamente mensagens visuais de origens diversificadas e agir como autor de novas mensagens, utilizando a criatividade e a invenção em metodologias de trabalho faseadas;</p> <p>Trabalhar a capacidade de síntese, por aplicação de princípios, ideias, métodos ou conceitos no domínio das operações abstractas;</p> <p>Desenvolver a capacidade de visualização mental e representação gráficas das formas imaginadas, sendo autor de novas mensagens, utilizando a criatividade e a invenção em metodologias de trabalho faseadas.</p> <p>Intervir criticamente, no âmbito da realização plástica, na comunidade onde está inserido</p>	<p>Exposição da ideia à turma e devido enquadramento, relacionado com as problemáticas ambientais mais pertinentes na actualidade;</p> <p>Breve abordagem sobre as características gerais da linguagem plástica utilizadas no Storyboard;</p> <p>Seleccção da mensagem a transmitir e da linguagem plástica a trabalhar;</p> <p>Criação e comunicação de ideias através do desenho de esboço;</p> <p>Concretização do Projecto: -Escolha das mensagens a tratar, definição do público-alvo; -Estudos para o argumento, criação das personagens, organização dos vários elementos; -Esquematização e desenho das cenas sequenciais a fotografar ou desenhar digitalmente.</p> <p>*1</p>	<p>90 minutos</p> <p>*2 -Trabalho individual em aula: participação, intervenções orais e interesse demonstrado; -Escolha temática: actualidade do tema; -Organização e aplicação de conhecimentos.</p> <p>- Estudos/ esboços realizados; - Capacidade de resolução do projecto - Autonomia e espírito de grupo - Criatividade - Sentido Crítico</p> <p>. Resposta aos requisitos pedidos . Realização do projecto</p> <p>Como instrumentos de avaliação, serão utilizadas grelhas de observação e registo individual.</p>	<p>- Didácticos: . Manual.</p> <p>- Materiais: . Projector de vídeo; . Computador; . Bloco de desenho; . Grafite; . Caneta de feltro; . Régua.</p>

*1- os trabalhos resultantes poderão ser expostos à comunidade escolar, no Dia Mundial do Ambiente (5 de Junho) ou oferecidos (original ou cópia) ao Clube Ecológico para posterior utilização.

*2- Em termos gerais a avaliação na Disciplina de Desenho, no que se refere a aprendizagens, princípios e processos de avaliação, pauta-se pela legislação em vigor, e pelos Critérios Gerais de Avaliação da Escola. Em consonância com estes princípios a avaliação na Disciplina de Desenho deve ser contínua, global, integrando as modalidades formativa e sumativa; deve ser uma avaliação fiável e diversificada, com base na observação de actividades em processo e em produtos.

Plano de aula da disciplina de **Desenho A**, professora Filipa Venâncio

Turma 13 do 12º ano - Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais - Ano lectivo: 2009/2010

Dia: **5 de Novembro de 2009** | Duração: **135 minutos** | Nº de alunos: 11 (a turma estará dividida em 2 turnos)

1. Contextualização - Unidade Didáctica | Movimento e Tempo na Linguagem Plástica

2. Sumário |

- 1.Introdução à temática a trabalhar: as questões ambientais na actualidade.
- 2.Características gerais de diferentes tipos de linguagem plástica: O Storyboard, a Banda Desenhada e a Ilustração.
- 3.Início do trabalho prático: organização e selecção de ideias a trabalhar, recorrendo ao desenho de esboço.

3. Objectivos | Compreender a temática, desenvolvendo a sensibilidade para o tema apresentado: as questões ambientais.
Compreender as características gerais que estruturam o Storyboard, a Banda Desenhada e a Ilustração.

4. Conteúdos | Sintaxe: Domínios da linguagem plástica - Movimento e tempo

5.Estratégias/Metodologias |

Exposição da ideia à turma e devido enquadramento, relacionado com as problemáticas ambientais mais pertinentes na actualidade (recurso a vídeos e imagens);

Breve abordagem sobre as características das diferentes linguagens plásticas: o Storyboard, a Banda Desenhada e a Ilustração;

Desenvolvimento de trabalho prático: criação e comunicação das ideias/mensagens a transmitir através do desenho de esboço.

6.Recursos | Alunos: Ficha de apoio, Manual; Bloco de desenho, Grafite, Canetas de feltro, Régua.

Docente: Ficha de apoio, Projector de vídeo, Computador;

7. Avaliação dos alunos

Realização da avaliação dos alunos no que respeita a:

- Participação em aula, intervenções orais e interesse demonstrado;
- Escolha/adequação da temática;
- Sentido Crítico;
- Autonomia e espírito de grupo;
- Empenho - Estudos/ esboços realizados;

8. Apoio

Sugerir aos alunos que visitem a livraria Sétima Dimensão, dedicada essencialmente à Banda Desenhada;

Dar a conhecer o endereço <http://raizverde.blogspot.com/>, blog a que poderão recorrer para visualizar algum material de apoio (blog sob a responsabilidade da docente Helena Rodrigues).

9. Guião das Actividades a realizar

- Apresentação da problemática a tratar (relacionada com as problemáticas ambientais);
- Demonstração de um conjunto de imagens e vídeos relacionados com estas questões e comentário dos mesmos. } 15 min.
- Apresentação do projecto a realizar - trabalho de pares, optando por uma das seguintes actividades: } 15 min.
 - a) Criação de um guião ou sequência para um filme de animação (*storyboard*) cuja duração seria entre os 20 e os 30 segundos. Esta animação poderia fazer parte de uma campanha institucional, a ser transmitida em forma de anúncio televisivo;
 - b) Criação de uma Banda Desenhada a ser publicada num jornal diário, impresso a preto e branco;
 - c) Criação de um conjunto de seis ilustrações a cores, de tamanho A4, para publicação em revista.
- Breve abordagem sobre as características das diferentes linguagens plásticas, acima mencionadas; } 20 min.
- Organização da turma em grupos de trabalho (dois ou três elementos), discussão de ideias e selecção da mensagem ou subtema que pretendem tratar. Decisão sobre a linguagem plástica a trabalhar; } 20 min.
- Criação e comunicação de ideias através do desenho de esboço. } 65 min.

9. Reflexão

Plano de aula da disciplina de **Desenho A**, professora Filipa Venâncio

Turma 13 do 12º ano - Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais - Ano lectivo: 2009/2010

Dia: **5 de Novembro de 2009** | Duração: **135 minutos** | Nº de alunos: 11 (a turma estará dividida em 2 turnos)

1. Contextualização - Unidade Didáctica | Movimento e Tempo na Linguagem Plástica

2. Sumário |

- 1.Introdução à temática a trabalhar: A arte ecológica.
- 2.Características gerais da linguagem plástica, utilizadas no Storyboard.
- 3.Realização de um exercício prático: organização e selecção de ideias para a realização de estudos para um storyboard, sob o tema da arte ecológica.

3. Objectivos |

- Compreender a temática, desenvolvendo a sensibilidade para o tema apresentado: as questões ambientais.
- Compreender as características gerais que estruturam o Storyboard, entendendo de que forma são tratados o Movimento e o Tempo.

4. Conteúdos |

Sintaxe: Domínios da linguagem plástica - Movimento e tempo

5.Estratégias/Metodologias |

Exposição da ideia à turma e devido enquadramento, relacionado com as problemáticas ambientais mais pertinentes na actualidade (recurso a vídeos e imagens);

Breve abordagem sobre as características da linguagem plástica, utilizada no Storyboard.

Desenvolvimento de trabalho prático: criação e comunicação das ideias/mensagens a transmitir, através do desenho de esboço.

6.Recursos |

- Didácticos: Manual adoptado.

- Materiais: Projector de vídeo, Computador, Bloco de desenho, Grafite, Caneta de feltro, Régua.

7. Avaliação dos alunos

Realização da avaliação dos alunos no que respeita a:

- Participação em aula, intervenções orais e interesse demonstrado;
- Escolha/adequação da temática;
- Sentido Crítico;
- Autonomia e espírito de grupo;
- Empenho - Estudos/ esboços realizados;

8. Apoio

Sugerir aos alunos que visitem a livraria Sétima Dimensão, dedicada essencialmente à Banda Desenhada, onde poderão encontrar ideias que também se adequem ao storyboard;

9. Guião das Actividades a realizar

- Apresentação da problemática a tratar (relacionada com as problemáticas ambientais);
- Enquadramento e relação sequencial com as aulas anteriormente leccionadas;
- Demonstração de um conjunto de imagens e vídeos relacionados com estas questões e comentário dos mesmos. } 20 min.
- Apresentação do projecto a realizar, organizados em grupo } 10 min.
 - Criação de estudos para um guião ou sequência para um filme de animação (*storyboard*) cuja duração seria entre os 20 e os 30 segundos. Esta animação poderia fazer parte de uma campanha institucional, a ser transmitida em forma de anúncio televisivo;
- Breve abordagem sobre as características da linguagem plásticas, acima mencionada. } 10 min.
- Organização da turma em grupos de trabalho (três ou quatro elementos), discussão de ideias e selecção da mensagem ou subtema que pretendem tratar. Decisão sobre o público-alvo a atingir. } 20 min.
- Criação e comunicação de ideias através do desenho de esboço. } 75 min.

9. Reflexão

Plano de aula da disciplina de **Desenho A**, professora Filipa Venâncio

Turma 13 do 12º ano - Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais - Ano lectivo: 2009/2010

Dia: **11 de Novembro de 2009** | Duração: **90 minutos** | Nº de alunos: 22

1. Contextualização - Unidade Didáctica | Movimento e Tempo na Linguagem Plástica

2. Sumário | 1. Participação do artista/ilustrador António Pascal – métodos e técnicas utilizadas no seu trabalho.
2. A linguagem plástica na Ilustração.
3. Criação e organização de ideias, recorrendo ao desenho de esboço – continuação do trabalho iniciado na aula anterior.

3. Objectivos | Contactar com a obra de um artista, compreendendo os métodos e técnicas que utiliza.
Ter a capacidade para a criação e comunicação gráfica de conceitos e mensagens, através do desenho.

4. Conteúdos | Sentido: Imagem, plano de expressão ou significante (A imagem e a realidade visual: representação, realismo e ilusão);
A acção do observador - Interpretação, projecção, sugestão e expectativa; Memória e reconhecimento; Atenção, selecção, habituação; Imaginação.

5. Estratégias/Metodologias |

Abordagem específica à linguagem plástica da Ilustração, recorrendo ao testemunho do artista/ilustrador António Pascal. Troca de ideias e experiências com os alunos, relativos aos trabalhos práticos.

Demonstração prática do trabalho de ilustração por parte do artista.

Desenvolvimento de trabalho prático: criação e comunicação das ideias/mensagens a transmitir através do desenho de esboço.

6. Recursos | Materiais: Projector de vídeo, Computador, Bloco de desenho, Grafite, Caneta de feltro, Régua.

Humano: artista/ilustrador António Pascal.

7. Avaliação dos alunos | Realização da avaliação dos alunos no que respeita a:

- Participação em aula, intervenções orais e interesse demonstrado;
- Sentido Crítico;

- Autonomia e espírito de grupo;
- Empenho - Estudos/ esboços realizados.

8. Guião das Actividades a realizar

- Apresentação do artista/ilustrador António Pascal à turma; } 5 min.
- Diálogo entre o artista e os discentes sobre os trabalhos realizados no âmbito da ilustração; } 10 min.
- Demonstração prática do trabalho do artista/ilustrador, partilha de experiências e técnicas utilizadas. Interação entre os docentes, artista e alunos; } 40 min.
- Criação e comunicação de ideias através do desenho de esboço (continuação dos trabalhos iniciados na aula anterior). } 35 min.

9. Reflexão |

Diapositivo 1



A Ecologia e as Artes Visuais

Docente: Helena Rodrigues

Diapositivo 4

Ecologia e Arte



Andreas Gursky
99 Cent, 1999

Arco do Triunfo de Xana, 2009

O jardim do Eden #3 de Joana Vasconcelos, 2009


Hongkong and Shanghai Bank, 1994

Diapositivo 2

Ecologia e Arte

Um dos primeiros momentos em que artistas plásticos demonstraram preocupação com as questões ambientais deu-se na **14ª Bienal de São Paulo em 1977**, onde os temas ecológicos estiveram em especial destaque.

Os representantes brasileiros apresentaram trabalhos que abordavam as questões da destruição da Natureza. Entre eles estava o artista **Frans Krajcberg**.



"Flor do mangue" é um dos inúmeros exemplares do seu trabalho dedicados a Natureza. O artista trabalha desde os anos 50 até hoje, criticando a sociedade em que vive pela ameaça constante a Natureza e contra si própria.

Diapositivo 5

Enquadramento

• A nossa preocupação actual resulta de uma série de catástrofes recentes, entre elas a morte lenta das florestas, as chuvas ácidas, o efeito de estufa (a temperatura média global aumentou mais de 0,7°C no século XX), a diminuição da camada do ozono (em que os CFCs são altamente responsáveis). Em Maio de 1994 soubemos que o aquecimento da Terra e os buracos na camada de ozono aumentaram quase ao dobro do ritmo previsto em 1987.

As emissões de gases com efeito de estufa são apenas um sintoma de uma questão mais profunda: a nossa incapacidade de viver de forma sustentável.

Professora Jacqueline McGlade, Directora executiva, Agência Europeia do Ambiente, Copenhaga

Protocolo de Quioto, 1997



- Verde: Países que ratificaram o protocolo.
- Amarelo: Países que ratificaram, mas ainda não cumpriram o protocolo.
- Vermelho: Países que não ratificaram o protocolo.
- Cinzento: Países que não assumiram nenhuma posição no protocolo.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Protocolo_de_Quito

Diapositivo 3

Ecologia e Arte



Actualmente o tema das questões ambientais é tratado de duas formas distintas pelas manifestações artísticas: a produção de obras que contribuam o menos possível para o aceleramento da destruição do planeta e a sua integração no meio ambiente de uma forma integrada.

Através do conceptualismo ou da "Land Art" os artistas têm expressado a sua preocupação com a ecologia.




Alberto Carneiro, 1970
"Uma floresta para os teus sonhos".

Robert Smithson, **Plataforma Espiral** (Spiral Jetty), 1970
Grande Lago Salgado, em Utah, Estados Unidos

Diapositivo 6

Enquadramento



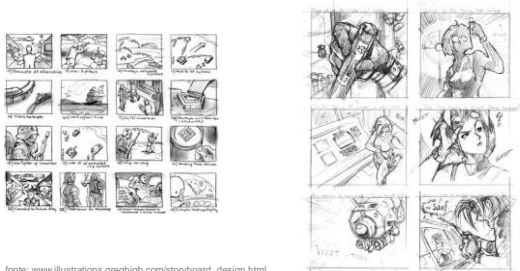
[Video Greenpeace](#)

Diapositivo 7

Proposta de actividade

a) Criação de estudos para um guião ou **sequência para um filme de animação (storyboard)** cuja duração será entre os 20 e os 30 segundos. Esta animação poderia fazer parte de uma campanha institucional, a ser transmitida em forma de anúncio televisivo.

Diapositivo 10



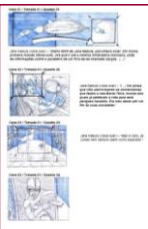
fonte: www.illustrations.greghigh.com/storyboard_design.html

Diapositivo 8

O Storyboard

A sua utilização permite **evitar erros desnecessários e um planeamento mais eficaz dos meios envolventes**. Este traduz a intenção do autor desde a primeira cena até à última e descreve visualmente a mesma, a música, a orientação dos objectos, etc. Isto é feito para que os envolvidos na produção compreendam o conceito (os *Offs* também são descritos no storyboard).

Finalização, efeitos especiais, bem como os musicais, são colocados descritos em cada lugar de entrada.



Aspecto de um storyboard
Antunes, Paulo 2006

Diapositivo 11

Referências bibliográficas

- McGlade, J (2009) *Eea Signals*, Agência Europeia do Ambiente
- Portugal- Bienal de Veneza 1976, XXXVII Exposição Bienal Internacional de arte, Veneza 1976
- Antunes, P. Pós-Graduação em Animação 3D - Roteiro e Storyboard
- Byrne, J. (2003) *Create your own cartoons*, ed. Puffin Books (2003)
- www.illustrations.greghigh.com/storyboard_design.html
- http://www.rfi.fr/actu/br/articles/063/article_10.asp

Diapositivo 9

O Storyboard

O storyboard tem a função de:

- Definir os parâmetros da história, bem como avaliar os recursos e o tempo;
- Organizar e focar uma história;
- Reunir todos estes meios num suporte (som, enquadramento, etc), passível de ser transmitido aos restantes intervenientes;
- Descobrir qual os melhores meios para executar uma cena.

[Receita do Sossego](#) [Vídeo - Storyboard](#)

Argumento: Fernando Lino; História: Fernando Lino, André Brown, Catarina Viana
www.receitadossossego.com/triloads/ReceitadoSossego.pdf

Desenho A e Desenho B

Critérios de Avaliação

10º Ano

11º Ano

12º Ano

Ano lectivo 2009/2010

Desenho A

Cursos Científico – Humanístico de Artes Visuais
Disciplina da Componente de Formação Específica - 10º, 11º e 12º Anos
Disciplina Teórico-prática trienal com carga horária semanal de 90 + 90 + 135 minutos

Desenho B

Cursos Tecnológico de Multimédia
Disciplina da Componente de Formação Tecnológica - 10º, 11º e 12º Anos
Disciplina Teórico-prática trienal com carga horária semanal de 90 + 90 minutos

Disciplinas de Desenho A e Desenho B – 10º, 11º e 12º Ano - Avaliação

Competências (desenvolver numa tricotomia global)	Domínios	Objecto ou âmbito de Avaliação (1)	Incidência da Avaliação	Peso	Peso
				10º ano	11ºe 12º anos
1-Observar e Analisar	Domínio Cognitivo e Psico-motor	- Aquisição de Conceitos	<ul style="list-style-type: none"> - Desenhos - Concretizações gráficas - Objectos produzidos no âmbito da Disciplina - Textos produzidos (relatórios, recensões, comentários, textos de reflexão, entrevistas) ou outras formas de verbalização da experiência. - Trabalho disseminado na turma, na escola, no meio mediante a materialização de exposições e outras acções planificadas. - Trabalho extra-aula de recolha e pesquisa teórica e visual. - Diário Gráfico (de realização assídua e extra-aula) com carácter plástico-expressivo, e experimental. - Portfólio 	80%	85%
3-Interpretar e Comunicar	Domínio Sócio - afectivo	- Valores e Atitudes gerais (os específicos são os constantes do Programa, em anexo e estão articulados com as práticas de aprendizagem)	- Provas de carácter prático (recomendado pelo Programa) e Provas teórico-práticas	10%	10%
			<ul style="list-style-type: none"> - assiduidade - comportamento - capacidade de iniciativa - autonomia e espírito de grupo - responsabilidade, higiene e segurança no trabalho - respeito pelos materiais, equipamentos e bens colectivos - participação e intervenção na comunidade escolar e extra-escolar 	10 %	5%

1- Avaliação

Em termos gerais a avaliação na Disciplina de Desenho, no que se refere a aprendizagens, princípios e processos de avaliação, pauta-se pela legislação em vigor, e pelos Critérios Gerais de Avaliação da Escola.

Em consonância com estes princípios a avaliação na Disciplina de Desenho deve ser contínua, global, integrando as modalidades formativa e sumativa; deve ser uma avaliação fiável e diversificada, com base na observação de actividades em processo e em produtos.

Os instrumentos de avaliação deverão ser diversificados e transparentes, adequados às diferentes situações do Ensino Aprendizagem, organizado preferencialmente em "Unidades de trabalho" conciliadoras da actividade oficial com a aquisição de conteúdos.

Pressupõe a utilização de grelhas de registo de observação e de auto-avaliação.

Escola Secundária de Francisco Franco
Grupo Disciplinar de Desenho A e B e Oficina de Artes

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO
OFICINA DE ARTES – 12º Ano

Disciplina Anual da Componente de Formação Específica
Disciplina Teórico-Prática com carga horária semanal de 90 + 90 + 135 minutos
Cursos Científico-Humanístico de Artes Visuais
Ano Lectivo 2009/2010

Âmbito	<p>Oficina de Artes é uma disciplina cujo nome releva da noção de ofício, no sentido que lhe é conferido actualmente pelo operador plástico, enquanto agente de intervenção crítica que, mediante o conhecimento e a valorização do património, é capaz de agir, de modo integrado, na sociedade em que está inserido.</p>
Finalidades	<p>O programa de Oficina de Artes pretende proporcionar aos alunos a aquisição e o desenvolvimento de saberes no âmbito das artes visuais, através da prossecução das seguintes finalidades:</p> <ul style="list-style-type: none">. Desenvolver a sensibilidade e a consciência crítica, mediante a mobilização do aluno para os conteúdos específicos das diferentes áreas das artes visuais.. Fomentar a capacidade de manipulação sensível e técnica dos materiais, dos suportes e dos instrumentos, visando um melhor entendimento do espaço bidimensional e tridimensional em vários domínios da expressão plástica.. Incentivar e desenvolver a criatividade, hábitos de pesquisa e métodos de trabalho experimental.. Proporcionar aos alunos o acesso aos fundamentos e pressupostos científicos essenciais que determinam grande parte da fenomenologia das artes visuais, desde o acto criativo em si à perspectiva crítica e de intervenção no âmbito da comunidade.
Competências	<p>Nesta disciplina, pretende-se que o aluno desenvolva competências que o tornem capaz de:</p> <ul style="list-style-type: none">- Representar bi- e tridimensionalmente através de meios riscadores e/ou informáticos.- Manipular, com intencionalidade, os diferentes processos técnicos da representação e expressão visual.- Utilizar adequadamente os materiais, os suportes e os instrumentos necessários à construção de uma mensagem visual.- Dominar as diferentes fases metodológicas de desenvolvimento de um projecto, nas diversas áreas em estudo.- Trabalhar em equipa, gerindo as competências necessárias à concretização de um projecto artístico.- Intervir criticamente, no âmbito da realização plástica, na comunidade em que está inserido.
Avaliação	<ul style="list-style-type: none">- Avaliação Sumativa: classificação de 0 a 20 valores , a atribuir no final de cada período- Avaliação Formativa: avaliação contínua e sistemática com função diagnóstica, com vista a que alunos e professor ajustem processos e estratégias, por forma a contribuir para a evolução do aluno. <p>São utilizados vários e adequados instrumentos de avaliação (assentes no diálogo, observação, sentido de transparência, fidelidade e contextualização, como por exemplo as grelhas de registo de observação e de auto-avaliação, portfólios e outros produtos com incidência avaliativa.</p> <p>A avaliação das Atitudes e Valores processa-se adentro dos vários componentes de trabalho. Será dada relevância à assiduidade.</p>

Avaliação	<p>Os referenciais de avaliação a seguir enunciados são porventura observáveis ao longo da aprendizagem prevista e deles se isolam, para cada Módulo, os mais significativos. Assim, pretende-se avaliar, global ou pontualmente, os seguintes aspectos de formação, evolução e práticas de aprendizagem em termos de saberes, saberes-fazer e saberes-ser:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Poder de observação aliado à capacidade de interpretar e registar; . Desenvolvimento de competências de pesquisa, recolha e experimentação de materiais; . Capacidade de leitura e análise de imagens; . Domínio dos meios de representação; . Invenção criativa aplicada a trabalhos e projectos; . Interesse pelos fenómenos de índole artística; . Formulação de questões pertinentes; . Envolvimento e capacidade de integração no trabalho individualmente e em grupo; . Persistência na aprendizagem; . Empenho no trabalho realizado; . Aquisição e compreensão de conhecimentos; . Capacidade de relacionar os conhecimentos adquiridos e de os utilizar em novas situações. 	
Pesos	- “Propostas de trabalho” em consonância com o elenco temático.	80%
	- Trabalho extra-aula, recolha e pesquisa teórico-visual - Relatórios, memórias descritivas, exposições orais e escritas	15%
	Atitudes e Valores Gerais (os específicos são inerentes às práticas de aprendizagem e dela não se podem dissociar)	5%

Avaliação por portfólio do “Projecto Artístico” (2º /ou 3º períodos)
(2º Módulo)

Componentes		Pesos
Processo	Descrição do projecto Investigação/ Preparação Dossier de pesquisa Estudos e notas preparatórias Estudos de desenvolvimento Registos do processo	60%
Produto	O portfólio como um todo. Produtos finais e Relatório ou Memória Descritiva	30%
Auto-avaliação.	Relatório de auto-avaliação Notas sobre auto-avaliação dos processos	10%

Operacionalização da Avaliação para aula da disciplina de **Desenho A**, professora Filipa Venâncio

Turma 13 do 12º ano - Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais - Ano lectivo: 2009/2010

Dia: **5 de Novembro de 2009**

Duração: **135 minutos**

1º Grupo

Alunos	Participação/ intervenção orais	Interesse demonstrado	Escolha/adequação da temática;	Autonomia e espírito de grupo	Empenho - Estudos/ esboços realizados;	Observações
Ana Catarina						
António						
Carolina						
Carolina Rod.						
Cláudia						
Cristiano						
Dalila						
Diana						
Diana Gouveia						
Joana						
J. Domingos						

Dia: **5 de Novembro de 2009**

Duração: **135 minutos**

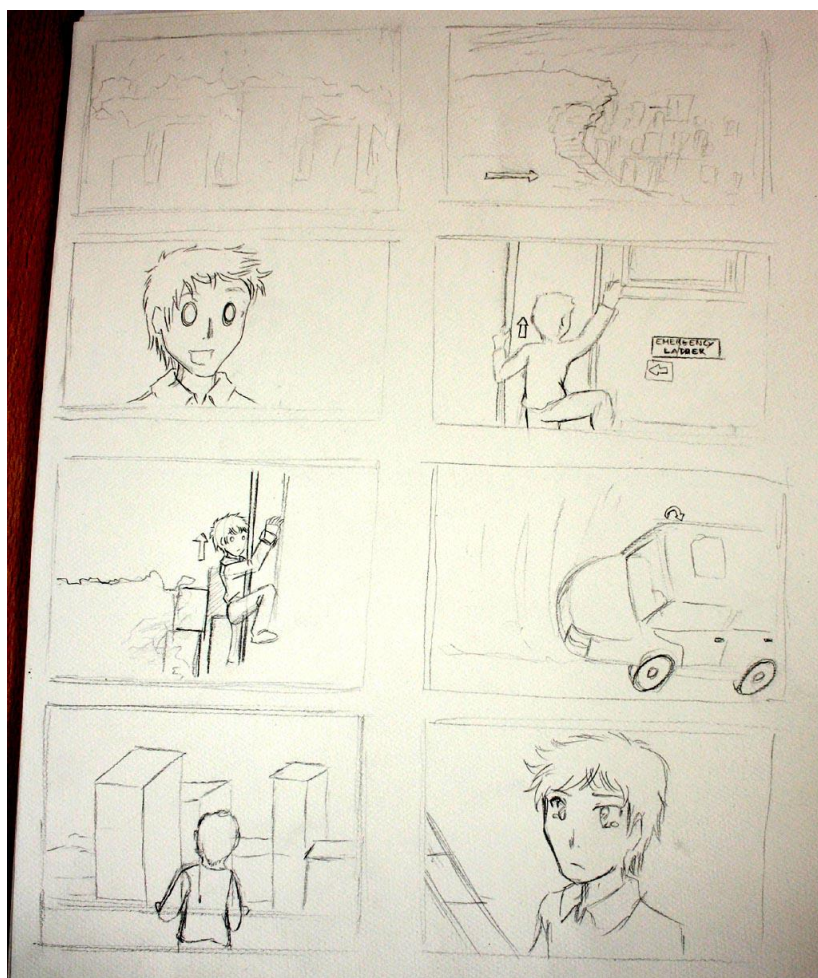
2º Grupo

Alunos	Participação/ intervenção orais	Interesse demonstrado	Escolha/adequação da temática;	Autonomia e espírito de grupo	Empenho - Estudos/ esboços realizados;	Observações
Liliana						
Luís Miguel						
Marisa						
Nuno						
Nuno Freitas						
Pedro						
Raquel						
Rosa						
R. Rodrigo						
Sofia						
João						

Seleção de trabalhos realizados pelos alunos para aula da disciplina de Desenho A

Turma 13 do 12º ano - Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais - Ano lectivo: 2009/2010

1º Turno



Elementos do grupo:

Ana Catarina

Cláudia

António

Tema: "Onda gigante –
antes e depois"





2º Turno



Elementos do grupo:

João

Pedro

Nuno F.

Raquel

Tema: "Desflorestação"

Anexo C

Este anexo contém os seguintes documentos referentes à Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco:

- Fotografias dos elementos da turma;
- Estudo estatístico sobre o nível sociocultural da turma;
- Planificação a Longo Prazo para a disciplina de Educação Visual, adoptada pelo Grupo disciplinar;
- Planificação a Médio Prazo para a disciplina de Educação Visual;
- Planificação a Curto Prazo – primeira, segunda, terceira, quarta, quinta e sexta aula;
- Ficha de apoio para a primeira aula;
- Ficha de apoio para a terceira aula;
- Sugestão para a planificação da disciplina de Educação Visual, para o terceiro período;
- Grelha de Avaliação Geral;
- Operacionalização da Avaliação;
- Trabalho dos alunos.

Fotografias dos alunos da turma – documento cedido pela docente cooperante

Turma 5 do 9º ano - Ano lectivo: 2009/2010

Embora o documento diga respeito ao ano lectivo anterior, a turma manteve-se com os mesmos elementos



Dados da Turma:

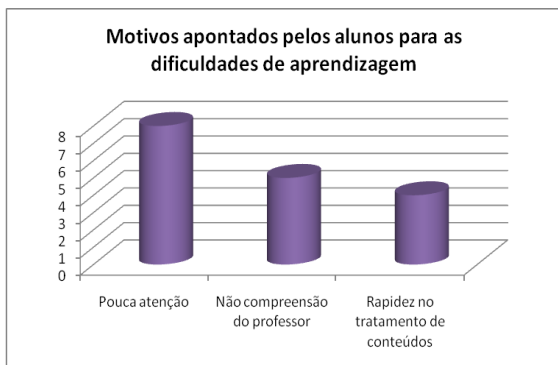


Gráfico 34



Gráfico 35

Dados do Agregado Familiar:

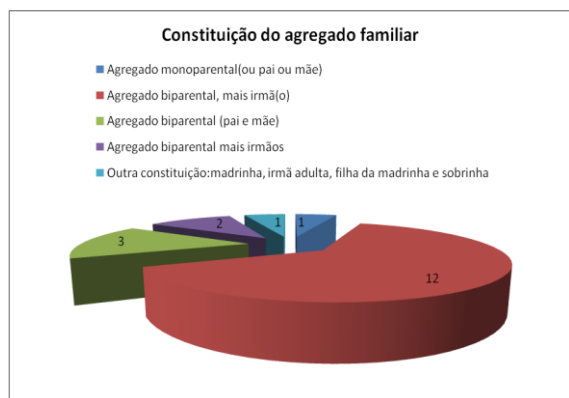


Gráfico 36

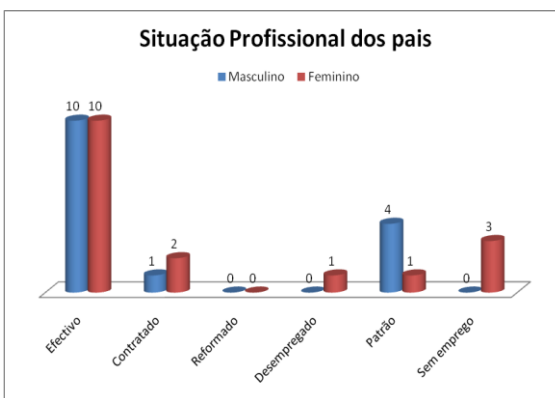


Gráfico 37

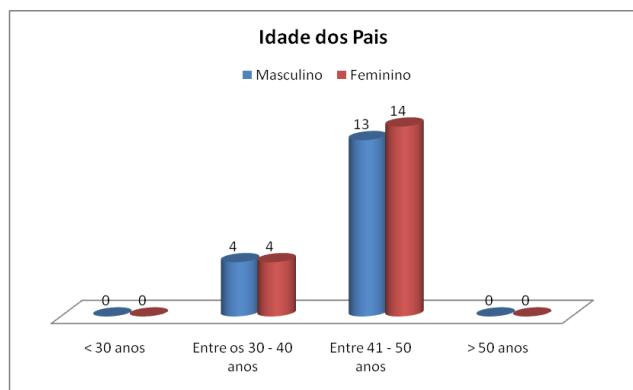


Gráfico 38

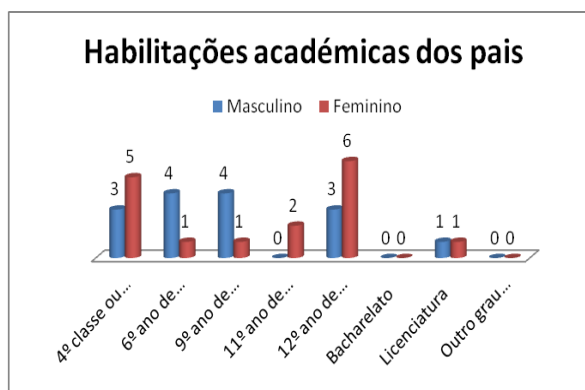


Gráfico 39

ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA GONÇALVES ZARCO			"Áreas de exploração" – DESENHO, PINTURA, ESCULTURA, BANDA DESENHADA, FOTOGRAFIA E VÍDEO, GRAVURA E IMPRESSÃO, INFORMÁTICA		
EDUCAÇÃO VISUAL 2009/2010			PLANIFICAÇÃO ANUAL 9º ano		
COMPETÊNCIAS GERAIS	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	RESULTADOS PRETENDIDOS	ACTIVIDADES/ESTRATÉGIAS	AVALIAÇÃO
<p>(1) Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano;</p> <p>(2) Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar;</p> <p>(3) Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio;</p> <p>(4) Usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em situações do quotidiano e para apropriação de informação;</p> <p>(5) Adoptar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas a objectivos visados;</p> <p>(6) Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;</p> <p>(7) Adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões;</p> <p>(8) Realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa;</p> <p>(9) Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns;</p> <p>(10) Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspectiva pessoal e</p>	<p>Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais.</p> <p>Descrever acontecimentos aplicando metodologias do desenho de ilustração, da banda desenhada ou do guionismo visual.</p> <p>Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento.</p> <p>Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem.</p> <p>Conceber organizações espaciais dominando regras elementares da composição.</p> <p>Entender o desenho como meio de representação expressiva e rigorosa de formas.</p> <p>Conceber formas obedecendo a alguns princípios de representação normalizada.</p> <p>Representar expressivamente a figura humana compreendendo relações básicas de estrutura e proporção.</p> <p>Compreender a geometria plana e a geometria no espaço como possíveis interpretações da natureza e princípios organizadores das formas.</p> <p>Compreender as relações do Homem com o espaço: proporção, escala, movimento, ergonomia e antropometria.</p> <p>Entender visualmente a perspectiva central ou cónica recorrendo à representação, através do desenho de observação.</p> <p>Conceber projectos e organizar com funcionalidade e equilíbrio os espaços bidimensionais e tridimensionais.</p> <p>Compreender através da representação de formas, os processos subjacentes à percepção do volume.</p> <p>Compreender a estrutura das formas naturais e dos objectos artísticos, relacionando-os com os seus contextos.</p> <p>Perceber os mecanismos perceptivos da luz/cor, síntese aditiva e</p>	COMUNICAÇÃO	Elementos visuais da comunicação	Registar graficamente equipamento, habitação, paisagens, pessoas, actividades, etc. Utilizar lápis, esferográfica, carvão, guaches, marcadores, etc.	<p>COMPETÊNCIAS COGNITIVAS 70%</p> <p>1 - PROCESSOS CRIATIVOS</p> <p>- PROCESSO DE DESIGN: Alargamento de conhecimentos (investigação); Diversidade de ideias (criatividade); Fundamentação na escolha entre alternativas; Desenvolvimento do trabalho; Concretização do trabalho</p> <p>- EXPRESSÃO NÃO CONDICIONADA: Qualidades formais; Qualidades expressivas; Qualidades criativas;</p> <p>- EVOLUÇÃO NA CAPACIDADE DE REPRESENTAR</p> <p>2 - TÉCNICAS</p> <p>Domínio; Adequação; Expressão não condicionada; Rigor</p> <p>3 - CONCEITOS</p> <p>Formação e alargamento; Apreciação verbal (auto-avaliação)</p> <p>COMPETÊNCIAS RELACIONAIS 30%</p> <p>Motivação; Interesse; Organização; Autonomia; Superação de Obstáculos; Empenho; Assiduidade; Pontualidade;</p>
			Códigos de comunicação visual	Elaborar gráficos e esquemas. Executar projectos de equipamento, organização de espaços, etc...fazendo esboço cotado, vistas ortogonais, maquetas ou modelos tridimensionais.	
			Papel da imagem na comunicação	Reconhecer a importância das imagens (publicidade comercial, social, política, religiosa, etc.) no comportamento das pessoas.	
		ESPAÇO	REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO Sobreposição; dimensão; cor; claro-escuro; gradação de nitidez	Representar o espaço utilizado, isoladamente ou de modo integrado, as sobreposições, variações de dimensão, de cor e de claro-escuro ou as gradações de nitidez.	
			Vistas: cubo envolvente, sistema europeu	Representar objectos pelas suas vistas no sistema europeu: desenhando as vistas necessárias para compreensão de um objecto (noções de contorno e de corte); registando as suas medidas (escalas, cotas); utilizando linguagem gráfica convencional (linhas contínuas e interrompidas, de espessuras diferentes, etc.).	
			Perspectiva de observação (livre e rigorosa)	Conhecer sistematizações geométricas da perspectiva de observação (linhas e pontos de fuga, direcções principais e auxiliares, divisões proporcionais, etc.).	
			Axonometrias	Conhecer vários sistemas de representação axonométrica. Representar um objecto simples em perspectiva cavaleira. Converter a representação e pelas vistas numa representação axonométrica e vice-versa.	
		ESTRUTURA	Relação homem/espaço	Registar as proporções e, em esquema, os movimentos. Projectar objectos ou espaços tendo em conta a relação homem - espaço	
			Estrutura Forma/Função Estruturas naturais e criadas pelo homem.	Compreender a estrutura como suporte de uma forma, mas também, como princípio organizador dos elementos que a constituem. <u>Relacionar a forma e a função dos objectos com a sua estrutura</u>	
		FORMA	Percepção Visual da Forma Qualidades: formais, geométricas e expressivas.	Compreender que a percepção visual das formas envolve a interacção da luz-cor, das linhas, da textura, do volume, da superfície, etc. (aprofundamento do 2º Ciclo)	
Factores que determinam a forma dos objectos Físicos – Propriedades dos materiais	Escolher os materiais a utilizar na resolução de problemas de design, em função das suas propriedades físicas.				
Económicos – Mão-de-obra, materiais, tempo, conservação, produção industrial e prod. artesanal, produção em série e elementos e módulos.	Compreender a importância do factor económico considerando como condicionantes do design a mão-de-obra, os materiais, o tempo e a conservação.				
		Funcionais – Função principal e subfunções, antropometria e ergonomia.	Distinguir entre a função principal e as subfunções de um objecto (por expl. guarda chuva, pega, etc.) Relacionar a forma dos objectos com as medidas e os movimentos do homem.		

interpessoal promotora da saúde e da qualidade de vida.	<p>subtractiva, contraste e harmonia e suas implicações funcionais.</p> <p>Aplicar os valores cromáticos nas suas experimentações plásticas.</p> <p>Criar composições a partir de observações directas e de realidades imaginadas utilizando os elementos e os meios da expressão visual.</p>		Estéticos	Fundamentar a escolha de uma entre várias formas que satisfaçam todos os factores considerados.	<p>Material</p> <p>INSTRUMENTOS</p> <p>Trabalhos práticos</p> <p>Trabalhos de casa</p> <p>Trabalhos de grupo/individuais</p> <p>Questionários orais</p> <p>Relatórios</p> <p>Grelhas de observação</p> <p>Auto e heteroavaliação</p>
		LUZ-COR	A COR-LUZ NO AMBIENTE	<p>Compreender os efeitos da cor na percepção do mundo envolvente.</p> <p>Utilizar os efeitos da cor na melhoria da qualidade do ambiente.</p> <p>Aplicar os conhecimentos adquiridos sobre a cor sensação e a influência da cor no comportamento</p>	



Plano de aula da disciplina de **Educação Visual**, professora orientadora Ana Cristina Duarte

Turma 5 do 9º ano - Ano lectivo: 2009/2010

Dia: **8 de Março de 2010**

Duração: **45 minutos**

Nº de alunos: 11

1. Contextualização – Projecto | O Processo de Design

2. Sumário

1. Introdução à temática a trabalhar: O Design Ecológico.
 - 1.1 Troca e selecção de ideias sobre o projecto a realizar.
2. Revisão de conceitos: Metodologia do Processo de Design.
3. Pesquisa orientada sobre Design Ecológico.

3. Objectivos

- Compreender a temática, desenvolvendo a sensibilidade para o tema apresentado;
- Compreender a realidade que nos rodeia, detectando problemas com que nos deparamos no quotidiano;
- Entender quais os factores determinantes da forma de um objecto.

4. Conteúdos

Forma: Factores que determinam a forma dos objectos

5. Estratégias/Metodologias

Exposição da ideia à turma e devido enquadramento;

Diálogo com os alunos sobre as necessidades sentidas, no que diz respeito ao equipamento da sala de aula ou espaço exterior da escola; elaboração de uma lista no quadro;

Revisão de conceitos: o Processo de Design e as suas etapas;

Realização de uma pesquisa orientada sobre Design Ecológico, através da consulta de alguns catálogos e pesquisa on-line (será sugerido o blog com o endereço <http://raizverde.blogspot.com> como referência).

6. Recursos

- Didácticos: Ficha de apoio

- Materiais: Computador, Diário Gráfico, Grafite.

7. Avaliação dos alunos

Realização da avaliação dos alunos no que respeita a:

- Participação em aula, intervenções orais e interesse demonstrado;
- Autonomia e Sentido Crítico;
- Empenho - Estudos/ esboços realizados;

8. Apoio

Caso o tempo seja insuficiente para a pesquisa, pedir aos alunos que a concluem em casa, registando algumas ideias no seu Diário Gráfico.

9. Guião das Actividades a realizar

- Exposição da ideia à turma e devido enquadramento;
 - Diálogo com os alunos sobre as necessidades sentidas, no que diz respeito ao equipamento da sala de aula ou espaço exterior da escola; elaboração de uma lista no quadro;
- } 20 min
-
- Revisão de conceitos: o Processo de Design e as suas etapas;
- } 10 min.
-
- Realização de pesquisa orientada sobre Design Ecológico e registo de alguns apontamentos gráficos no Diário Gráfico.
- } 60 min.

9. Reflexão



Plano de aula da disciplina de **Educação Visual**, professora orientadora Ana Cristina Duarte

Turma 5 do 9º ano - Ano lectivo: 2009/2010

Dia: **15 de Março de 2010** | Duração: **45 minutos** | Nº de alunos: 11

1. Contextualização – Projecto | O Processo de Design

2. Sumário | 1. Organização da pesquisa realizada sob o tema Design Ecológico.
2. Envio do trabalho por via electrónica.

3. Objectivos | - Organizar o trabalho de pesquisa sob o tema Design ecológico, referindo o autor, a fonte e um breve comentário acerca da peça.

4. Conteúdos | - O Processo de Design: Pesquisa e análise

5. Estratégias/ Metodologias

Diálogo com os alunos sobre a tarefa a realizar, referindo a importância da pesquisa no processo de criação; o trabalho foi direccionado para a pesquisa on-line, com a consulta do blog com o endereço <http://raizverde.blogspot.com>

Exercício de aplicação: organização de um documento em Word com os elementos solicitados e envio através de e-mail.

6. Recursos | - Didácticos: blog com o endereço <http://raizverde.blogspot.com>

- Materiais: Computador, Internet.

7. Avaliação dos alunos | Realização da avaliação dos alunos no que respeita a:
- Alargamento de conhecimentos (investigação); Concretização do trabalho
- Domínio;
- Organização; Autonomia; Empenho; Assiduidade; Pontualidade.

8. Guião das Actividades a realizar

- Explicação da tarefa a realizar; } 10 min.
- Realização do trabalho: recolha de imagens, organização e redacção dos comentários; } 30 min.
- Envio do trabalho através de e-mail. } 5 min.

9. Reflexão



Plano de aula da disciplina de **Educação Visual**, professora orientadora Ana Cristina Duarte

Turma 5 do 9º ano - Ano lectivo: 2009/2010

Dia: **18 de Março de 2010**

Duração: **90 minutos**

Nº de alunos: 11

1. Contextualização – Projecto | O Processo de Design

2. Sumário | 1. Representação do objecto através das suas vistas no sistema europeu – conclusão.
2. Representação do objecto através da Perspectiva Cavaleira.

3. Objectivos | - Concluir a representação do objecto criado pelas suas vistas no sistema europeu.
- Representar o objecto criado em Perspectiva Cavaleira.

4. Conteúdos | - Espaço: cubo envolvente, sistema europeu.
- Espaço: Axonometrias

5. Estratégias/ Metodologias

Verificação dos trabalhos já realizados e acompanhamentos directo aos alunos;

Revisão de conceitos acerca das axonometrias – característica e regras de representação através da Perspectiva Cavaleira.

Exercício de aplicação: Representação do objecto através da Perspectiva Cavaleira.

6. Recursos | - Didácticos: Ficha de Apoio

- Materiais: Folhas de papel cavalinho A3, régua de 50 cm, esquadro, compasso, borracha branca, lapiseira de minas (HB) ou lápis H2.

7. Avaliação dos alunos

Realização da avaliação dos alunos no que respeita a:

- Criatividade, fundamentação na escolha entre as alternativas;
- Autonomia;
- Empenho - Estudos/ esboços realizados;
- Concretização do trabalho.

8. Guião das Actividades a realizar

- Acompanhamento dos alunos e verificar a ideia seleccionada; } 10 min.
- Distribuição e análise de uma ficha de apoio para a revisão de conceitos acerca da linguagem gráfica convencional utilizada na representação das vistas (cubo envolvente), sistema europeu; } 20 min.
- Exercício de aplicação: Representação do objecto através das suas vistas no sistema europeu. } 60 min.

9. Reflexão



Plano de aula da disciplina de **Educação Visual**, professora orientadora Ana Cristina Duarte

Turma 5 do 9º ano - Ano lectivo: 2009/2010

Dia: **22 de Março de 2010**

Duração: **45 minutos**

Nº de alunos: 11

1. Contextualização – Projecto | O Processo de Design

2. Sumário | 1. Representação do objecto através da Perspectiva Cavaleira – conclusão.

3. Objectivos | - Concluir a representação do objecto em Perspectiva Cavaleira.

4. Conteúdos | - Espaço: Axonometrias

5. Estratégias/ Metodologias

Verificação dos trabalhos já realizados e sistematização da ideia de processo de design;
acompanhamento directo aos alunos;

Exercício de aplicação: Representação do objecto através da Perspectiva Cavaleira - conclusão

6. Recursos | - Didácticos: Ficha de Apoio

- Materiais: Folhas de papel cavalinho A3, régua de 50 cm, esquadro, compasso, borracha branca, lapiseira de minas (HB) ou lápis H2.

7. Avaliação dos alunos | Realização da avaliação dos alunos no que respeita a:

- Criatividade, fundamentação na escolha entre as alternativas;
- Autonomia;
- Empenho - Estudos/ esboços realizados;
- Concretização do trabalho.

8. Guião das Actividades a realizar

- Acompanhamento dos alunos e verificar a ideia seleccionada; } 10 min.
- Distribuição e análise de uma ficha de apoio para a revisão de conceitos acerca da linguagem gráfica convencional utilizada na representação das vistas (cubo envolvente), sistema europeu; } 20 min.
- Exercício de aplicação: Representação do objecto através das suas vistas no sistema europeu. } 60 min.

9. Reflexão



Plano de aula da disciplina de **Educação Visual**, professora orientadora Ana Cristina Duarte

Turma 5 do 9º ano - Ano lectivo: 2009/2010

Dia: **25 de Março de 2010**

Duração: **45 minutos**

Nº de alunos: 11

1. Contextualização – Projecto | O Processo de Design

2. Sumário | 1. Conclusão do projecto sobre Design ecológico. Auto avaliação do projecto.

3. Objectivos | - Concluir a representação do objecto em Perspectiva Cavaleira.
- Reflectir e avaliar o seu próprio trabalho.

4. Conteúdos | - Espaço: Axonometrias

5. Estratégias/ Metodologias

Verificação dos trabalhos e conclusão dos mesmos.

Conversa com os alunos sobre o processo de trabalho e resultados obtidos.

Exercício de aplicação:

Representação do objecto através da Perspectiva Cavaleira – conclusão.

Redacção de um pequeno texto sobre a avaliação do projecto e publicação no blog dedicado ao tema trabalhado.

6. Recursos | - Didácticos: Manual adoptado pela escola; Computador com acesso à internet.

- Materiais: Folhas de papel cavalinho A3, régua de 50 cm, esquadro, compasso, borracha branca, lapiseira de minas (HB) ou lápis H2; Computador.

7. Avaliação dos alunos | Realização da avaliação dos alunos no que respeita a:

- Autonomia;
- Concretização do trabalho;
- Espírito crítico.

8. Guião das Actividades a realizar

- Acompanhamento dos alunos e verificar o estado dos trabalhos; } 10 min.
- Conversa com os alunos sobre o desenvolvimento do projecto; } 10 min.
- Exercício de aplicação:
Conclusão da representação do objecto através da Perspectiva cavaleira;
Auto-avaliação e publicação do comentário no *blog* } 25 min.

9. Reflexão



Ficha de Apoio da disciplina de **Educação Visual** - Unidade de Trabalho: **O Processo de Design**

Turma 5 do 9º ano - Ano lectivo: 2009/2010

Temática a trabalhar: **Design Ecológico**

A relação entre o Homem e a Natureza foi sempre relativamente pacífica mas, à medida que ocorreu o desenvolvimento industrial e tecnológico, fomos diminuindo o nosso cuidado em relação àquilo que nos rodeia.

O aumento da produção de bens de consumo e a exploração exaustiva dos recursos do planeta têm vindo a proporcionar alguns episódios catastróficos, que nos fizeram perceber finalmente a dimensão e a gravidade desta situação.

Os artistas, designers e arquitectos têm desempenhado um papel importante e, através das suas obras, chamam à atenção para estas questões globais.

Proposta de trabalho:

- Observa o espaço em que te movimentas na escola, espaço exterior ou sala de aula de Educação Visual e verifica se existe alguma necessidade de equipamento;
- A partir daí, e depois de realizares uma breve pesquisa sobre Design Ecológico, poderás **criar um objecto** com vista a resolver essa necessidade;
- Depois da criação do objecto, será necessário fazeres a representação rigorosa através das projecções ortogonais – método europeu (**sistema de vistas**) e posteriormente em **Perspectiva Cavaleira**.

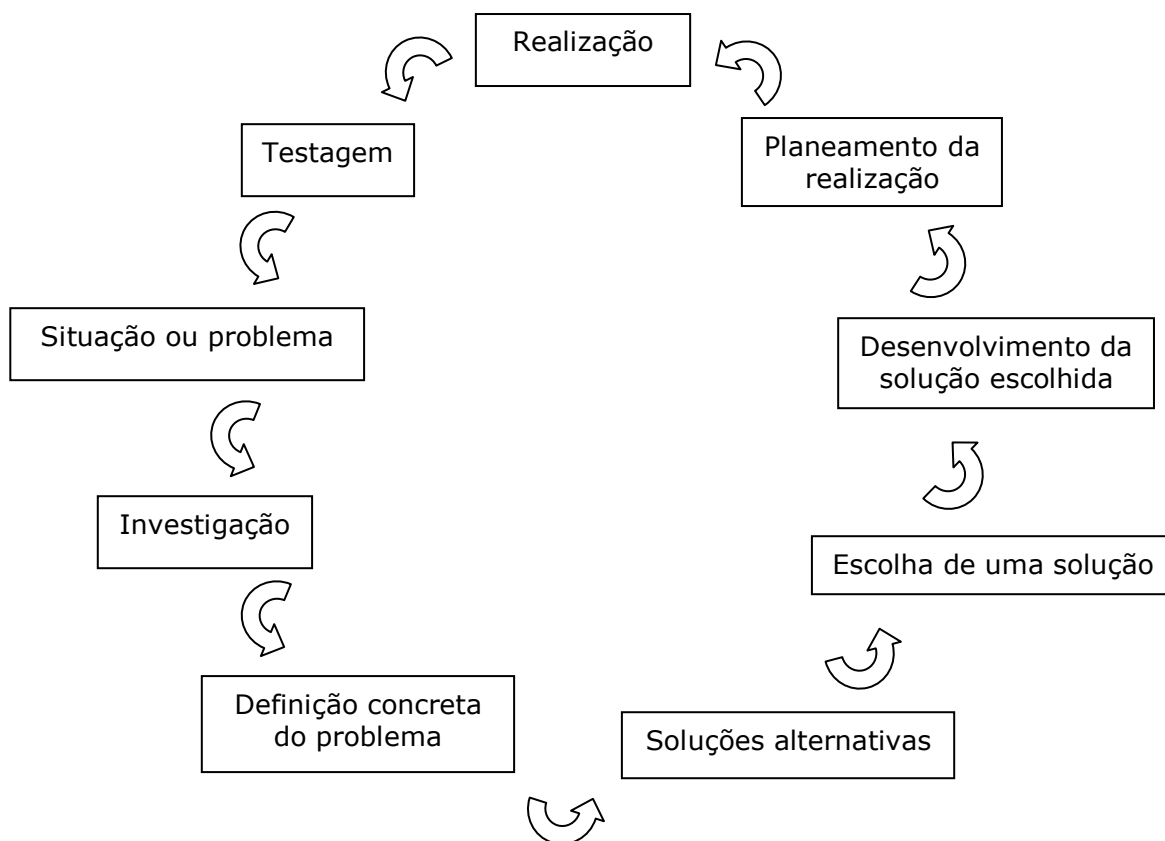
I Fase

- a) Levantamento de ideias sobre as necessidades sentidas ao nível do equipamento:

Ideia a desenvolver:

Nesta como em qualquer acção que pretendamos realizar, é necessário ter em conta uma série de acções que nos ajudarão a que o resultado final seja o pretendido.

Recordemos então a **Metodologia de Projecto**:



- b) Realização de uma breve pesquisa sobre Design Ecológico, através da consulta de alguns catálogos e pesquisa on-line.

Sugere-se a consulta do blog com o endereço <http://raizverde.blogspot.com>

Nota: deverás fazer a recolha das ideias mais interessantes pesquisadas para a organização de um documento Word, onde deverás referir o autor da peça, a fonte e poderás acrescentar algum comentário.

Calendarização do projecto:

	8 de Março	TPC	11 de Março	15 de Março	18 de Março	22 de Março
	Pesquisa sobre Design Ecológico	Criação e desenvolvimento de ideias – desenho de esboço	- Desenvolvimento e Selecção de ideias - Método europeu (sistema de vistas)	Organização e envio via e-mail da Pesquisa realizada	Perspectiva Cavaleira.	
Realizei a actividade						
Não realizei a actividade						
Observações						

As Projecções ortogonais: o Método Europeu

Como deves recordar, um dos métodos para representar as projecções ortogonais, é o **Método Europeu**. Neste sistema (de vistas ou cubo envolvente), dado um determinado objecto, é possível definir seis projecções ortogonais, no entanto, dependendo da sua simetria, nem sempre é necessário desenhá-las todas.

Considere-se uma peça com a configuração representada na figura 1, colocada no interior de uma caixa com faces transparentes e projecte-se ortogonalmente a referida peça sobre as seis faces da caixa. Uma vez representadas, abre-se a caixa com se indica na figura 2, ficando todas as faces rebatidas.

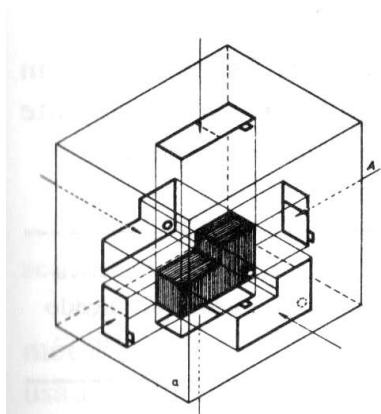


Fig. 1

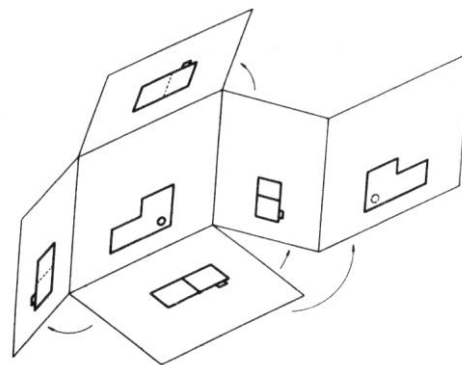


Fig. 2

O aspecto do desenho deverá assemelhar-se à figura 3.

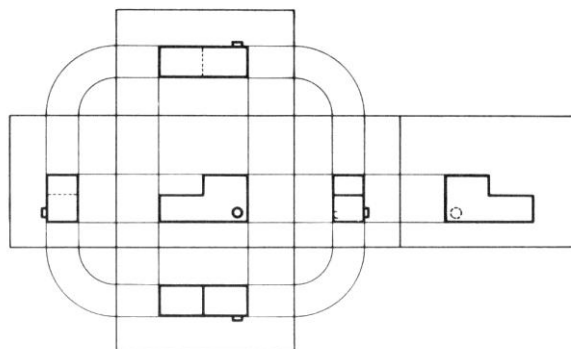


Fig.3

Assim e olhando agora para a figura 4 teremos a seguinte legenda:

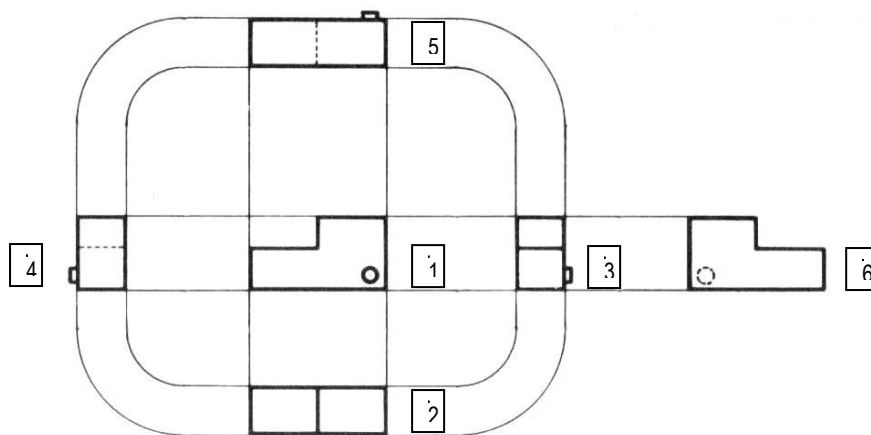


Fig. 4

Nº da vista	Designação	Posição relativamente ao alçado principal
1	Alçado de frente ou principal	—
2	Planta ou Vista de cima	Por baixo
3	Alçado lateral esquerdo	À direita
4	Alçado lateral direito	À esquerda
5	Vista de baixo	Por cima
6	Vista de trás ou alçado posterior	À direita

Tipos de linhas e grupo de traços utilizados em desenho técnico

Com o objectivo de uma melhor compreensão do desenho técnico, houve a necessidade de criar normas rígidas para a sua representação.

No que respeita à natureza do traço, a norma estabelece cinco tipos distintos que estão representados na figura abaixo.

a —————	Os tipos “a” e “e” correspondem a um traço contínuo respectivamente grosso e fino; Os tipos c e d correspondem a um traço-ponto também respectivamente grosso e fino; e o tipo b é um traço interrompido. É de salientar que no traço interrompido o comprimento dos traços é uniforme bem como o espaçamento entre eles.
b - - - - -	
c — . — . — . — . — . — .	
d — . — . — . — . — . — .	
e —————	

Aplicação dos vários tipos de linhas

- | | |
|--|--|
| a) Linhas do tipo a (traço contínuo grosso)
Arestas e linhas de contorno visíveis. | d) Linhas tipo d (traço-ponto fino)
d.1) Eixos |
| b) Linhas tipo b (traço interrompido)
Arestas e linhas de contorno ocultas | e) Linhas tipo e (traço contínuo fino)
e.1) Tracejados de cortes e secções
e.2) Contornos e arestas fictícios
e.3) Linhas de cota, de chamada e de referência. |
| c) Linhas tipo c (traço-ponto médio)
c.1) Extremidades | |

ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA GONÇALVES ZARCO		"Áreas de exploração" – DESENHO, PINTURA, ESCULTURA, BANDA DESENHADA, FOTOGRAFIA E VÍDEO, GRAVURA E IMPRESSÃO, INFORMÁTICA				
EDUCAÇÃO VISUAL 2009/2010		PLANIFICAÇÃO ANUAL 9º ano				
COMPETÊNCIAS GERAIS	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS		RESULTADOS PRETENDIDOS	ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS	AVALIAÇÃO
<p>(1) Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano;</p> <p>(2) Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar;</p> <p>(3) Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio;</p> <p>(4) Usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em situações do quotidiano e para apropriação de informação;</p> <p>(5) Adotar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas a objectivos visados;</p> <p>(6) Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;</p> <p>(7) Adotar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões;</p> <p>(8) Realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa;</p> <p>(9) Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns;</p> <p>(10) Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspectiva pessoal e</p>	<p>Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais.</p> <p>Descrever acontecimentos aplicando metodologias do desenho de ilustração, da banda desenhada ou do guionismo visual.</p> <p>Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento.</p> <p>Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem.</p> <p>Conceber organizações espaciais dominando regras elementares da composição.</p> <p>Entender o desenho como meio de representação expressiva e rigorosa de formas.</p> <p>Conceber formas obedecendo a alguns princípios de representação normalizada.</p> <p>Representar expressivamente a figura humana compreendendo relações básicas de estrutura e proporção.</p> <p>Compreender a geometria plana e a geometria no espaço como possíveis interpretações da natureza e princípios organizadores das formas.</p> <p>Compreender as relações do Homem com o espaço: proporção, escala, movimento, ergonomia e antropometria.</p> <p>Entender visualmente a perspectiva central ou cónica recorrendo à representação, através do desenho de observação.</p> <p>Conceber projectos e organizar com funcionalidade e equilíbrio os espaços bidimensionais e tridimensionais.</p> <p>Compreender através da representação de formas, os processos subjacentes à percepção do volume.</p> <p>Compreender a estrutura das formas naturais e dos objectos artísticos, relacionando-os com os seus contextos.</p> <p>Perceber os mecanismos perceptivos da luz/cor, síntese aditiva e</p>	COMUNICAÇÃO	Elementos visuais da comunicação	Registar graficamente equipamento, habitação, paisagens, pessoas, actividades, etc. Utilizar lápis, esferográfica, carvão, guaches, marcadores, etc.		<p>COMPETÊNCIAS COGNITIVAS 70%</p> <p>1 - PROCESSOS CRIATIVOS</p> <p>- PROCESSO DE DESIGN: Alargamento de conhecimentos (investigação); Diversidade de ideias (criatividade); Fundamentação na escolha entre alternativas; Desenvolvimento do trabalho; Concretização do trabalho</p> <p>- EXPRESSÃO NÃO CONDICIONADA: Qualidades formais; Qualidades expressivas; Qualidades criativas;</p> <p>- EVOLUÇÃO NA CAPACIDADE DE REPRESENTAR</p> <p>2 - TÉCNICAS</p> <p>Domínio; Adequação; Expressão não condicionada; Rigor</p> <p>3 - CONCEITOS</p> <p>Formação e alargamento; Apreciação verbal (auto-avaliação)</p> <p>COMPETÊNCIAS RELACIONAIS 30%</p> <p>Motivação; Interesse; Organização; Autonomia; Superação de Obstáculos; Empenho; Assiduidade; Pontualidade;</p>
			Códigos de comunicação visual	Elaborar gráficos e esquemas. Executar projectos de equipamento, organização de espaços, etc...fazendo esboço cotado, vistas ortogonais, maquetas ou modelos tridimensionais.		
			Papel da imagem na comunicação	Reconhecer a importância das imagens (publicidade comercial, social, política, religiosa, etc.) no comportamento das pessoas.		
		ESPAÇO	REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO Sobreposição; dimensão; cor; claro-escuro; gradação de nitidez	Representar o espaço utilizado, isoladamente ou de modo integrado, as sobreposições, variações de dimensão, de cor e de claro-escuro ou as gradações de nitidez.		
			Vistas: cubo envolvente, sistema europeu	Representar objectos pelas suas vistas no sistema europeu: desenhando as vistas necessárias para compreensão de um objecto (noções de contorno e de corte); registando as suas medidas (escalas, cotas); utilizando linguagem gráfica convencional (linhas contínuas e interrompidas, de espessuras diferentes, etc.).		
			Perspectiva de observação (livre e rigorosa)	Conhecer sistematizações geométricas da perspectiva de observação (linhas e pontos de fuga, direcções principais e auxiliares, divisões proporcionais, etc.).		
			Axonometrias	Conhecer vários sistemas de representação axonométrica. Representar um objecto simples em perspectiva cavaleira. Converter a representação e pelas vistas numa representação axonométrica e vice-versa.		
		ESTRUTURA	Relação homem/espaço	Registar as proporções e, em esquema, os movimentos. Projectar objectos ou espaços tendo em conta a relação homem - espaço		
			Estrutura Forma/Função Estruturas naturais e criadas pelo homem.	Compreender a estrutura como suporte de uma forma, mas também, como princípio organizador dos elementos que a constituem. <u>Relacionar a forma e a função dos objectos com a sua estrutura</u>		
		FORMA	Percepção Visual da Forma Qualidades: formais, geométricas e expressivas.	Compreender que a percepção visual das formas envolve a interacção da luz-cor, das linhas, da textura, do volume, da superfície, etc. (aprofundamento do 2º Ciclo)		
Factores que determinam a forma dos objectos Físicos – Propriedades dos materiais	Escolher os materiais a utilizar na resolução de problemas de design, em função das suas propriedades físicas.					
Económicos – Mão-de-obra, materiais, tempo, conservação, produção industrial e prod. artesanal, produção em série e elementos e módulos.	Compreender a importância do factor económico considerando como condicionantes do design a mão-de-obra, os materiais, o tempo e a conservação.					
		Funcionais – Função principal e subfunções, antropometria e ergonomia.	Distinguir entre a função principal e as subfunções de um objecto (por expl. guarda chuva, pega, etc.) Relacionar a forma dos objectos com as medidas e os movimentos do homem.			

interpessoal promotora da saúde e da qualidade de vida.	<p>subtractiva, contraste e harmonia e suas implicações funcionais.</p> <p>Aplicar os valores cromáticos nas suas experimentações plásticas.</p> <p>Criar composições a partir de observações directas e de realidades imaginadas utilizando os elementos e os meios da expressão visual.</p>		Estéticos	Fundamentar a escolha de uma entre várias formas que satisfaçam todos os factores considerados.	<p>Material</p> <p>INSTRUMENTOS</p> <p>Trabalhos práticos</p> <p>Trabalhos de casa</p> <p>Trabalhos de grupo/individuais</p> <p>Questionários orais</p> <p>Relatórios</p> <p>Grelhas de observação</p> <p>Auto e heteroavaliação</p>
		LUZ-COR	A COR-LUZ NO AMBIENTE	<p>Compreender os efeitos da cor na percepção do mundo envolvente.</p> <p>Utilizar os efeitos da cor na melhoria da qualidade do ambiente.</p> <p>Aplicar os conhecimentos adquiridos sobre a cor sensação e a influência da cor no comportamento</p>	

		COMPETÊNCIAS COGNITIVAS - 70%														COMPETÊNCIAS RELACIONAIS - 30%																							
Nr.	Nome	1- Processos criativos					2- Técnicas					3- Conceitos			%													%	100%	Nível									
		10%	10%	5%	10%	10%	1.5%	1.5%	2%	5%	2.5%	2.5%	2.5%	2.5%		2.5%	2.5%	2%	4%	3%	3%	4%	3%	3%	4%	4%													
		Alargamento de conhecimentos	Diversidade de ideias	Fundamentação da escolha entre alternativas	Desenvolvimento do trabalho	Concretização do trabalho	Qualidades formais	Qualidade expressivas	Qualidades criativas	Capacidade de representar	Domínio	Adequação	Expressão não condicionada	Rigor	Formação e alargamento	Apreciação verbal	70%	Motivação	Interesse	Organização	Autonomia	Superação de obstáculos	Pontualidade	Empenho	Material	Assiduidade	30%	100%	Nível										
2	Cláudia Brito	100	10	100	10	100	5	100	10	100	10	100	10	100	10	100	10	100	2	100	4	100	3	100	3	100	4	100	3	100	3	100	4	30	100				
3	Débora Caires	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
4	Diogo André Pestana	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
5	Diogo João Casarola	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7	Estrela Franco	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
8	Fabiana Rodrigues	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10	Joana Martins	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
14	Mafalda Marques	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15	Manuel Nascimento	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17	Sara Sousa	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Realizado pelas professoras estagiárias - 2º grupo de Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário

Andreia Tomás
Carolina Martins
Helena Rodrigues
Neide Ferreira
Teresa Barros

Nr.	Nome	COMPETÊNCIAS COGNITIVAS - 70%														%	COMPETÊNCIAS RELACIONAIS - 30%										%	100%																										
		1- Processos criativos					2- Técnicas				3- Conceitos		70%	COMPETÊNCIAS RELACIONAIS - 30%																																								
		10%	10%	5%	10%	10%	1.5%	1.5%	2%	5%	2.5%	2.5%		2.5%	2.5%		2.5%	2.5%	2%	4%	3%	3%	4%	3%	3%	4%			4%																									
2	Cláudia Brito	100	8	90	8	85	4	95	10	90	10	90	1,5	100	1,5	100	2	100	5	100	2,5	100	2,5	100	2,4	100	2,5	100	2	80	1	63,3	100	2	100	4	100	3	100	3	100	4	100	3	100	3	100	3	100	4	29	92		
3	Débora Caires	90	9	80	8	70	3	85	9	85	8	80	1,2	100	1,3	100	2	90	5	90	2,4	90	2,4	90	2,2	80	2,4	80	2	80	2	59,3	90	1,8	100	4	100	3	100	2	100	3	100	3	100	4	100	4	27,8	87				
4	Diogo André Pestana	70	7	55	7	40	3	65	7	70	5	60	1,0	70	1,0	60	1	70	3	70	1,9	60	2,2	70	2,0	60	2,0	70	1	70	1	44,9	60	1,2	60	2,4	60	1,5	60	1	80	2	100	2	60	2	100	3	100	3	100	4	19,1	64
5	Diogo João Ferreira	80	8	70	8	65	4	75	8	80	9	70	1,2	70	1,3	80	2	70	4	70	2,2	80	2,3	80	2,1	70	2,3	80	2	90	2	56,9	100	2	100	3	90	2	80	2	90	2,5	100	3	100	3	100	3	100	4	24,9	82		
7	Estela Franco	80	7	80	4	65	0	80	2	85	0	80	0,5	90	0,5	100	0	100	2	100	1,0	100	0,0	90	1,0	90	0,0	90	1	60	1	20,0	90	1	90	2	70	1,5	80	1	80	1	90	1	90	1,5	100	3	100	2	14	34		
8	Fabiana Rodrigues	90	9	85	10	85	5	90	9	90	9	90	1,5	90	1,5	90	2	90	5	90	2,4	90	2,5	90	2,4	90	2,3	100	2	90	2	65,7	100	2	100	4	100	3	100	3	100	4	100	3	100	4	100	4	30	96				
10	Joana Martins	80	8	70	9	65	4	75	9	80	9	80	1,3	80	1,3	90	2	80	4	80	2,4	80	2,4	80	2,3	80	2,3	80	2	70	2	61,4	90	2	90	4	90	3	80	2	80	3	100	3	90	3	100	4	100	4	28,4	90		
13	Leandro Moniz	0	7	0	7	0	3	0	7	0	5	100	1,0	100	1,2	90	1	90	3	100	1,8	100	2,2	100	2,1	70	1,9	100	1	100	1	45,6	60	2	60	3	60	1	100	1	60	2	100	3	60	2	100	3	100	4	21	67		
14	Mafalda Marques	90	9	85	10	75	5	85	10	90	9	90	1,4	90	1,5	90	2	90	5	90	2,4	90	2,4	90	2,4	90	2,4	90	2	70	2	66,5	90	2	100	4	100	3	100	3	100	4	100	3	100	4	100	4	30	96				
15	Manuel Nascimento	80	8	70	6	65	4	75	8	80	9	90	1,3	80	1,1	80	1	80	3	80	2,0	90	2,3	90	2,0	90	2,2	80	1	60	1	51,6	70	2	80	3	80	3	100	3	90	4	100	3	90	3	100	4	100	4	29	81		
17	Sara Sousa	80	9	75	9	65	4	75	10	85	9	80	1,5	80	1,5	80	2	80	5	80	2,5	90	2,4	80	2,4	80	2,4	90	2	60	2	64,8	80	2	80	3	90	3	90	3	90	4	100	3	80	3	100	4	100	4	28,7	94		

Professoras estagiárias - 2º grupo de Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário

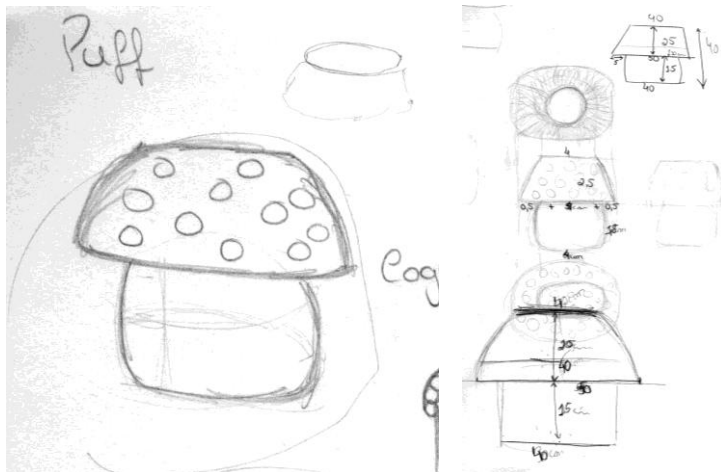
Docente estagiária: Helena Rodrigues

Prática de Ensino supervisionado pela Professora Cooperante Cristina Duarte

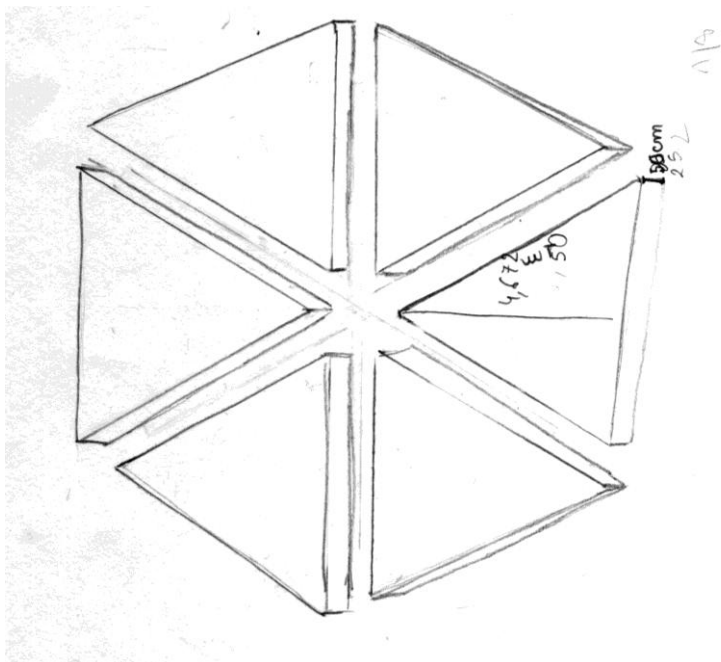


Plano de aula da disciplina de **Educação Visual**, professora orientadora Ana Cristina Duarte

Turma 5 do 9º ano - Ano lectivo: 2009/2010



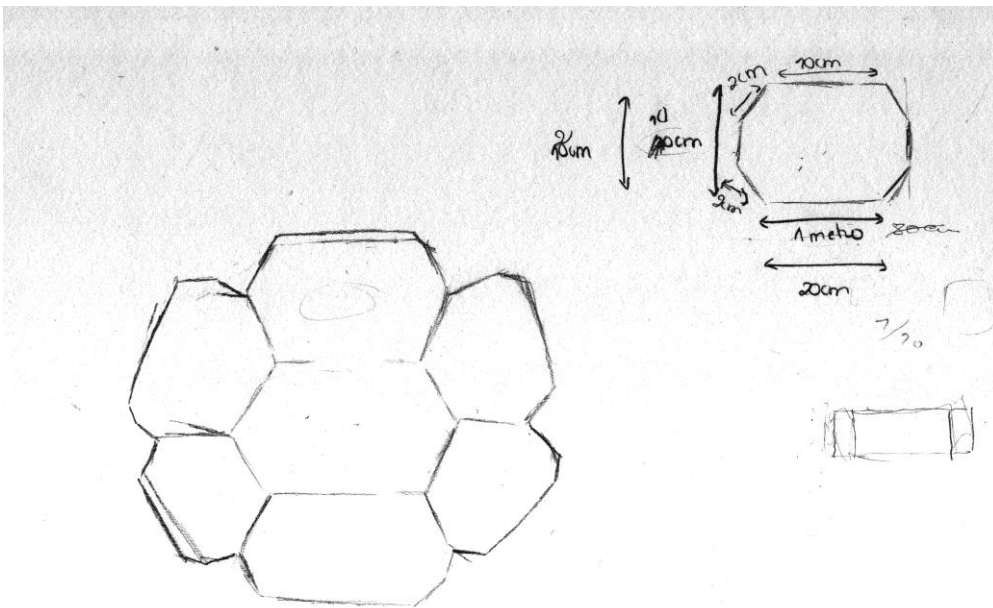
Fabiana



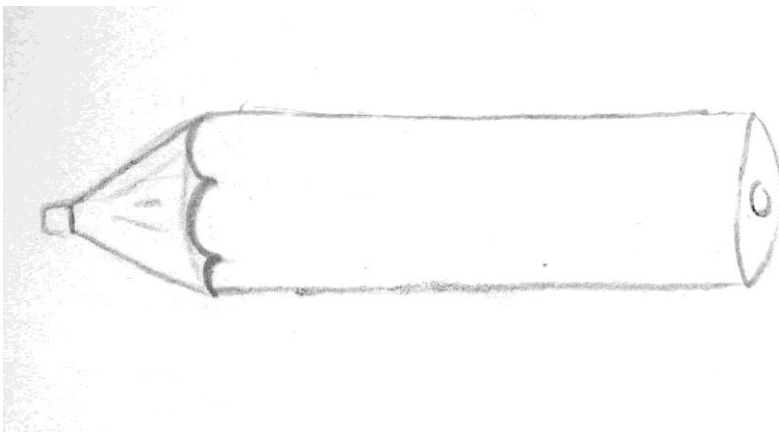
Cláudia



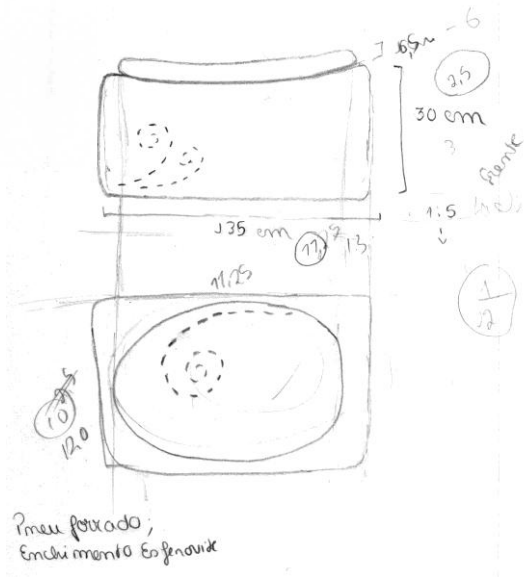
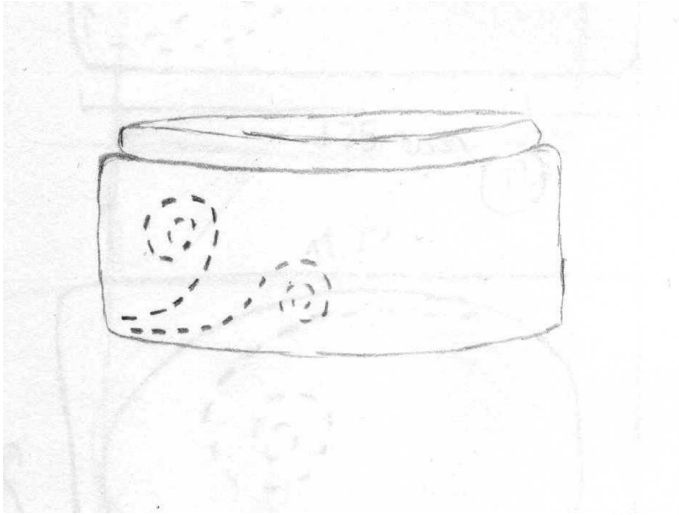
Mafalda



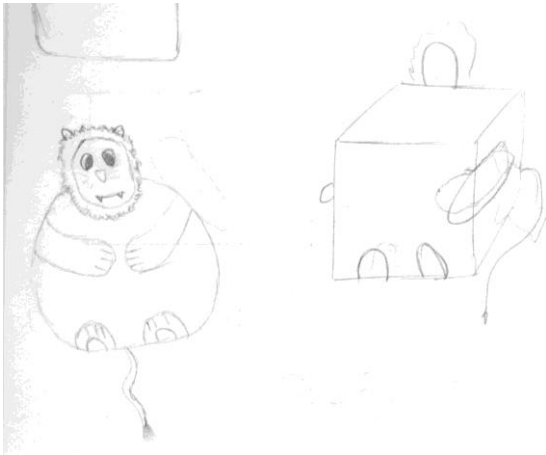
Débora



Sarah



Sarah



Diogo André